



Universidade de Aveiro Departamento de Línguas e Cultura
Ano 2013

Henrique Manuel da Silva Pereira O Universo Cultural do Poeta Guerra Junqueiro



**Henrique Manuel da
Silva Pereira**

O Universo Cultural do Poeta Guerra Junqueiro

Relatório complementar dos trabalhos apresentados à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Cultura Portuguesa, realizado sob a orientação científica do Doutor Luís Machado de Abreu, Professor Catedrático do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro.

A DOMITÍLIA GUIOMAR,
porque o filho guarda a memória. E porque muitas destas páginas foram
escritas por entre sobressaltos, ao abrigo de um Pinheiro Manso, embaladas
por uma canção meninimal, na brisa de uma saudade antecipada.

À saudosa memória de meu Pai,
HENRIQUE DA SILVA PERERIA

o júri
presidente

Prof. Doutor Jorge Ribeiro Frade, Professor Catedrático da Universidade de Aveiro.

Prof. Doutor Luís Machado de Abreu, Professor Catedrático Aposentado da Universidade de Aveiro. (Orientador)

Prof. Doutor Nuno Manuel Gonçalves Júdice Glória, Professor Associado da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Prof. Doutor António Cândido Valeriano Cabrita Franco, Professor Auxiliar com Agregação da Universidade de Évora.

Prof.^a Doutora Manuela Maria Fernandes Penafria Rosário, Professora Auxiliar da Universidade da Beira Interior.

Prof.^a Doutora Maria Manuel Rocha Teixeira Baptista, Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro.

agradecimentos

Também a Gratidão guarda um mistério irreduzível à voz e às palavras, no mais íntimo dos silêncios. Bom seria talvez deixá-la assim. Mas há presenças fiéis e benfazejas que tornam o silêncio incapaz. A nossa gratidão, pois:

– a minha Mãe, Domitília Guiomar. Sem o saber, na brumosa infância em que se encontra, foi, também neste caminho, regaço e força.

– a Elena Cueto, por todas as Mensageiras; a Nieves del Divino Corazón, por todas as Irmãzinhas do Pinheiro Manso, extensão da minha casa; a Isabel Castro; a José Eduardo Franco; a Júlia Correia; a Otília Martins; a Paula Serra, e a quantos, como eles, cerziram laços mais fortes que o sangue.

– a Luís Machado de Abreu. Se um dia eu tudo esquecer, com o coração agradecido me lembrarei de si.

palavras-chave

Guerra Junqueiro, Poética, Crítica, Recepção, Estética, Política, Religião.

resumo

Guerra Junqueiro (1850-1923) Poeta e *persona* poliédrica, porventura a mais controvertida da história da modernidade portuguesa, é a personalidade em torno da qual se desenvolve este trabalho.

Dividido em duas partes, visa a primeira enquadrar e contextualizar a recepção dos estudos e imagens do Poeta. A segunda dá conta dos trabalhos que vimos desenvolvendo em áreas, aspectos e formatos diferenciados, visando a análise da criação cultural de Guerra Junqueiro.

keywords

Guerra Junqueiro, Poetics, Criticism, Reception, Aesthetics, Politics, Religion.

abstract

Guerra Junqueiro (1850-1923), poet and multifaceted persona, is probably the most discussed figure in Portuguese modernity. This work revolves around him. Divided in two parts, the first one aims to contextualize the reception of the images and studies about the poet. The second presents the work we have been developing in diverse areas, aspects and formats, with the purpose of analyzing the cultural creation of Guerra Junqueiro.

INTRODUÇÃO	5
I. GUERRA JUNQUEIRO: CONTEXTUALIZAÇÃO E IMAGENS	7
1. AS DUAS QUESTÕES: A RELIGIOSA E A POLÍTICA	9
2. QUESTÃO LITERÁRIA	11
2. 1. MONIZ BARRETO	11
2. 2. ANTÓNIO SÉRGIO E RAUL PROENÇA /SEARA NOVA	14
2. 3. FERNANDO PESSOA	20
3. A CRÍTICA LITERÁRIA DE ANTÓNIO SÉRGIO	23
4. SOPREPOSIÇÃO DE LENTES: FRAGMENTAÇÃO DE JUNQUEIRO	27
4. 1. ANTÓNIO SARDINHA	29
4. 2. HOMENAGEM NACIONAL E FUNERAIS DO POETA	34
5. A POSTERIDADE DE GUERRA JUNQUEIRO	41
5. 1. HISTÓRIAS DA LITERATURA	42
5. 2. HOMENS DA <i>PRESENÇA</i> E AFINS	45
5. 2. 1. VIEIRA DE ALMEIDA (1888-1962)	45
5. 2. 2. <i>PUM-PUM E PAM-PAM</i>	47
5. 2. 3. JOÃO GASPAR SIMÕES (1903-1987)	48
5. 2. 4. ADOLFO CASAIS MONTEIRO (1908-1972)	58
5. 2. 5. JOSÉ RÉGIO (1901-1969)	61
5. 3. AMORIM DE CARVALHO (1904-1976)	64
5. 4. CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE G. JUNQUEIRO (1950) E LOPES DE OLIVEIRA (1881-1971)	69
II. INVESTIGAÇÃO PESSOAL: GUERRA JUNQUEIRO	75
1. PRIMEIRA IMAGEM E DESPERTAR	77
2. DESENVOLVIMENTO E TRABALHO EM PROGRESSO	83
2. 1. BIBLIOGRAFIA	83

2. 2. COLÓQUIO, BIOGRAFIA E EPISTOLÁRIO	86
2. 3. DISPERSOS	93
2. 3. 1. POESIA	93
2. 3. 2. PROSA	97
3. TRABALHOS SUBMETIDOS A APRECIACÃO	105
3. 1. TRABALHOS IMPRESSOS / [ANEXO. I]	105
3. 1. 1. GUERRA JUNQUEIRO: PERCURSOS E AFINIDADES (2005)	106
3. 1. 2. COLECÇÃO DE FAIANÇAS PENINSULARES DE GUERRA JUNQUEIRO (2005)	108
3. 1. 3. LITTRÉ E O PADRE SENA FREITAS: NO QUADRO DA POLÉMICA ENTRE SENA FREITAS E JUNQUEIRO: NOTAS PARA UM “CORRECTIVO” (2005)	109
3. 1. 4. <i>A LÁGRIMA</i> , DEPOIS DO TESTEMUNHO: G. JUNQUEIRO E ANTONIO REY SOTO (2006)	110
3. 1. 5. O CURA DA “ALDEIA” DE JUNQUEIRO: CONTRIBUTO PARA UMA OBRA COMPLETA (2008)	111
3. 1. 6. GUERRA JUNQUEIRO E AS MEDIAÇÕES FRANCESAS: TRADUÇÕES (2009)	111
3. 1. 7. GUERRA JUNQUEIRO, COLECCIONADOR DE ARTE: DA ARTE À ESTÉTICA OU DA TEOLOGIA COMO ESTÉTICA (2009)	112
3. 1. 8. NAUFRÁGIO DE UM EQUÍVOCO (2011)	113
3. 2. REVISITAR/DESCOBRIR GUERRA JUNQUEIRO: TRABALHOS IMPRESSOS E/OU EDITADOS EM DVD E ONLINE / [ANEXO. II]	113
3. 2. 1. <i>WEB: BLOG, SÍTIO, FACEBOOK</i> (2008 –)	115
3. 2. 2. A MÚSICA DE JUNQUEIRO (2009).	116
3. 2. 3. COLECÇÃO DE POSTAIS-CARICATURAS (2009)	118
3. 2. 4. LANÇAMENTO/CONCERTO: A MÚSICA DE JUNQUEIRO (2010)	119
3. 2. 5. À VOLTA DE JUNQUEIRO: VIDA, OBRA E PENSAMENTO (2010)	119
3. 2. 6. <i>A LÁGRIMA</i> (2010)	120
3. 2. 7. FIEL/NA FEIRA DA LADRA (HISTÓRIA DE UM PIANO) (2011)	121
3. 2. 8. EXPOSIÇÕES (2009, 2010, 2011) E DINAMIZAÇÕES ESCOLARES (2010-2012)	122
3. 2. 9. GUERRA JUNQUEIRO: DE FREIXO PARA O MUNDO (2010)	124
3. 2. 10. NOME DE GUERRA, A VIAGEM DE JUNQUEIRO. DOCUMENTÁRIO (2011)	124
3. 2. 11. NOME DE GUERRA, A VIAGEM DE JUNQUEIRO: O DOCUMENTÁRIO. OLHARES E ARGUMENTO (2011)	126
3. 2. 12. EVENTOS, CONFERÊNCIAS, ENTREVISTAS (2009-2012)	127
3. 2. 13. OUTROS	128
CONCLUSÃO	131

Em que te pese,
Faz essa tese,
Faz.
Sim, tese feita
Toda direita
E feita bem
Ficarás em
Paz.
(Guerra Junqueiro¹)

¹ Guerra Junqueiro, “A Queirós Veloso. (Ao correr do lupulo)”. *Obras de Guerra Junqueiro (Poesia)*. Organização e introdução de Amorim de Carvalho. Porto: Lello & Irmão, 1974, p. 1065. Doravante por *OGJ*.

INTRODUÇÃO

Diz-se que a glória de um morto está ao abrigo de reveses. É possível que assim seja. Mas os mortos calam-se e não se explicam senão a Deus. Apenas os poetas, diz-se, transpõem as fronteiras do tempo, continuando eternos e falantes na obra que lhes sobrevive.

Em vida, em Abril de 1907, na barra do tribunal, questionando-se-lhe a “ocupação”, Guerra Junqueiro declarou-se “poeta”². Com provável ironia, a resposta estabelecia, porém, uma inegável correspondência com a consciência que o réu tinha de si mesmo. Entendia ele, o poeta Guerra Junqueiro, que o “tempo”, “infalível e insubordinável”, era “o crítico dos críticos”. Por isso, comparava as “grandes obras” às “grandes montanhas”, concluindo que “de longe, vêem-se melhor”. No que respeita às “obras secundárias, essas, quanto maior for sendo a distância, mais imperceptíveis se irão tornando”³.

Decorridos cento e sessenta e dois anos sobre o nascimento do poeta Guerra Junqueiro e oitenta e nove sobre a sua morte, dir-se-ia ser tempo e distância bastantes para, sem sobreposição de lentes nem perda da profundidade de campo, se proceder a uma focagem mais serena e ajustada. Todavia, instaurar posições de equilíbrio no estudo da obra e seu autor, há décadas singularizado como nome de Guerra, é tudo menos fácil.

Desde cedo a obra de Junqueiro suscitou vagas de entusiasmo e repulsa de igual vulto. Se as primeiras foram manifestamente mais ruidosas em vida, não significa que as segundas não fossem audíveis; se as segundas ganharam peso e altura após a sua morte, não é líquido que as primeiras deixassem de se ouvir.

A crítica desenvolvida em torno do poeta raramente é da ordem da prova. Extremada entre a apoteose e o repúdio, poucas vezes é verdadeira e raramente é

² “Guerra Junqueiro: justiça de juizes e justiça do povo. Á face das togas proclama-se a ideia republicana. A palavra dum tribuno e a acusação dum “Reu”. O tribunal condena e o condenado triunfa. Aclama-se a maior figura portuguesa. E os juizes do rei...”. *A Voz Publica* (11 Abril 1907), p. 1, col. 3-8.

³ Guerra Junqueiro, *A Velhice do Padre Eterno*, Prefácio à segunda edição: *OGJ*, p. 328.

honestas. Parte substancial do que muitos sustentaram por escrito, de forma aparentemente especializada e isenta, tem por base a superficialidade e a coerção de questiúnculas políticas e religiosas. Julgamentos circunstanciais, aparentemente efémeros e simplistas, deitaram, não raro, raízes na posteridade. Esquecido o contexto em que emergiram, atribuiu-se-lhes valor de dado adquirido ou irrefutável. Também por via disso, Guerra Junqueiro foi sendo erodido quase até ao esquecimento.

O que adiante se apresenta configura um relatório complementar de trabalhos desenvolvidos sobre Guerra Junqueiro apresentados à Universidade de Aveiro, segundo os requisitos exigidos no “Art.º 64º do Regulamento de Estudos da Universidade de Aveiro, Regulamento n.º 214/2012”.

Numa primeira parte, tentaremos contextualizar e definir os contornos da recepção do poeta, bem como as imagens a ele associadas.

A segunda parte deste relatório reflecte um conjunto de trabalhos por nós desenvolvido, em áreas, aspectos e formatos diferenciados, sobre Guerra Junqueiro. Apresentado em dois Anexos, organiza-se da seguinte forma:

- I. Anexo I: Trabalhos Impressos;
- II. Anexo II: *Revisitar/Descobrir Guerra Junqueiro*: Trabalhos Impressos e/ou Editados em DVD e *Online*.

I. GUERRA JUNQUEIRO: CONTEXTUALIZAÇÃO E IMAGENS

1. AS DUAS QUESTÕES: A RELIGIOSA E A POLÍTICA

Com *A Velhice do Padre Eterno* (1885) Guerra Junqueiro sentenciou, em parte, o seu destino. Despertou a ira dos católicos e desse modo activou uma primeira batalha. Com ele, em aplauso e servindo-se daquela poesia como instrumento de militância, estavam os anticlericais. Se os católicos justamente reactivos não viram na obra o grito destemperado de um cristão, aos seus ruidosos apoiantes não era pedido que o vissem.

Com *Finis Patriae* (1891) e *Pátria* (1896), o poeta atacou a Monarquia e a plácida aliança entre o trono e o altar. Aos contundidos monárquicos aliam-se os católicos que há muito o tinham no ponto de mira e, assim, sem armistício da primeira, mais bem como prolongamento, Guerra Junqueiro abre uma segunda batalha, porventura de consequências mais pesadas. Com Junqueiro, em esdrúxula aclamação, encontram-se os republicanos e os anticlericais que viram a sua satisfação confirmada e dilatada na circunstância em que o destemido correligionário reiterou em tribunal precisamente o que ali o conduzia. Na iminência da implantação da República, encomendaram-lhe, a ele e a Bruno, o texto que a devia proclamar. O ideal exarado não se mostrava conforme ao pretendido por quem o encomendara. O texto acabou por ser relegado.

Não era a primeira nota suspeita que o aparelho recebia provinda do aclamado Poeta da Revolução. Meses antes do 5 de Outubro, em contra curso à opinião dominante, Guerra Junqueiro defendera a separação da Igreja e do Estado, mas “sem hostilidade para a Igreja e, reconhecendo que a Igreja tem uma missão social importante a desempenhar na sociedade portuguesa”. Em direcção radicalmente oposta se avançou. A Lei de Separação do Estado das Igrejas remetia a prática religiosa ao foro privado e ao interior dos templos, interditando quaisquer manifestações públicas dessa natureza. Daí que Junqueiro a impute de “Lei monstruosa” e “satânica”. A sua República, bem como a de alguns outros, era a liberdade e algemavam-se os crentes; era a igualdade, e escravizava-se a religião.

A Lei de Separação configurava um ponto de cisão, mesmo dentro do partido republicano. Sendo, à época, a questão religiosa a questão política por excelência, nela chocavam de frente as duas forças em conflito. Àquela atitude suspeita, os

republicanos anticlericais somavam as *Orações*, uma “infanda” nota aposta em certo texto das *Prosas Dispersas* e, por fim, o declarado apoio de Guerra Junqueiro à defesa do ensino religioso nas escolas. O ideal de Pátria que Guerra Junqueiro propunha assemelhava-se a panaceia de contrabandista para a latejante ferida monárquica. Por seu lado, aos católicos nada parecia bastante para subtrair os agravos infligidos com *A Velhice do Padre Eterno e Pátria*. No conjunto das duas obras liam “o evangelho do anticlericalismo em Portugal”⁴. Contudo, não se coíbiavam de fazer reverter em seu favor as posições da “última fase” do poeta.

De que lado se encontrava afinal o poeta? Do lado em que, com maior ou menor justiça, mas em acordo com a sua consciência, sempre esteve. O conhecido juízo auto-definitório, seja ele original ou retocado, segundo o qual “os políticos consideram-me um poeta; os poetas, um político; os católicos julgam-me um ímpio; os ateus, um crente”⁵, traduz satisfatoriamente o xadrez que tentámos esboçar.

Junqueiro sabia, desde cedo, que “a arte, especialmente a poesia, tem uma acção directa na vida e nos costumes”⁶. Apurou depois que “o embuste mais inacreditável, se o enxertarem com destreza num ódio político ou religioso, tem logo seiva para alimento, deita vergôntes e dá frutos”⁷. Pior, “a cínica audácia das injúrias, além do prazer que desperta em todos os malandros, é acolhida, embora com vaga indecisão, por muitos ingênuos e ignorantes”⁸. Retrospectivamente, do ponto em que nos encontramos, vê-se que o Poeta não podia ser mais certo no diagnóstico que traçou.

À luz das duas questões apontadas há-de pesar-se-lhe o passado e quase se lhe hipoteca o futuro, uma vez que a própria crítica literária feita à sua Obra, se bem que desejavelmente autónoma, será também ali enxertada.

⁴ Moreira das Neves, *Guerra Junqueiro: o homem e a morte*. Porto: Domingos Barreira, 1942, p. 47.

⁵ Luís de Oliveira Guimarães, *Junqueiro e o Bric-à-Brac*. Lisboa: Editora Gráfica Portuguesa, 1942, pp. 10-11.

⁶ Guerra Junqueiro, *A Morte D. João: OGJ* p. 139.

⁷ Guerra Junqueiro, “A execução de uma quadrilha”. *A Pátria* (23 Abril 1910), p. 3, col. 1. Este longo texto, ocupando dezanove colunas em três páginas, embora tardiamente, acabaria por ser recolhido em *Horas de Luta*. Porto: Livraria Lelo & Irmão, Editores, 1945, pp. 133-193.

⁸ Guerra Junqueiro, *Horas de Luta*, p. [135].

2. QUESTÃO LITERÁRIA

O poeta não foi imune à crítica literária, embora esta registre um número pouco mais que irrisório quando comparada à imensa bibliografia suscitada por outros pontos de vista lançados à sua obra e acção. Se não lhe foi imune, também nunca lhe deu resposta.

Na escassa produção textual de crítica literária, conta-se Gomes Leal, porventura o primeiro a apontar-lhe os defeitos. Considera *A Morte de D. João* “um esplêndido livro de versos dos mais notáveis que ultimamente se tem publicado em Portugal, e a mais brilhante estreia que modernamente se tem feito”. Indica o seu Autor como “um desses nobres espíritos que em Portugal prosseguem na viagem dolorosa e sublime do ideal, inflamado pelo culto da justiça”. Todavia, Gomes Leal não deixa de apontar e, do seu ponto de vista, de provar que “as inverosimilhanças e as inconsequências pululam” na obra⁹. Guerra Junqueiro leu a crítica. “É uma corja de disparates”, dirá, a partir de Freixo de Espada à Cinta, em 10 de Julho de 1874, em carta inédita a José Gomes Monteiro, guardada hoje no Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro. Nela prometia dar resposta ao crítico, nas páginas do *Diário Popular*. Mas, julgamos, não chegou a satisfazer o desejo. Pelo menos naquele jornal, nos tempos imediatos, não o fez.

2. 1. MONIZ BARRETO

Quando Moniz Barreto, em Julho de 1889, no primeiro número da *Revista Portugal*, publicou “A Literatura Portuguesa Contemporânea”¹⁰, Guerra Junqueiro era não apenas “colaborador efectivo” da revista dirigida por Eça de Queirós, como, no mesmo número, publicara “Ideal Moderno (resposta aos pessimistas)”¹¹. Foi a primeira e última colaboração do poeta na revista. Portanto, leu e por certo não

⁹ Gomes Leal, “A Morte de D. João”. *Diário de Notícias* (5 Jul. 1874), p. 1.

¹⁰ Moniz Barreto, “A literatura portuguesa contemporânea”. *Revista de Portugal*, nº 1 (1 Jul. 1889), pp. 1-40. Retomado autonomamente: *Idem, A literatura portuguesa no século XIX*. Prefácio de José Osório de Oliveira. Lisboa: Editorial Inquérito, [1940].

¹¹ Guerra Junqueiro, “Ideal Moderno (resposta aos pessimistas)”. *Revista de Portugal*, nº 1 (1 Jul. 1889), pp. 64-66. Recolhido, com o título “Ideal Negativo” e com substanciais alterações, em *Poesias Dispersas*. Cf. *OGJ*, pp. [794]-795.

gostou do que Moniz Barreto escreveu a seu respeito: “Quando se procura a fórmula do espírito de Guerra Junqueiro acha-se que ele é muito mais orador que poeta e que tem muito mais eloquência do que imaginação”¹²; ou ainda: “a reputação poética de Guerra Junqueiro é superior aos seus méritos, como a de Gomes Leal é inferior ao valor próprio”¹³. Moniz Barreto compara *A Morte de D. João* com o *Anti-Cristo* de Gomes Leal. Em ambos nota a falta de aptidão épica. A “aptidão de sarcasta” era, a seus olhos, a “verdadeira vocação” de Junqueiro. Neste ponto, não vai além do que, quatro anos antes, escrevera Luís de Magalhães na revista *Ocidente*: “Se Guerra Junqueiro é grande na poesia lírica – na sátira então é culminante, é genial”. Para o autor de *Odes e Canções* era também essa a “nota própria e pessoal”, por meio da qual o “temperamento e a feição” do “génio” de Junqueiro “ferem com mais espontaneidade”. Moniz Barreto não foi por certo indiferente a esse texto¹⁴.

Por justiça a Moniz Barreto, devemos sublinhar que a sua crítica teve por base apenas dois livros de Guerra Junqueiro, *A Morte de D. João* e *A Velhice do Padre Eterno*. Mas cumpre questionar por que razão ignorou ele *A Musa em Férias*, uma vez que, excluídos os poemetos, eram estas, à data, as três obras publicadas por Guerra Junqueiro. Terá o crítico da *Revista de Portugal* considerado *A Musa em Férias*, editada em Abril de 1879, uma obra menor ou incaracterística? A ser assim, julgamos que fez mal. Por dois motivos essenciais. Por um lado, no conjunto das três, talvez ela consubstancie melhor a originalidade e valor do Poeta, incluindo “essa torrente caudal de emoções profundas que deriva de um verdadeiro temperamento lírico”, que ele, afinal não encontrou. Por outro lado, é também a que mais claramente indica “as naturais directrizes da sua própria e independente evolução”¹⁵. Editada em 1874, muito do que se lê em *A Morte de D. João* remonta, pelo menos, a 1870. No que respeita à *Velhice do Padre Eterno*, publicada em 1885, repetidamente e por escrito, o

¹² Moniz Barreto, “A literatura portuguesa contemporânea”. *Revista de Portugal*, nº 1 (1 Jul. 1889), p. 28.

¹³ *Ibidem*, p. 31.

¹⁴ Luiz de Magalhães, “Guerra Junqueiro”. *O Occidente (Revista Illustrada de Portugal e do Estrangeiro)*. Lisboa, nº 240 (21 Ago. 1885), pp. 186-188.

¹⁵ João de Castro Osório, “A verdadeira grandeza do poeta Guerra Junqueiro”. *O Ocidente*, nº 149 (Set. 1950), p. 119.

seu Autor declarou estar ela “quase concluída” em 1879¹⁶. Assim perspectivadas, não será exagero dizer-se que eram produtos de um Poeta em formação. Junqueiro estava amarrado ainda por influências várias, das quais releva a incontinência verbal, o torrencialismo e diluição prolixa do pensamento com que então Vítor Hugo ruidosamente triunfava e o seduzia. Não por acaso, de forma justa e injusta, se apodou Guerra Junqueiro de “Hugo português”. Conquanto nunca deixasse de lhe tributar admiração, esquece-se com frequência que Junqueiro fez uma gradual e inequívoca libertação em relação ao autor francês.

Moniz Barreto parece ter igualmente esquecido que *A Morte de D. João* e *A Velhice do Padre Eterno* eram obras de batalha, visavam dois ataques precisos, a D. João e a Jeová. Considerando esta teleologia, a retórica, a eloquência e a veia sarcástica afirmavam-se como armas fundamentais e adequadas. Em 1889, aquele crítico não podia conhecer *Os Simples* (1892), muito menos a *Pátria* (1896)¹⁷. Mas como pôde ele não descobrir a imaginação épica em *A Morte de D. João*, uma vez que já ali claramente se patenteia? Em todo o caso, Guerra Junqueiro nunca deu pública resposta ou contestação à crítica de Moniz Barreto.

Com igual silêncio reagiu a Ramalho Ortigão, quando este – em Fevereiro de 1891, no quadro da recepção do *Finis Patriae*, e consubstanciando de forma expressiva as críticas de facção monárquica de que o poemeto de Junqueiro foi alvo – publicou o artigo *Finis Patriae e a retórica*¹⁸. Quando Camilo Castelo Branco, em 1879, esquecido talvez dos elogios que lhe tecera, o maltratou e o acusou de plágio¹⁹, foi também com silêncio público que Guerra Junqueiro o acatou.

¹⁶ Guerra Junqueiro, *A Velhice do Padre Eterno*: OGJ, p. [451].

¹⁷ Dado sintomático do abandono a que a obra de Guerra Junqueiro tem sido votada é a “Nota introdutória” inscrita em recente edição de *Os Simples*, onde pouco mais se lê que o primeiro parágrafo dos dois que Moniz Barreto dedicou ao Poeta. Cf. Além de breves dados biográficos (como “Guerra Junqueiro nasceu em 7 de Julho de 1883”, quando realmente nasceu a 15 de Setembro de 1850, ou que morreu “em 7 de Junho de 1923, quando realmente morreu em 7 de Julho daquele ano”) “Nota introdutória”, não paginada, a: Guerra Junqueiro, *Os Simples*. Mem Martins: Publicações Europa-América, D. L., 1998.

¹⁸ Ramalho Ortigão, “Finis Patriae e a retórica”. *Gazeta de Notícias*. (28 Fev. 1891). Texto que foi depois integralmente coligido em Idem, *Figuras e questões literárias: Perfis de escritores e problemas de estilo*. Lisboa: Livraria Clássica Ed., 1945, vol. 2, pp. 209-217.

¹⁹ Camillo Castello Branco, *Cancioneiro Alegre de Poetas Portuguezes e Brasileiros*. Porto-Braga: Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1879, pp. [1]-14.

Em rigor, o Poeta nunca travou uma polémica literária. E por um bem simples motivo o não fez: “Nunca discuti, nem jamais discutirei com quem quer que seja, o valor literário duma obra minha”²⁰. Afirmou-o em 1887, no prefácio à segunda edição de *A Velhice do Padre Eterno*, estando, na circunstância, subjacente e dolorosamente próximo o bisturi de Sena Freitas.

Em todo o caso, como atrás dissemos, também a “crítica literária”, desejavelmente autónoma, será enxertada nas questões políticas e religiosas. Aliás, era uma questão de tempo para que aparecesse uma inteligência mais poderosa, lúcida e capaz de ver o que poucos tinham visto ou pelo menos tinham ousado dizer.

2. 2. ANTÓNIO SÉRGIO E RAUL PROENÇA /SEARA NOVA

A questão propriamente dita do “caso literário de Junqueiro”²¹, embora com raízes longínquas, mas não despiciendas, no texto de Moniz Barreto (1889), tem início na década de 20 do século passado, com “O caprichismo romântico na obra do Sr. Junqueiro”, célebre texto que António Sérgio publicou no fecho do primeiro volume dos *Ensaio*s²². Ali, começa por declarar que não se trata “de críticas *literárias* a um poeta”, nem “de coroar com elogios, ou de apolear com repreensões, a beleza ou a fealdade que possam existir nas suas obras; trata-se da natureza dos seus livros como instrumentos de formação humana”²³. Na posição de pedagogo, cingindo o ponto de vista ao plano psicológico-social²⁴, o autor do “caprichismo” entende que Junqueiro, “escritor de ideias e de propaganda”²⁵, “entrou na massa dos que sabiam ler: o seu espírito proliferou nas ruas”²⁶, devendo-se isso, por um lado, à “histeria

²⁰ Guerra Junqueiro, *A Velhice do Padre Eterno: OGJ*, pp. [327].

²¹ Óscar Lopes e António José Saraiva, “Guerra Junqueiro”. In *História da Literatura Portuguesa*, 12ª edição, corrigida e actualizada. Porto: Porto Editora, [1982], p. 979.

²² António Sérgio, “O Caprichismo Romântico na Obra do Sr. Junqueiro”. In *Idem, Ensaio*s. Rio de Janeiro-Porto, 1920, vol. 1, pp. 307-343.

²³ *Ibidem*, p. 310.

²⁴ *Ibidem*, p. 425.

²⁵ *Ibidem*, p. 411.

²⁶ *Ibidem*, p. 411.

romântica”²⁷ de Junqueiro e, por outro lado, aos “vícios mentais” da sociedade e seus característicos intelectuais²⁸. Tal histeria, segundo a crítica sergiana, manifesta-se no palavreado anárquico, na “inércia do senso crítico”²⁹, no “rumor ingrato dos trovões de lata”³⁰, no “simplismo sebastianista”³¹, nas “verborreias vácuas”³² ou “verbomania incongruente”, no “abstractivismo simplista de improvização sentimental” ou no “subjectivismo incontinente e tumultuoso”³³, na “belicosidade furibunda contra demónios imaginários”³⁴, etc. Por via dessas e outras qualidades – com as quais Junqueiro seduzira e alimentara propagandistas e ateus, “toda a anatomia putredinosa com que se quis adubar a sociedade” e porque “a ele, finalmente, se foi buscar a inspiração poética do revolucionarismo que por aí tivemos” – António Sérgio entende que o poeta “ficou o representante mais completo da mentalidade que domina a grei”³⁵. Posto isto, a conclusão parece lógica: “a substância da obra de Guerra Junqueiro encarna a mais nociva e perturbadora das espécies mentais indesejáveis”³⁶, quer enquanto “escritor de ideias”, quer enquanto “poeta político, filosófico, orientador e profetizante”³⁷.

Assim, outrora “gigante”, “génio”, “símbolo augusto e santo da Raça Portuguesa”, “cerebração máxima”, “grande poeta da Península”, “o maior poeta da latinidade” e, para Unamuno, um dos maiores do Mundo, o Poeta estava reduzido a “grande verzejador, pequeno espírito e espirrador de frases vácuas”³⁸. Fosse mais pequena a personalidade a combater e, por certo, a ira dionisíaca de António Sérgio não seria tão implacavelmente demolidora. Guerra Junqueiro experimentava o ferro com que

²⁷ *Ibidem*, pp. 314.

²⁸ *Ibidem*, pp. 430-431.

²⁹ *Ibidem*, p. 344.

³⁰ *Ibidem*, p. 381.

³¹ *Ibidem*, p. 393.

³² *Ibidem*, p. 494.

³³ *Ibidem*, p. 333.

³⁴ *Ibidem*, pp. 335-336.

³⁵ *Ibidem*, p. 411.

³⁶ *Ibidem*, pp. 431-432.

³⁷ *Ibidem*, p. 432.

³⁸ *Ibidem* pp. 307-434.

matara D. João, o velho Jeová e a Monarquia. Curioso é que crítico e criticado, embora de maneiras e por meios muito diversos, visavam desígnio afim: reformar as mentalidades, para assim se construir “uma sociedade democrática mais justa, mais igualitária e aberta a um humanismo universalista”³⁹. É isso que orienta e conduz a obstinação fustigadora de ambos. O que os separa – como de resto separa Sérgio e Proença do eixo de pensamento de Bruno-Pascoaes – não é “a reforma de mentalidades e a necessidade de educarem o País” mas justamente “o modo de o fazer”⁴⁰.

No imediato, Raul Proença desejou que António Sérgio, seu declarado “amigo íntimo”, melhor, “irmão”⁴¹, tivesse sido “por um lado, mais impiedoso, e por outro lado mais justo”⁴². Isto é, “mais impiedoso para a atitude do homem perante a vida, para o seu cabotinismo [...]; para o seu tolstoísmo de empréstimo; para a falta de sinceridade da sua última moda literária”⁴³. Caberia, neste ponto, tratar das estreitas relações de Guerra Junqueiro com Teixeira de Pascoaes, com a *Águia*, em suma, com o “saudosismo”, “cuja fragilidade filosófica [...] Sérgio tão implacavelmente denunciara”⁴⁴ e de cuja “misticice” – dessa e de outras “de igual jaez que por volta de 1910 bretojearam a inteligência portuguesa”⁴⁵ – Proença se separara⁴⁶. Haveria

³⁹ Sérgio Campos Matos, “António Sérgio na cultura histórica portuguesa”. In *António Sérgio: Pensamento e Acção*, vol. 2, pp. 224/ pp. 199-225.

⁴⁰ António Cândido Franco, “António Sérgio e Teixeira de Pascoaes ou o conflito cultural português. In *António Sérgio: Pensamento e Acção*, vol. 1, pp. 158/ pp. 139-161.

⁴¹ Raul Proença, “Um livro de claridades e de sombras”. *Seara Nova*, nº 3 (20 Nov. 1921), p. 77. Sobre esta sólida amizade, na qual terão influído as célebres *Epístolas aos Saudosistas*, ver: António Reis, *Raúl Proença: Biografia de um intelectual político republicano*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003, vol. 1, pp. 190-193. Não admira, portanto, que a segunda edição dos *Ensaíos*, 1949, seja dedicada “À memória de Raul Proença – herói do civismo, carácter íntegro, inteligência lúcida, – meu muito leal e esforçado irmão de armas em já longes tempos da ‘Seara Nova’ [...]”.

⁴² Raul Proença, “Um livro de claridades e”, p. 80.

⁴³ *Ibidem*, p. 80.

⁴⁴ António Reis, *Raúl Proença: Biografia de um intelectual político republicano*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003, vol. 1, p. 298.

⁴⁵ Raul Proença, “Um livro de claridades e”, p. 77.

⁴⁶ E os motivos poderão ser encontrados em leitura atenta a dois textos e seus contextos: Teixeira de Pascoaes, “Ao Povo Português: A Renascença Lusitana”. *A Vida Portuguesa*, nº 1 (31 Out. 1912), pp. 10-12; Raul Proença, “Ao Povo: A Renascença Portuguesa”. *A Vida Portuguesa*, nº 1 (31 Out. 1912), pp. 11-12.

também lugar a tratar, no âmbito das referidas “misticices” doutrinárias e estéticas, do manifesto da Cruzada Nun’Álvares. Dir-se-ia então que, para cúmulo, também Guerra Junqueiro, a partir do Porto, a ela tinha aderido, por carta de 16 de Maio de 1921:

Aí vai a minha adesão à Cruzada Nuno Álvares. Infelizmente só posso dar-lhe o meu nome e os votos ardentes do meu espírito. Estou inválido.
Na *Pátria* identifiquei Portugal com Nuno Álvares, Portugal sublimado chama-se Nuno Álvares, é o herói ideal porque morreu santo. A santidade é o heroísmo do espírito na vida eterna. Vasco da Gama foi de Lisboa à Índia. Nuno Álvares foi de Aljubarrota ao céu.
Se queremos salvar a Pátria, adoremos Nuno Álvares e glorifiquemos Camões religiosamente, tomando-os por guias e condutores.⁴⁷

Pior, para Proença, era que a dita Cruzada não estava “intelectualmente, isolada na sociedade portuguesa” dos seus “vícios mentais” sofriam também “todos os orfeístas, futuristas, integralistas, nacionalistas, saudosistas” que em Portugal “ergueram o bárbaro pendão da frase vácuca e da confusão do espírito”⁴⁸.

Mas a que se referia o pedido de justiça por parte do prestigiado membro do “Grupo da Biblioteca”? “Estimaríamos que António Sérgio fosse mais justo para com o poeta, sobretudo para com o poeta satânico e voluptuoso”, pois concede a Junqueiro a ocasional revelação de “um sentimento vivo da natureza, um estranho poder de sugestão e até uma força de imaginação que não são de desdenhar”. Grave, aos olhos de Proença, é que Sérgio prefira “aos alexandrinos tantas vezes tersos e vibrantes de Junqueiro os moles e linfáticos alexandrinos do mole e linfático” António de Castilho⁴⁹. Na mesma *Seara Nova*, Câmara Reis considera, “como Raul Proença, exageradas” as “restrições formidáveis” feitas por Sérgio e aconselha a que se aceite “a grande obra do poeta, em bloco, com todos as suas maravilhas e os seus defeitos”, sem a avaliar “só pelos cânones da erudição do racionalismo, da sintaxe e da prosódia”. Mais, “evitemos espulgar miudamente, com um acanhado exagero, a

⁴⁷ Reproduzida em vários jornais, designadamente: *A Época* (22 Jun. 1921), p. 4 ; “Uma carta de Guerra Junqueiro”. *Correio de Coimbra* (6 Jun. 1936), p. 1. col. 4.

⁴⁸ Raul Proença. “O manifesto da Cruzada Nun’Álvares”. *Seara Nova*, nº 5 (5 Dez. 1921). *Apud* António Reis, *Raúl Proença: Biografia de*, vol. 1, p. 298.

⁴⁹ Idem, “Um livro de claridades e”, p. 80.

esplendida pele do leão de Nemêa”⁵⁰. Assim, “seria milagre que todos os homens da *Seara Nova*⁵¹ tivessem sobre a tão discutida figura literária de Junqueiro uma opinião unânime. Pelo contrário, não podem ser mais discordantes os seus juízos”⁵², declara Raul Proença. Entende ele que se perdeu “todo o sentido das proporções” e que toda a “crítica se encerra nos dois termos antinómicos dum dilema: a apoteose ou a descompostura, as glorificações do capitólio ou as violências da Rocha Tarpeia”. Por justiça ao crítico e ao poeta, impunha-se que aqui se fizessem outras e mais extensas citações da sua análise. Cinjamo-nos a estas: “sob nenhum aspecto a última fase de Junqueiro marcou um progresso sobre as fases anteriores”. Mesmo a *Oração à Luz*, “em que muitos pretenderam ver a maior maravilha da poesia contemporânea”, é, a seus olhos, “como forma, prosa rimada, e da pior, como pensamento a ideia tantas vezes poetada por Junqueiro, da eterna evolução de todas as coisas”⁵³. Portanto, e na prossecução do seu conhecido vaticínio, “é como poeta satírico e como poeta erótico que Junqueiro ficará na história literária portuguesa”. Assim, “Junqueiro ocupa apenas um dos primeiros postos entre os nossos escritores de segunda ordem”, remata Proença⁵⁴. Pouco depois, era Junqueiro já morto, em resposta a Bourbon de Menezes, sustenta que, em relação a Junqueiro, não é “nem apologista nem fundibulário”⁵⁵ e que “toda a questão está em saber se o consenso geral o não colocou num plano que lhe não compete”⁵⁶, pois tivesse havido crítica em Portugal, “não

⁵⁰ C. R., “Quarenta imortais. I – Guerra Junqueiro”. *Seara Nova*, nº 4 (5 Dez. 1921), p. 107.

⁵¹ Cujo corpo directivo era formado por ele próprio, R. Proença, bem como por Aquilino Ribeiro, Augusto Casimiro, Faria de Vasconcelos, Ferreira de Macedo, Francisco António Correia, Jaime Cortesão, José Azevedo Perdigão, Luís da Câmara Reis e Raul Brandão. Este, curiosamente no mesmo número em que Proença iniciou o seu depoimento sobre Junqueiro, parecia aplaudir o “idealismo” do poeta, em consonância com um tal António Lourenço que o fora pregar “às turbas de Lisboa”: “O que deu cabo da república foi a falta de idealismo dos seus homens, foi a horrível inteligência da maior parte dos políticos, que não compreenderam o povo português”. Raul Brandão, “O homem que veio a Lisboa pregar Deus ao Dr. Afonso Costa”. *Seara Nova*, nº 3 (20 Nov. 1921) pp. 73-74. Texto retomado, com adaptações e omissões em Idem, *Memórias*. Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, [1925], pp. 166-172.

⁵² Raul Proença, “Guerra Junqueiro”. *Seara Nova*, nº 25 (Jul. 1923), p. 2.

⁵³ *Ibidem*, p. 3.

⁵⁴ *Ibidem*, p. 4.

⁵⁵ Idem, “Ainda Guerra Junqueiro”. *Seara Nova*, nº 27 (Out-Nov. 1923), p. 58.

⁵⁶ *Ibidem*, p. 60.

teríamos assistido a essa tremenda injustiça que foi a glorificação exclusiva de Junqueiro, com prejuízo e até ofensa da memória de homens como Antero, Eça, Oliveira Martins” e Ramalho Ortigão⁵⁷. Quer dizer, “foi em nome dessa hierarquia ofendida e da verdade menosprezada”⁵⁸ que Raul Proença ergueu a sua voz.

Para que se entenda melhor “a apoteose” e “as glorificações do capitólio” veja-se, mesmo porque ele as transcreveu na *Seara Nova*, o que podia ler-se no *Diário de Notícias*, em 30 de Dezembro de 1921, já no quadro da doença do poeta: “[...] Junqueiro não é um homem, não é um poeta, não é uma geração – é todo um mundo de Beleza e de Força, de Imortalidade e de Génio... [...] um grande génio lusíada”⁵⁹. Por outro lado, não é difícil encontrar aqueles “muitos” que na *Oração à Luz* “pretenderam ver a maior maravilha da poesia contemporânea”. Desde logo e por todos, pela quase *ipseidade* da formulação, Fernando Pessoa, como adiante se verá.

Facilmente se compreende ou intui que subjacente ao erguer da voz de Raul Proença, propiciado pelo ensaio de Sérgio, estariam outros textos e acontecimentos. Pela proximidade temática, como pelo significativo desencontro de juízos, estaria a avaliação que o mesmo Fernando Pessoa fez de *Pátria*. Para Proença, “muito embora se leiam ainda com agrado os tercetos de Nunálvares, muito embora a rima ainda seja rica, o verso bem construído, a sátira sangrenta”, *Pátria* “acusa já um declínio”, porquanto “já são aceites os processos ‘decadentistas’, que depois no *Finis Patriae*, nos *Simples*, nas *Orações*, constituirão a técnica nova do poeta”. Para concluir dizendo que “a prosa das *Anotações* [...] é um puro *pastiche* de Victor Hugo”⁶⁰.

Além das apontadas, subjacente à reacção de Raul Proença, como à de António Sérgio⁶¹, poderiam estar também certas asserções que o autor de *O Criacionismo* foi publicando de forma esparsa, às vezes com gralhas, por troca de granéis, que depois, em Setembro de 1923 e por iniciativa da “Renascença Portuguesa”, reuniu no livro

⁵⁷ *Ibidem*, pp. 58-59.

⁵⁸ *Ibidem*, p. 60.

⁵⁹ R. P., “No pelourinho: A doença do sr. Guerra Junqueiro”. *Seara Nova*, nº 4 (5 Dez. 1921), p. 114.

⁶⁰ Raul Proença, “Guerra Junqueiro”. *Seara Nova*, nº 25 (Jul. 1923), p. 3.

⁶¹ Ângelo Alves, “António Sérgio e Leonardo Coimbra. Encontros e desencontros”. In *António Sérgio: Pensamento e Acção*, vol. 1, pp. 131-138.

*Guerra Junqueiro*⁶². Trata-se de um marco assinalável no estudo do pensamento do Poeta, mormente no que respeita à evolução da sua “personalidade espiritual”. Todavia, se bem que amplamente transcrita comentada, discutida e contraditada pela imprensa, a obra de Leonardo Coimbra só mais tarde haveria de merecer releitura justa.

2. 3. FERNANDO PESSOA

Em 1912, na revista *Águia*, Pessoa não apenas reiterava a ideia de que a *Oração à Luz* de Junqueiro abria um novo estádio estético à “nova poesia portuguesa”, como afirma que ela é a “obra máxima da nossa actual poesia”⁶³ e que “de um canto à luz tira Junqueiro uma das maiores poesias metafísicas do mundo, poesia a que se pode comparar só a *Ode on the Intimation of Immortality* de Wordsworth”⁶⁴.

Em 16 de Dezembro do mesmo ano, em carta à *Poetry Society*, Fernando Pessoa repete, visando explicar o “movimento poético que se verifica presentemente em Portugal”, que aquela “ode”, pois é mais que mero “poema lírico”, “não encontra paralelo na poesia moderna, excepto na grande *Ode* de Wordsworth”⁶⁵. Sabe-se que por 1916, período em que desenvolvia teorias em torno do sensacionismo, não alterou a avaliação. Em carta a um editor inglês, dá conta do que designa de “panteísmo transcendentalista” português – movimento que emergira ou chegara a uma “concepção da Natureza”, “na qual carne e espírito se fundem inteiramente em algo que os transcende”, pelo que “os nossos panteístas transcendentalistas são essencialmente poetas da Natureza”⁶⁶. Esse movimento, que não sendo de “longa data, é, porém, um movimento original”, “produziu dois poemas” que Fernando Pessoa é “levado a considerar entre os maiores de todos os tempos”, quais sejam, a *Oração à Luz* de Guerra Junqueiro e a *Elegia* de Teixeira de Pascoaes. Ora, se o primeiro, uma vez mais, “é talvez a maior

⁶² Leonardo Coimbra, *Guerra Junqueiro*. Porto: Renascença Portuguesa. 1923.

⁶³ Para mais fácil confirmação, citamos a partir da edição organizada por Fernando Cabral Martins: Fernando Pessoa, *Crítica: Ensaios, artigos e entrevistas*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2000, p. 48.

⁶⁴ *Ibidem*, pp. 48-49.

⁶⁵ Idem, *Correspondência: 1905-1912*. [Edição Manuel Parreira da Silva]. Lisboa: Assírio & Alvim, 1999, pp. 62-63.

⁶⁶ *Ibidem*, pp. 238.

realização poético-metafísica desde a grande ‘Ode’ de Wordsworth”, o segundo, se bem que pertença “ao mesmo nível metafísico do amor-emoção, embora menos religiosamente panteísta”, “transcende certamente o ‘Last Ride Together’ de Browning”. Portanto, “a esta escola de poetas, devemos nós, ‘sensacionistas’, o facto de na nossa poesia se interpenetrarem e intertranscenderem espírito e matéria”⁶⁷.

É sobejamente conhecida a resposta que Fernando Pessoa ortónimo deu, em Abril de 1914, ao inquérito sobre “o mais belo livro dos últimos trinta anos”⁶⁸. A verdade é que a ditirâmbica e suspeita opinião não só vinha de trás no tempo, como havia de manter-se, pelo menos, por mais dois anos. Em Abril de 1912 – numa “análise dos elementos para a apreciação ponderada da moderna poesia portuguesa”⁶⁹, considerada sob o ponto de vista sociológico, tendo por objecto de análise mais específico “os caracteres especiais apresentados pelas correntes literárias, nacionais ou estrangeiras”, e “três elementos distintivos — a *novidade* (ou *originalidade*), a *elevação*, e a *grandeza*”, entendendo por esta última “o conter grandes figuras individuais, grandes poetas”⁷⁰ – Fernando Pessoa escreve:

Junqueiro, a *Pátria*, de Junqueiro, escusa de se acanhar na comparação com Chateaubriand-poeta, ou mesmo com a *Faerie Queene* de Spenser. Com respeito ao primeiro, a superioridade do nosso poeta é manifesta. Com respeito ao segundo, a questão de superioridade é caso para argumentos. Porque, se não há dúvida que em originalidade e exuberância imaginativa o poema de Spenser sobreleva ao de Junqueiro, também se não pode negar que em intensidade lírica, em espírito dramático, em poder de construção poética, a *Pátria* domina a *Faerie Queene*.⁷¹

Mais comedido embora que no referido inquérito, assim parece pensar Pessoa, na carta que dirigiu à *Poetry Society*, manifestando dificuldade em “descrever” *Pátria*, “a não ser dizendo que a sua forma é dramática, a sua substância lírica e a sua periferia (por assim dizer) apocalipticamente satírica, é das maiores obras do século dezanove”⁷².

⁶⁷ *Ibidem*, pp. 238-239.

⁶⁸ Fernando Pessoa, “O mais belo livro: Um inquérito de intelectuais”. *República* (7 Abril 1914), p. 1, col. 7. Retomado em Idem, *Crítica: Ensaios, artigos e*, p. 93.

⁶⁹ *Ibidem*, p. 14.

⁷⁰ *Ibidem*, p. 27.

⁷¹ *Ibidem*, p. 30.

⁷² Na sequência, adita Pessoa: “Isto deve parecer-lhe uma espécie de loucura inofensiva; mas desculpar-me-á a impertinência de toda esta explicação, tendo em conta que se trata do irreprimível desabafo de um homem cujo país, muito embora se distinga na dita actividade do espírito (ainda que

Quando, em 1915, escrevendo “para a memória de António Nobre”, se debruça sobre a nossa História política e literária, Pessoa vê que “a hora do *ultimatum* abriu em Portugal, para não mais se fecharem, as portas do templo de Jano, o deus bifronte” e que tal “revelou-se na literatura nas duas maneiras correspondentes à dupla direcção do seu olhar”. Assim, “Junqueiro – o da *Pátria* e *Finis Patriae* – foi a face que olha para o Futuro, e se exalta. António Nobre foi a face que olha para o Passado, e se entristece”⁷³. No ano seguinte, na citada carta a um editor inglês, a avaliação do futuro autor de *Mensagem* não parece ter sofrido alterações no que respeita a *Pátria* e seu autor. Se a obra é “um drama lírico e satírico” que “não pertence à sua fase panteísta-transcendental”, Fernando Pessoa vê no seu autor, “Guerra Junqueiro, o maior de todos os poetas portugueses”⁷⁴.

Escrevia-se isto no período designado de primeiro Modernismo. Precisamente na fase em que este se mostrava mais afirmativo e revelava o seu carácter plural, quando não contraditório. No ano anterior, estalara o escândalo *Orpheu*. Em Abril desse ano de 1916, na efémera revista *Exílio*, a mesma que em intra-texto estampava um retrato inédito de Guerra Junqueiro, Fernando Pessoa assinava, na secção bibliográfica, “Movimento Sensacionista”. Aí, a propósito do binómio “Portugal-Europa”, refere-se já ao “pseudo-petrachismo dos tristes poetas da nossa Renascença” e “à seca comotividade em torno à qual nucleou o neo-huguismo (grande embora) do actual chefe honorário da intelectualidade portuguesa”⁷⁵.

talvez em nada mais), é constantemente, não só ignorado, o que seria tolerável, mas também insultado e insultuosamente incompreendido pela totalidade daqueles que constituem a opinião literária, e não só, internacional. Espero que atribua apenas ao entusiasmo e a uma espécie de patriotismo literário a posição assumida quanto às duas obras acima citadas. Mas não posso fazer mais do que não fazer mais”. Fernando Pessoa, *Correspondência: 1905-1912*, p. 63.

⁷³ Fernando Pessoa, *Crítica: Ensaios, artigos e*, p. 30.

⁷⁴ Idem, *Correspondência: 1905-1912*, pp. 238.

⁷⁵ Idem, “Movimento Sensacionista”. *Exílio (Revista Mensal de Arte, Letras e Ciências)* (Abr. 1916), p. 46/46-48.

3. A CRÍTICA LITERÁRIA DE ANTÓNIO SÉRGIO

Por oito ou nove vezes, em “O Caprichismo Romântico na Obra do Sr. Junqueiro” (1920), António Sérgio reitera não pretender fazer crítica literária. No prefácio da segunda edição dos *Ensaio*s (1949), a última publicada em vida, defende-se dos ataques que, entretanto, lhe foram movidos e que, no seu entender, têm origem nesta “incompreensão de base: a de tomarem como crítica de carácter *literário* (como crítica estética, digamos assim) o que foi crítica política, e só crítica política”⁷⁶. Em *Notas de Esclarecimento* (1950) assume o “método racionalista”, e, no mesmo sentido, repete que “não quis empreender, naquela análise ideológica, uma crítica *literária* do poeta dos *Simples*”⁷⁷. Seis anos após, “pelo que respeita a Junqueiro, esse poderosíssimo orador em verso”, repete: “nunca me propus criticá-lo como poeta, mas demonstrar a completa incapacidade mental dos que o tomaram a sério como filósofo, como homem de pensamento”. António Sérgio terá visado, portanto, “uma acção pedagógica, não sobre Guerra Junqueiro, mas sobre o público português que o considerou um super-Leibniz”⁷⁸. Não parece haver dúvidas quanto à sinceridade do propósito. Se as houvesse, declarando alguém que ele apenas se defendia em público, bastaria, para dissipar suspeitas, o registo íntimo da carta que o próprio António Sérgio, enviou a R. Proença no ano de 1921, a partir ainda do Rio de Janeiro: “Não quis negar o grande talento poético do Junqueiro, só quis mostrar a sua absoluta nulidade como poeta”⁷⁹. Todavia, no citado texto de 1950, António Sérgio concede que se viu “obrigado no decorrer do ensaio a dizer certas coisas de que poderá

⁷⁶ António Sérgio, *Ensaio*s. Tomo 1. Coimbra: Atlântida, 1949. Mais acessível e produtiva será a leitura em Idem, *Obras Completas: Ensaio*s. Tomo I. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1971. Edição crítica orientada por Castelo Branco Chaves, Vitorino Magalhães Godinho, Rui Grácio e Joel Serrão e organizada por Idalina Sá da Costa e Augusto Abelaira.

⁷⁷ Idem, *Notas de Esclarecimento*. Porto: Edições Marânus, 1950, pp. 6/5-7.

⁷⁸ J. de M. de C., “Diálogo à distância com o pensador Português António Sérgio”. *O Primeiro de Janeiro* (6 Jun. 1956), p. 3, col. 1.

⁷⁹ António Sérgio, *Correspondência para Raul Proença*. Org. e Introdução de José Carlos González. Com um estudo de Fernando Piteira Santos. Lisboa: Publicações Dom Quixote-Biblioteca Nacional, 1987, p. 155.

concluir-se uma crítica estética *unilateral e insuficiente*⁸⁰. E aqui se encontra, a nosso ver, o “mal-entendido de incontrolláveis efeitos nefastos”⁸¹.

Estamos cientes de que “o que define uma ciência ou investigação não é o objecto que se analisa e estuda: é o *problema*”⁸². Temos presente o notável estudo de David Mourão-Ferreira, “Situação de António Sérgio na história da crítica literária”⁸³, na sequência, aliás, de um anterior⁸⁴, bem como o prefácio ao tomo III dos *Ensaio*s, onde o racionalista António Sérgio explica detidamente o que entende por crítica e como ela deve proceder⁸⁵. Conquanto isso, defendemos que o autor do “caprichismo” fez também crítica literária. No caso de Junqueiro, seria quase inevitável que a não fizesse. Assim também pensou José Régio: “a verdade é que a faz, embora de passagem” ou “defendendo-se embora de fazer crítica de literatura, António Sérgio a faz, e põe o dedo tanto nos mais salientes defeitos de Junqueiro [...] como até em algumas das suas virtudes”. Todavia, “as eficiências ou virtudes que António Sérgio reconhece em Junqueiro são sempre acompanhadas dos defeitos ou deficiências, chegando o crítico aos pormenores estilísticos”⁸⁶. Muito antes de Régio dissera-o Amorim de Carvalho, aditando que Sérgio a fez e “dum ângulo pedagógico que só desvirtuou a avaliação”.

Visando o público, Sérgio tinha de fazer implodir a popularidade dos seus ídolos. Tratando-se de Junqueiro, “quer quisesse quer não”, “teve de passar pela análise da estrutura poética e pela definição de conteúdos da poesia junqueiriana”. Por conseguinte, “teve de, *literariamente*, a analisar para focar, por exemplo, a mecanização do ritmo, o automatismo do metro, a falta de musicalidade de certas

⁸⁰ Idem, *Notas de Esclarecimento*, pp. 6/5-7.

⁸¹ António Cândido Franco, “Junqueiro, Guerra”. In Fernando Cabral Martins, *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*. Lisboa: Caminho, 2008, p. 375.

⁸² António Sérgio, “*O Caprichismo Romântico na Obra*”, p. 425.

⁸³ David Mourão-Ferreira, “Situação de António Sérgio na história da crítica literária”. In *Homenagem a António Sérgio*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa. Instituto de Altos Estudos, 1976, pp. 53-70.

⁸⁴ Idem, *Motim Literário; Ensaio, Crítica, Polémica*. Lisboa: Editorial Verbo, 1962, pp. 49-50.

⁸⁵ António Sérgio, *Ensaio*s. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1962, Tomo III, pp. 7-18.

⁸⁶ José Régio, “Coisas nossas: Guerra Junqueiro e António Sérgio. (Conclusão)”. *Comércio do Porto* (27 Set. 1966), p. 12, col. 1-3. Recolhido em Idem, *Crítica e Ensaio, 2*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1994, pp. 149-154, com introdução e organização de Eugénio Lisboa.

passagens [...]”. Em suma, “tudo aquilo que levava aos piores dos males para Sérgio: a ofensa ao *senso crítico* do leitor comum”⁸⁷. Por outro lado, não deixamos de anuir que o autor do “caprichismo”, além de perspicaz, “foi também persuasivo no que concerne à literatura” e que “quase dispensa o leitor de pensar. Pensa por nós, explica, convence – e depois transcreve o poema ou o texto para se ver como ‘tudo está lá’; ou cita primeiro para, logo de seguida, raciocinar com o leitor e o guiar na interpretação pretendida”. Ora, “neste processo é exímio e difícil se torna não concordar com ele, *desde que*⁸⁸ se aceitem as premissas de que parte.”⁸⁹.

Por muito tempo não se reparou no que Sérgio escreveu pouco antes do termo do seu ensaio: “Reconhecemos sempre ao ilustre poeta o grande talento que lhe exorna o espírito, e se fôssemos um crítico da literatura havíamos de nos referir demoradamente às virtudes técnicas dos seus poemas, àquela intensidade expressiva da sua sonoridade e dos seus ritmos, ao grande engenho e habilidade artística, que consegue aparências de genialidade, ante as observações superficiais”⁹⁰. (Citamos a partir da primeira edição. Na segunda, em vez de “... consegue aparências de genialidade, ante as observações superficiais”, lê-se “... que toma aspectos de genialidade para os olhos desatentos da maioria”⁹¹). E não se reparou porquê? Por duas essenciais razões: uma, porque, embora António Sérgio declarasse não fazer crítica literária, a fez de facto; outra, porque, “pelo menos depois do seu ensaio, [os salientes defeitos] saltam *demasiado* à vista de toda a gente, parecendo favorecer a tendência para se reduzir Junqueiro a eles”.⁹² É José Régio, laborando com a segunda edição do tomo I dos *Ensaio*s, quem o declara em 1966.

Não foi questão de mera aparência, foi prática efectiva. Os esparsos e improváveis elogios que Sérgio foi tecendo “resultam pouco eficazes e nada

⁸⁷ Maria das Graças Moreira de Sá, “A crítica literária de Sérgio: a demanda do verbo e do espírito”. In *António Sérgio: Pensamento e Acção*, vol. 2, pp. 265/ pp. 263-273.

⁸⁸ Itálico nosso.

⁸⁹ *Ibidem*, pp. 269.

⁹⁰ António Sérgio, “*O caprichismo romântico na obra*”, pp. 425-426.

⁹¹ Idem, *Ensaio*s. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1971, Tomo I, p. 363.

⁹² José Régio, “Coisas nossas: Guerra Junqueiro e António Sérgio. (Conclusão)”. *Comércio do Porto* (27 Set. 1966), p. 12.

convincentes no conjunto do estudo”⁹³, merecendo, assim, as “premissas” da crítica sergiana, logo em 1920, poderosa concordância em certa e posterior crítica literária. A detida análise que Régio tece às relações de Junqueiro com Sérgio tem pertinência. Testemunha, desde logo, que, quase meio século após o “caprichismo” de António Sérgio, a questão estava ainda viva. Por outro lado, testemunha também que, por via do mesmo “caprichismo”, Guerra Junqueiro se foi mantendo à tona das discussões, pouco importando se os argumentos nelas esgrimidos eram autónomos ou heterónomos, originais ou herdados.

Em suma, e aqui queríamos chegar, não tardou que aquelas “certas coisas” – que António Sérgio se viu obrigado a dizer e de que “poderá concluir-se uma crítica estética *unilateral e insuficiente*”⁹⁴ – ganhassem, seja qual seja a razão que o explique, estatuto de crítica estética *global*, plenamente satisfatória. Muito para além, portanto, de uma crítica psicológico-social ou político-filosófica.

⁹³ Maria das Graças Moreira de Sá, “A crítica literária [...]”, p. 265.

⁹⁴ António Sérgio, *Notas de Esclarecimento*. Porto: Edições Marânus, 1950, pp. 6/5-7.

4. SOPREPOSIÇÃO DE LENTES: FRAGMENTAÇÃO DE JUNQUEIRO

No(s) contexto(s) da publicação do livro de Leonardo Coimbra, *Guerra Junqueiro* (1923), não só a crítica ao poeta se repartia entre a “apoteose” e a descompostura (embora a balança pendesse ainda, de forma manifesta, para a primeira) como o próprio Guerra Junqueiro, enquanto objecto de crítica, se encontrava fragmentado, misturado e confundido nas suas dimensões de poeta e homem. Em um e outro universos buscavam as vozes ou poderes em confronto os seus argumentos e armas de arremesso. Bastará lembrar, sem andar muito para trás, que Leonardo Coimbra, também ele sob fogo, estava então excessivamente colado a Junqueiro que, para escândalo de uns e gáudio de outros, a ele se juntara na polémica em favor do ensino religioso nas escolas. Para melhor se avaliar esse facto seria necessário descer ao pulsar do tempo, escutar e ver as arestas dos argumentos e, nesse patamar, ir seguindo as respectivas metástases, seja na direcção da posteridade seja na do passado. Logo no abrir daquele ano de 1923, podia ler-se em *O Rebate*, intitulado Diário Republicano da Manhã, que “os partidários da autorização do ensino religioso nas escolas abonam-se com a opinião de Guerra Junqueiro” dizendo ser ele “o mentor do sr. Leonardo Coimbra na sua proposta de... desarmamento em face da Reacção”. Mas qual dos Junqueiros, “o que foi, ou o que é?”. Pela resposta, fácil era apurar um “fenómeno de regressão senil”, uma vez que “depois que ele desandou a ‘rezar’ e a ‘ajoelhar’, sentiu-se uma depressiva e antipática acção política e leram-se raras produções de um cérebro esgotado, em crise”. Ou seja, “deplorável, inferior, quase chulo”. Por outras palavras, “Junqueiro – águia decrépita: quando pretende voar, rasteja. Começou a ter vertigens nas *Orações*, quando ainda pairava, mas logo desceu, para nunca mais se alar às altas regiões da suprema beleza e da sã e humana filosofia”⁹⁵. A questão, explorada e discutida por inúmeras transcrições e comentários, tinha, portanto, raízes que não eram de matriz oculta. Em debate estava a poesia, sim, mas não *stricto sensu*. De há muito que a questão extravasara para o plano político e para o religioso. Prosseguindo no tempo e cingindo-nos a Junqueiro, recorde-se a entrevista que o Poeta concedeu e reviu antes de o *Diário de Notícias* a publicar em 26 daquele mês e ano. Com ela, assumia “as proporções dum grande

⁹⁵ “Toques de “Rebate”. *O Rebate* (Sáb. 6 Jan. 1923), p. 1, col. 4.

acontecimento a conversão religiosa do Sr. Guerra Junqueiro”. Por via da transcrição de “trechos substanciais” desse documento, haveria de se excitar “a raiva impotente das feras”, bem como encontrar “o mais fervoroso acolhimento” na consciência religiosa de milhões de portugueses”⁹⁶. Assim pensava e escrevia um dos lados da contenda, em período histórico comparado a uma “indústria das conversões”⁹⁷.

Com mais rigor, portanto, dir-se-ia que o ponto sempre esteve colocado naqueles três planos, como campo de batalha entre duas trincheiras opostas e umas quantas balas perdidas que, bem usadas, por uns e outros, concorriam para o mesmo fim. Sucede que a figura em contenda não podia agora defender-se, como desejaria, do ataque de uma e outra. Já em Abril de 1920, para que pudesse defender em tribunal o monárquico e amigo Luís de Magalhães, foi a custo que Guerra Junqueiro, fatigado e doente, se ergueu da cama. Republicano, conceda-se que desiludido, bem lhe importava a ele a questão política quando em causa estava “um carácter e genuíno patriota”⁹⁸. Bem ou mal, fosse qual fosse a motivação, desde *A Morte de D. João* (1874), sentia-se norteado por um valor moral.

Quase não será necessário evocar a tão discutida nota de rodapé que Junqueiro, em 1921, apôs ao “Sacré-coeur” das *Prosas Dispersas*. Se o fizéssemos, do ponto de vista e momento em que nos encontramos, daríamos talvez mais atenção às reacções do que propriamente ao texto que as suscitou. Por entre elas, em uma e outra trincheira, buscaríamos fontes eventualmente menos atendidas, tais os artigos de Nemo, publicados primeiro na *Época* e logo depois, para perenidade mais robusta, no livro *Guerra Junqueiro e Zola: notas críticas de um jornalista católico* ⁹⁹. Privilegiaríamos talvez o que ficou disperso, pois muito do que se publicou com

⁹⁶ “A conversão de Guerra Junqueiro”. *O Dia* (27 Jan. 1923), p. 1, col. 3-4.

⁹⁷ Rui Ramos, “O Regresso ao Catolicismo”. In José Mattoso [Dir.], *História de Portugal: A Segunda Fundação (1890-1926)*. Lisboa, Editorial Estampa, 1994, vol. 6, pp. 557-558.

⁹⁸ Luís de Magalhães, *Perante o tribunal e a nação: a Monarchia do Norte e o Julgamento da Junta Governativa do Reino*. Coimbra: Coimbra Editora, 1925, pp. 109-112, a partir dos jornais portuenses da época – “*Comércio do Porto, Jornal de Notícias, Debate, etc.*”. Embora mais sintético no que toca ao interrogatório também *O Primeiro de Janeiro* recolheu as palavras de Junqueiro: “A insurreição monárquica. Principiou ontem o julgamento de quatro ministros da Junta Governativa. Entre outras testemunhas depoz Guerra Junqueiro”. *O Primeiro de Janeiro* (21 Abr. 1920), p. 1, col. 4-5.

⁹⁹ J. Fernando de Souza (Nemo), *Guerra Junqueiro e Zola: notas críticas de um jornalista católico*. Porto: Livraria Nacional e Estrangeira, 1922.

carácter aparentemente efémero, como fonte original ou derivada, por via de citação escrita ou reprodução por voz, não obstou à conquista de futuros, frequentemente sob a forma de rumor difuso ou anedota inocente.

4. 1. ANTÓNIO SARDINHA

Teses ou pendências antigas, pouco mais que inócuas, reservadas a conversa de café ou mexerico de rua, tomavam então vida nova, impondo “rara luminosidade” ao debate. O texto que, em 1929, postumamente, portanto, há-de ler-se no *Purgatório das Ideias* de António Sardinha é, afinal – sem que ali se encontre qualquer indicação que o aponte – de 13 e 14 de Dez de 1921¹⁰⁰, ou seja, um mês após a publicação das *Prosas Dispersas*. Sardinha estampou-o em *A Monarquia*, órgão que, desde Fevereiro de 1917, servia os propósitos do Integralismo Lusitano, com António Sardinha como motor e proeminente doutrinário. Nos artigos “Guerra Junqueiro, a propósito dum livro”, qual seja o livro nunca é dito, Sardinha reage ao “desacato que o nome de Portugal acaba de receber do Iscariotes empedernido da *Velhice do Padre Eterno*”. Não se trata, porém, das *Prosas Dispersas*, mas de uma outra prosa “estampada à frente da bela *História* da nossa colonização do Brasil”¹⁰¹. Aquele prefácio de Guerra Junqueiro não passa, na judiciosa avaliação de António Sardinha, de “uns tantos linguados de prosa retórica do mais enfurecido insultador da memória dos nossos Reis e dos nossos Missionários”¹⁰². Como compreender que se coloquem como pórtico de “um trabalho que naturalmente deseja primar por sério”?

Seja qual seja o seu valor, a verdade é que aquela prosa, por muitos hoje desconhecida, tem também ela a sua história, sendo necessário, uma vez mais, descer ao tempo. Após insistência, Junqueiro acabara por prometer a Albino de Sousa Cruz uma dedicatória à obra *História da Colonização do Brasil*, de cuja coordenação e direcção literária estava incumbido Carlos Malheiro Dias. Este, a partir do Rio de

¹⁰⁰ António Sardinha, “Guerra Junqueiro: A propósito dum livro. I”. *A Monarchia* (13 Dez. 1921); Idem, “Guerra Junqueiro: A propósito dum livro. II”. *A Monarchia* (14 Dez. 1921), retomado como um todo, como se disse, em Idem, *Purgatório das Ideias: Ensaio de Crítica*. Lisboa: Livraria Ferin, 1929, pp. [183]-191. Por facilidade de acesso e confirmação, citaremos a partir deste último.

¹⁰¹ António Sardinha, *Purgatório das Ideias*, p. 190.

¹⁰² *Ibidem*, p. 190.

Janeiro, numa extensa carta de 25 de Fevereiro, pede a Antero de Figueiredo que interceda junto de Junqueiro no sentido de convencê-lo a cumprir a promessa. Não era, aliás, a primeira vez que o fazia. “Há quase um ano”, numa outra carta sem resposta “*suplicava*”¹⁰³ a Antero que “não desamparasse” a sua “cruzada, intercedendo junto do Junqueiro para que ele nos desse a Dedicatória ao Brasil da nossa Hist.”. Face à importância do que se visava, Malheiro Dias sumaria o desenrolar do processo:

Quando o Sousa Cruz e o Pinto da Rocha estiveram recentemente em Portugal, este último procurou o Guerra Junqueiro e repetiu-lhe, em nome dos brasileiros e dos portugueses, o pedido já feito para que o seu nome glorioso abrisse este monumento de erudição e de patriotismo português, de homenagem ao Brasil e o Sousa Cruz voltou com a confirmação da promessa que me havia feito o Junqueiro. Porém, na hora em que tudo se prepara para a publicação do 1º fascículo, um telegrama do Porto anuncia-nos que, tendo-se-lhe agravado os padecimentos, ele declarava renunciar a esse compromisso. Quero explicar-lhe que será incalculável!

Era do conhecimento público que Junqueiro fora “o escolhido para interpretar o sentimento e o pensamento de Portugal”. Por conseguinte,

É indispensável, meu amigo, convencer o Junqueiro, de que essas palavras da Dedicatória são um dever cívico, um óbolo à Pátria. Camões escreveu a dedicatória da 1ª História do Brasil: a de Gandavo. Junqueiro deverá escrever a dedicatória deste monumental trabalho histórico, como o chefe glorioso da tribo intelectual portuguesa, como o nosso Moisés.

Dado o estado de saúde do poeta, havia que pensar em formas de contornar o embaraço, designadamente:

Aceitando a sua sugestão para se aproveitar o discurso que ele pronunciou na festa do Bilac, alterando-o aqui e além na forma e nos detalhes, parece-me que Você poderá conseguir do Junqueiro esse texto em poucos dias ou até poucas horas. É este encargo que em nome da Colónia Portuguesa ponho nas suas mãos. Façamos isto. Quando mesmo já não se [sic] chegasse a tempo de incluir a Dedicatória com o 1º fascículo, ela seria distribuída com o 2º ou 3º. [...].¹⁰⁴

Por uma outra carta de Malheiro Dias, datada de Maio, e dirigida ao mesmo Antero de Figueiredo, sabe-se que a desejada “Dedicatória” havia sido conseguida: “agradeço-lhe do coração todos os esforços”, mas “Que remédio! É forçoso aceitar esse texto que nos oferece o Junqueiro, adaptando-o, sem alterá-lo, à dedicatória. Dá-lo-emos pois como uma epígrafe, como uma inspiração, como daríamos uma estrofe

¹⁰³ O itálico não é nosso.

¹⁰⁴ A. C., “Pequena história da ‘História da colonização Portuguesa do Brasil’ vivida na cidade do Porto”. *O Tripeiro* 8 (Ago. 1984), pp. 227-228, com reprodução do autógrafo da carta.

dos Lusíadas”. O remédio passava e passou, pois, pela adaptação¹⁰⁵ do texto que Guerra Junqueiro pronunciara cinco anos antes, na noite de 3 de Abril de 1916, no teatro República de Lisboa¹⁰⁶.

É provável que António Sardinha desconhecesse esta pequena história. Talvez nem importância secundária tivesse para ele. Bastava-lhe a “aura” de prestígio do “ídolo” que era “dever de inteligência e de patriotismo despir na praça pública”¹⁰⁷. Por outro lado, o “sacrilégio” do “*bric-à-brag*ista de Barca de Alva”¹⁰⁸ não se reduzia ao pórtico insultador. Diante dos seus olhos, “numa página de Jornal”, estendia-se “um sermão de pregador protestante sobre Camões”. E, ignomínia suprema, era ver como o altíssimo épico, “poeta da Igreja e da Realeza” era “ali mutilado e falsificado da maneira mais asquerosa”. Houvesse em Portugal “consciência e dignidade patriótica, nunca essa vergonha se veria publicada!”¹⁰⁹. Em que jornal e data não se diz. Mas é possível que Sardinha visasse as *Prosas Dispersas*. A nossa reserva, se bem que retórica, advém do facto de, entre 1920 e 1921 por duas vezes terem sido publicados textos de Guerra Junqueiro sobre Camões. Um, no *Dário de Notícias*, em 10 de Junho do ano anterior, apresentado como inédito manuscrito, ao centro da primeira página, em que Junqueiro escreve:

Camões é a mais alta expressão do génio lusitano no seu idealismo heróico e enamorado. Quando a história de Portugal foi história do globo, Camões encarnou-a e sublimou-a. Pertence à falange augusta dos imortais, dos que viveram eternamente a hora breve, na dor e no amor, com olhos de sonho e de infinito, alumiados de estrelas e de lágrimas.

¹⁰⁵ Em vista da qual, na mesma missiva, Malheiro Dias adita: “Lembro que se eliminassem as referências às figuras e aos acontecimentos nossos contemporâneos, que não ligam com uma obra de carácter histórico e têm um sabor de modernismo... que a alguns parecerá político. / Indispensável é eliminar as 6 últimas linhas da pág. 3 (copia dactilografada) que não têm nada que ver com a História. / O texto acabará belamente em *porvir*. Se lhe parecer que eu tenho razão [...]”. *Ibidem*.

¹⁰⁶ “A conferencia no theatro da Republica: Discurso de Guerra Junqueiro. *Atlântida*. (Mensário artístico, literário e social para Portugal e Brasil). II, nº 6 (1916), pp. 597-599. Igual texto em: “A alocução do grande poeta Guerra Junqueiro precedendo a conferencia realizada por Olavo Bilac, antontem no República”. *A Época*. (5 Abr. 1916), p. 1; “Guerra Junqueiro e Olavo Bilac”. *O Primeiro de Janeiro* (6 Abril 1916), p. 1, col. 1-9. Recolhido em *Prosas Dispersas*, p. [105]- 111, se bem que aqui datado com erro.

¹⁰⁷ António Sardinha, *Purgatório das ideias*, p. [183].

¹⁰⁸ *Ibidem*, p. 190.

¹⁰⁹ *Ibidem*, p. 191.

Camões é português e humano, local e mundial, do século XVI e dos futuros séculos.¹¹⁰

Sendo porém, como julgamos, outro o texto visado por António Sardinha, então forçoso era que ele soubesse que a página que tinha diante era transcrita “do livro ‘*Prosas Dispersas*’ de Guerra Junqueiro”, uma vez que assim o declara em título, a toda a largura das quatro colunas do texto, o *Diário de Lisboa* de 25 de Novembro, na sua página literária. Isto é, menos de um mês antes do texto de Sardinha. Sendo essa a página em discussão, o crítico de *A Monarquia* sabia também, disso deu prova, que se tratava do discurso que o “nosso ministro de Berna” pronunciara em 10 de Junho, em Zurich, num banquete da colónia portuguesa, pois tal é igualmente manifesto no subtítulo da referida página¹¹¹. Também provável é que Sardinha tivesse lido o que na primeira página daquela edição a esse respeito se escreveu – “[...] O poeta de *Pátria* evoca o poeta dos *Lusíadas*. São duas vozes que os séculos não dominam. Nós envolvemo-los na mesma admiração visto que, perante o nosso culto das grandezas, são duas figuras que crescem com o nosso espírito”¹¹² – e que não tivesse gostado do que leu. Possível também é que António Sardinha tivesse sentido o seu integralismo ofendido com a hiperbólica secundarização de Camões em favor do autor de *Pátria*. Mas porque o “sacrílego” texto – em que Guerra Junqueiro, “da maneira mais asquerosa”, transforma e reduz Camões a “símbolo maçónico e laico da nossa revolução” – é dos (poucos) a que se tem hoje acesso fácil¹¹³, passamos aqui adiante.

Em todo o caso, as duas irritações apontadas serviram quase exclusivamente propósitos de ilustração ao que Sardinha pretendia de facto dizer. Escudado na citação de Moniz Barreto, “malogrado fundador entre nós de crítica nacionalista, tão necessária”, bem como na “notável coragem mental” com que António Sérgio denunciou “em Guerra Junqueiro todo o furor do charlatanismo romântico no seu desaforo máximo”, e ainda em textos de Julien Benda, Maurice Muret e Renan, Sardinha reúne na sua indignação “tudo o que de secularmente abjecto se condensa

¹¹⁰ “Um inédito de Guerra Junqueiro”. *Diário de Notícias* (10 Jun. 1920), p. 1.

¹¹¹ “Arte e Letras: Do livro “*Prosas Dispersas*” de Guerra Junqueiro. O discurso pronunciado em 10 de Junho, em Zurich, num banquete da colonia portuguesa sob o tema “A Festa de Camões”. *Diário de Lisboa* (25 Nov. 1921), p. 3, col. 1-4.

¹¹² *Diário de Lisboa* (25 Nov. 1921), p. 1, col. 4.

¹¹³ O texto foi lido em 10 de Junho de 1912. Guerra Junqueiro, *Prosas Dispersas*, pp. [95]-103.

em tal palavra” e, desforçando-se da(s) afronta(s), ele que é “de boa cristandade, sem mistura de sangue condenado”, chama a Junqueiro “simplesmente o que ele é: – judeu!” Isto porque o autor de *Pequena Casa Lusitana* deixara já atrás argutos raciocínios e deduções não menos lógicos e claros quanto à chave do temperamento do poeta: “expulso da comunhão afectiva dos nossos Mortos, Junqueiro é em tudo um estrangeiro, e um estrangeiro hostil, por composição ancestral, ao que significa a razão eterna do nosso patriotismo”¹¹⁴. Assim explica a “desforra atávica” do autor de *Pátria* “contra a disciplina católica e monárquica, por cujas virtudes Portugal se formou e viveu”¹¹⁵, e, também por força disso, Camões é poluído “como um boneco de feira”¹¹⁶. Desta feita, como vimos em trabalho antigo, António Sardinha conseguia dois feitos assinaláveis: por um lado, recolhia argumentos remotos, bastantes para explicar que um mero bricabraquista tivesse a casa recheada de obras de arte; por outro lado, oferecia uma chave de leitura clara, global, unitária para “tão repelente como imperdoável mistificação”. Portanto, “severo mas merecido”, escreve *A Época* de 21 de Dezembro¹¹⁷, para, pouco depois, depondo na discussão da alegada conversão do Poeta, também Nemo o rotular de “novo Isaías”, embora “de comum com o grande profeta da Judeia” visse “apenas a comunidade de raça”¹¹⁸. Se o aplauso foi imediato também não perdeu posteridade, sendo hoje fácil, de resto, estabelecer a genealogia desta ideia.

Os sumos sacerdotes, ao contrário do pai da parábola evangélica, estariam dispostos a aceitar o “novo convertido” – caso, “por mercê de Deus” tal fosse possível, dada “a condição empedernida do poeta”¹¹⁹ – mas na condição de lhe impor severas penitências. Em toda a obra e acção de Guerra Junqueiro não havia qualquer laivo de bem. Era uma unidade inconsútil, toda ela perversa. Assim, e porque além de crítico histórico-político, o mentor do movimento neomonárquico Integralismo Lusitano era

¹¹⁴ António Sardinha, *Purgatório das Ideias*, p. 189.

¹¹⁵ *Ibidem*, p. 189.

¹¹⁶ *Ibidem*, p. 191.

¹¹⁷ Em artigo não assinado, com largas transcrições dos textos de A. Sardinha, publicado em *A Época* (21 Dez. 1921), p. 1, col. 7.

¹¹⁸ J. Fernando de Souza (Nemo), *Guerra Junqueiro e Zola*, p. 132.

¹¹⁹ “Guerra Junqueiro”. *A Monarchia* (21 Dez. 1921), p. 1.

dotado de artes poéticas, escreve, sob forma de soneto e com alvo indistinto, “Auto de Fé”. Dedicado “A um poeta”, abre e fecha deste modo:

Não és da Cruz, não és do nosso rito,
São de outro sangue os mortos que tu contas.
Quem te vestisse a ti o sambenito
e te impusesse a estrela de seis pontas.
[...]
Deitem-lhe os livros todos à fogueira.
E enquanto a chama os lambe justiceira,
ponham-lhe os santos óleos outra vez!¹²⁰.

4. 2. HOMENAGEM NACIONAL E FUNERAIS DO POETA

Por definição, todo o comportamento do infiel é suspeito. Pouco importava qual fora a teleologia do seu combate ou contexto e fase em que a sua “metáfora assassina” os serviu. Junqueiro estava sentado no banco dos réus de dois tribunais, o religioso e o político. Nos dois campos se mostrara infiel. Tanto mais *infiel* quanto febrilmente *fiel* os tinha servido ou parecera. Era agora, se bem que desde o momento em que “começara a rezar”, um soldado, raso e sem exército, em defesa de quem qualquer tentativa de discriminação entre o bom e o mau era tentativa suspeita ou agravante accionada com habilidade em um ou noutro processo.

Há muito polarizados, os campos em torno de Guerra Junqueiro extremaram-se. O tom de crispação subiu na nota das *Prosas Dispersas*, ganhou altura com a ideia de se lhe fazer uma homenagem nacional e estabeleceu-se em pauta com a sua alegada conversão.

Por que não se podia sequer pensar numa homenagem a Guerra Junqueiro – “ao homem que é alvo de um culto supremo, através dos mares, da parte de milhões de seres que falam a língua portuguesa” – semelhante à que Hugo merecera em França? “Porque é um republicano? Também Vítor Hugo era um republicano. Porque a *Pátria* é um processo severo da realeza? Também Vítor Hugo escreveu os *Chatiments*, e por muito violento que Junqueiro tenha sido não o foi mais do que Hugo”¹²¹. Contudo, lembra Mayer Garção, “em França, reacionários e monárquicos, extremistas da

¹²⁰ António Sardinha, *Pequena Casa Lusitana: Sarcasmos, esperanças & elegias*. Porto: Livraria Civilização, 1937, pp. [181]-182.

¹²¹ Mayer Garção, “Gloria Nacional”. *A Manhã* (21 Fev. 1920), p. 1, col. 1-2.

política ou rebeldes da literatura, todos compreenderam que era ao próprio génio da França que se erguia uma apoteose¹²².” Pedia-se “coisa simples, espontânea, natural”. Alguém que, como em França, fosse a casa do poeta e lhe levasse um vaso, “Só isto, e mais nada. Uma linda obra de arte e algumas belas e comovidas palavras”.¹²³ Subscrevendo uma tal homenagem a Junqueiro, o diretor de *A Manhã* comentava apenas ideia alheia que só mais tarde tomaria corpo, mas que, uma vez lançada, acendeu ânimos e comentários.

Em Novembro de 1922, o poeta contava com uma antologia de verso e prosa, na introdução da qual se pode ler, que “cada um dos seus livros, com excepção dos *Simples* e das *Orações*, actuou como uma revolução política, destruindo tradições minando instituições e dinastias, acendendo iras colectivas demolidoras, inspirando crimes e martírios em prole da Ideia ou da grei”¹²⁴. À data, António Sérgio provara também que os poemas de Junqueiro tinham sido “todos escritos mais ou menos, com filosóficas pretensões, com intuitos políticos e religiosas, educativos e sociais”¹²⁵, constituindo-se assim “de princípio” como “escritor de ideias e de propaganda”. Ora, “nessa qualidade nenhum português foi tão influente como s. ex.³, se considerarmos a extensão do seu auditório e o que ele agiu nos acontecimentos”¹²⁶. Com base nos dois insuspeitos autores, Alfredo Pimenta, na esteira de outros, não hesita em sentenciar que “entre a Nação portuguesa e Guerra Junqueiro, há a separá-los a sensibilidade religiosa e monárquica da Nação”¹²⁷. Para melhor explicação, e a propósito da referida ideia de homenagem, adita: “a Nação portuguesa é católica, não podendo consagrar como seu génio representativo, quem abertamente se manifesta inimigo combativo do catolicismo”¹²⁸. Portanto, e nisto não podíamos estar em maior

¹²² *Ibidem*.

¹²³ *Ibidem*.

¹²⁴ Agostinho de Campos (Org.), *Junqueiro (Verso e prosa)*. Paris-Lisboa-Porto-Rio de Janeiro: Livrarias Aillaud, Bertrand, Chardon e Francisco Alves, 1920, p. [LIII]. Coleção Antologia Portuguesa.

¹²⁵ António Sérgio, “*O Caprichismo Romântico na Obra*”, pp. 310-311.

¹²⁶ *Ibidem*, p. 311.

¹²⁷ Alfredo Pimenta, “Guerra Junqueiro”. *Correio da Manhã* (18 Nov. 1922), p. 1, col. 1-2.

¹²⁸ Idem, “Eu me explico... outra vez”. *Correio da Manhã* (24 Nov. 1922), p. 1, col. 2.

acordo, todo o engano, segundo o “também convertido”¹²⁹ Alfredo Pimenta, estava afinal em “dar à glória de Junqueiro um aspecto unicamente *literário*, quando ele é quase exclusivamente *político*”¹³⁰. Deste ponto de vista, dir-se-ia quase afastada a questão da hierarquia que tanto incomodava Raul Proença.

No quadro dos funerais de Guerra Junqueiro, enquanto uns discutem onde devem repousar os restos mortais do genial poeta – se na Batalha, se nos Jerónimos, se...¹³¹ – outros, gritam “Os Jerónimos Pantheon Nacional? Não!”¹³²; enquanto uns se entretêm a formular hipóteses sobre futuras atitudes de Guerra Junqueiro, caso a morte o não tivesse prostrado¹³³, e outros se contentam “plenamente com o que ele fez”¹³⁴; enquanto uns reclamam que, no funeral de Guerra Junqueiro, sejam cumpridas “as expressas determinações da sua última vontade!”¹³⁵ e outros vêm nisso a encenação duma “comédia sentimental”¹³⁶; enquanto isso, os pomposos discursos e deliberações no parlamento e o mais que enche as edições da imprensa de Lisboa e Porto, um, de entre os outros, que não nenhum daqueles, chama a atenção: Junqueiro está abandonado na Basílica da Estrela!, “o gigante, que consagrou as mais puras centelhas do seu génio à exaltação da Pátria no momento em que ela atravessava uma das suas mais cruéis vicissitudes, ainda agora chegou à antecâmara do túmulo e já está abandonado pela Pátria!”, com ele, naqueles três dias, apenas os

¹²⁹ “O sr. dr Alfredo Pimenta repudia solenemente tudo o que os seus livros contenham contra a religião católica”. *O Primeiro de Janeiro* (6 Jan. 1922), p. 1, col. 1. Ligando o facto com a notícia que corra sobre a conversão de Guerra Junqueiro ao catolicismo, o colaborador do jornal escreve que não tendo sido A. Pimenta menos ímpio que Junqueiro ninguém lhe exigiu uma retractação solene e que, ao contrário, os católicos contentaram-se com a sua adesão à Igreja.

¹³⁰ Alfredo Pimenta, “Eu me explico... outra vez”. *Correio da Manhã* (24 Nov. 1922), p. 1, col. 2.

¹³¹ Onde devem repousar os restos mortais de Guerra Junqueiro?: O que dizem políticos, escritores e jornalistas”. *O Mundo* (9 Jul. 1923), p. 1, col. 6-7.

¹³² Nemo, “Os Jerónimos Pantheon Nacional ? Não!”. *A Época* (9 Jul. 1923), p. 1.

¹³³ “Hypotheses”. *O Dia* (10 Jul. 1923), p. 1, col. 4.

¹³⁴ “Ecos: Fantasias”. *O Mundo* (10 Jul. 1923), p. 2, col. 3.

¹³⁵ “O enterro religioso de Junqueiro”. *O Dia* (10 Jul. 1923), p. 1, col. 4.

¹³⁶ “Comédia sentimental?!”. *O Dia* (11 Jul. 1923), p. 1, col. 3.

estudantes e o povo¹³⁷. E é então que um daqueles, *O Dia*, puxa pela sinceridade dos seus sentimentos e responde ao outro:

Para *O Mundo* não é comédia sentimental o que se está fazendo com tantas demonstrações de luto oficial *cá fora* e tanto abandono, por parte dos poderes republicanos, *lá dentro* da Basílica da Estrela, onde o corpo estaria abandonado se o não velassem a família, os amigos íntimos, os estudantes, os bombeiros, jornalistas e escuteiros.
Nem ao menos deputações parlamentares lá foram até agora! Tudo se reserva para o cortejo cívico!¹³⁸.

Querendo levar mais longe a narrativa, seria preferível deixar a algazarra para, a respeito do homem que fez “estremecer Trono e Altar” e inflamar “o coração dos simples”, ouvir o *Requiem* que José Rodrigues Miguéis para ele compôs:

Os ódios e rancores não se calam nem à beira do túmulo. Desiludido, crente, confortado com os sacramentos da Santa Madre Igreja, o morto Junqueiro era ainda o jacobino, o petroleiro, o carneiro preto da religião convencional. O templo ficou quase deserto. Iam lá visitá-lo alguns republicanos e livres-pensadores; mas os anticlericais sentiam-se ali como em casa alheia. / Foi então que o Mayer Garção e eu em nome da Liga da Mocidade Republicana, pensámos em mobilizar a Academia [...]. Foram dias e noites de agonia. Uma hora de pé, imóvel, na penumbra e silêncio cavernoso da basílica era tarefa que poucos apeteçiam. [...]. Lisboa tinha outros gatos a esfolar: o cinema, as iscas, namoros, o Maxim's, o Bairro Alto. Vimo-nos forçados a fazer turnos consecutivos. Tontos de sono e fadiga. [...]. No dia do saimento a basílica encheu-se, animou-se, houve carradas de flores e cerimónias muitas. [...]. Em certo momento, no banco da direita, a meu lado, uma voz feminina suspirou com dolência: “Ele era um santo, era um santo!” E outra voz, azeda e masculina, respondeu entre dentes: “Amanhã, amanhã é que se vai ver quem era o santo!» / Tive um estremeção, percebendo que falavam do testamento [...].¹³⁹.

Se bem que escrito à distância de mais de quarenta anos, este “requiem” pode ser quase confrontado por certa imprensa de 1923, carecendo apenas de emendas ao nível das “miudezas” biográficas: quase não houve flores, mas folhas de palmeira e Junqueiro não foi “confortado com os sacramentos da Santa Madre Igreja”. Quanto àquela voz “azeda e masculina” terá ficado desiludida. No testamento, aberto a 13 de Agosto daquele ano, datado de 24 de Maio de 1921, em página e meia, assinadas e

¹³⁷ A. P., “Um grande morto. Junqueiro está quasi abandonado na Basilica da Estrela!” *Diário de Lisboa* (9 Jul. 1923), p. 5, col. 3-4.

¹³⁸ “Comédia sentimental?! “*O Dia* (11 Jul. 1923), p. 1, col. 3.

¹³⁹ José Rodrigues Miguéis, “No enterro de Guerra Junqueiro”. *Diário de Lisboa* (6 Nov. 1968), p. 6, col. 8-9. Retomado, com o título “Requiem” para Junqueiro”, em Idem, *O Espelho Poliédrico: Crónicas*. Lisboa: Estúdios Cor, 1973, pp. 61-64.

rubricadas por Guerra Junqueiro, nada se dispunha sobre a forma do enterro nem se fazia qualquer afirmação de fé¹⁴⁰.

À semelhança de milhares de outros estudantes, também o poeta Guilherme de Faria (1907-1929), militante, desde 1921, do ideário integralista, participou nos funerais do autor de *Pátria*. Em carta a Manuel de Castro, de 8 de Outubro de 1923, escreve: “O Sr. Junqueiro morreu. E nada subsiste. Retórica, sonoridade, retumbância, grosseria, cabala, vitupério, blasfémia – tudo, afinal, é nada”. À pergunta “o que foi o Sr. Junqueiro?” Responde: “Foi um papagaio que esteve uns anos em casa de Victor Hugo. Depois aprendeu... mais nada”. A carta inédita, de que citámos apenas um excerto tem passagens que desafiam a “grosseria” de Junqueiro; não apenas denota evidente leitura do “caprichismo” de António Sérgio, como ilustra uma daquelas vias por onde fará caminho certa imagem do poeta: o Integralismo Lusitano, “espécie de escola de quadros de inúmeros movimentos de índole conservadora, patriótica e monárquica”, símile de “um cimento agregador” que, com assinável poder de sedução sobre a juventude estudantil, configurou “uma rede ideológica comum”¹⁴¹. O quadro configurado nos funerais – tenso, palpável, reactivo ao toque, convocando já, pela dissecação e pelo retalho, a morte antes da morte – há-de ser, por vias e redes diversas, presença manifesta no futuro.

Entrara “em moda dizer mal de Guerra Junqueiro”¹⁴². Prova-o um volume de Artur Botelho. Se bem que Fidelino de Figueiredo fosse “um dos nossos mais afamados críticos e, apesar da antipatia que sempre manifestou por Guerra Junqueiro, tanto por motivos de crença como pelo ideal político”, achava Artur Botelho que ele “nunca conseguira provar que Junqueiro tinha defeitos que o colocavam num plano muito inferior àquele a que o tinha guindado a frívola sanção

¹⁴⁰ “O testamento do grande poeta Guerra Junqueiro”. *O Primeiro de Janeiro* (17 Ago. 1923), p. 1, col. 1-2.

¹⁴¹ Rui Ramos, “O Integralismo Lusitano”. In José Mattoso [Dir.], *História de Portugal: A Segunda Fundação* (1890-1926). Lisboa, Editorial Estampa, 1994, vol. 6, pp. 540-546.

¹⁴² João Claro, “Guerra Junqueiro falso poeta, por Arthur Botelho”. *O Dia* (26 Maio 1923), p. 2, col. 3.

da opinião pública”¹⁴³. Com o propósito de ser ele a testemunhá-lo, lança a público, em Abril de 1923, o volume *Guerra Junqueiro Falso Poeta*¹⁴⁴. Sem explicitamente apelar para a autoridade de António Sérgio, o autor do “caprichismo” é a alma e o esteio daquelas quinhentas e vinte e seis páginas de despeito¹⁴⁵. *Guerra Junqueiro caluniado?!...* questiona Neves Ribeiro em resposta imediata, minguada e analogamente frouxa¹⁴⁶.

A vários níveis superlativamente consistente e expressiva foi a homenagem que a revista *A Águia* – pelo esforço conjunto de um grupo de colaboradores de *A Academia* dos estudantes de Coimbra¹⁴⁷ – dedicou a Guerra Junqueiro no número de Julho-Dezembro de 1923. Em diferentes registos, nele depõem distintas personalidades nacionais e internacionais. Do conjunto, além do texto de Unamuno¹⁴⁸, de Pascoais¹⁴⁹ e de Brandão¹⁵⁰, avultam talvez “o poeta dos ‘Simples’, das ‘Orações’ e o pensador”¹⁵¹, por Leonardo Coimbra, e a análise da “obra do poeta na evolução literária do seu tempo”. Neste, Hernâni Cidade procurou mostrar um “Junqueiro em comunhão com o largo e inquieto espírito de renovação social e ainda com o arrepio de ansiedade metafísica do seu tempo” e, embora “em esboço”, o que foram 50 anos de vida espiritual europeia, repercutindo no genial poeta português todas as suas comoções”¹⁵². Assim, não admira que Vitorino Nemésio venha a falar da

¹⁴³ Artur Botelho, *Guerra Junqueiro Falso Poeta. Análise da Velhice do Padre Eterno e dos melhores trechos de todas as outras obras do mesmo autor*. Porto: António Marques e Salvador Pinto, 1923, p. 336.

¹⁴⁴ *Ibidem*.

¹⁴⁵ Henrique Manuel S. Pereira, “Genealogia de uma fidelidade: Exercício archeo hitórico de um parentesco”. In Guerra Junqueiro, *Fiel*. Porto: Fundação A Lord-Escola das Artes, 2011, pp. 46-49.

¹⁴⁶ Reinaldo das Neves Ribeiro, *Guerra Junqueiro Caluniado?!...* Porto: Autor, 1923.

¹⁴⁷ No mesmo ano: Homenagem dos Estudantes de Coimbra, *A Morte de Junqueiro*. Número Único. Coimbra: Coimbra Editora, 1923, 40pp.

¹⁴⁸ Miguel de Unamuno, “Nada menos que todo un poeta”. *A Águia*, nº 13-14 (Jul-Dez. 1923), pp. 8-10.

¹⁴⁹ Teixeira de Pascoais, “Duas palavras”. *A Águia*, nº 13-14 (Jul-Dez. 1923), p. 55.

¹⁵⁰ Raul Brandão, “Os últimos anos de Junqueiro”. *A Águia*, nº 13-14 (Jul-Dez. 1923), pp. 52-54.

¹⁵¹ Leonardo Coimbra, “Guerra Junqueiro: O poeta dos ‘Simples’ e das ‘Orações’ e o pensador.” *A Águia*, nº 13-14 (Jul-Dez. 1923), pp. 18-51, que depois retoma em *Guerra Junqueiro*.

¹⁵² Hernâni Cidade, “A obra de Junqueiro na evolução literária do seu tempo”. *A Águia*, nº 13-14 (Jul-Dez. 1923), pp. 83/70-82.

“rara fortuna” do nome e obra de Guerra Junqueiro no decurso de “cinquenta anos ininterruptos”¹⁵³. Considerando a profunda “alteração dos valores vigentes no século XIX”, bem como o percurso existencial e “literário, da exaltação juvenil à maturidade reflexiva”, evoluindo “a par do percurso ideológico e estético da época”, isso, “só por si, bastaria para lhe conferir um lugar à parte na nossa história cultural e literária”¹⁵⁴. Outros, quer do ponto de vista literário, quer do filosófico, tê-lo-ão superado. Mas é em Guerra Junqueiro que mais nitidamente se configura o retrato da sua época. “Grande personagem, sem dúvida, aquela que recolhe o espírito do seu tempo e o veste das palavras adequadas. É grande homem o que pôde encarnar o estilo de sentir uma época, seja qual for a fortuna que ele tenha no tempo.”¹⁵⁵.

¹⁵³ Vitorino Nemésio, *Conhecimento de Poesia*. Bahia: Publicações da Universidade da Bahia, 1958, p. 105.

¹⁵⁴ Maria das Graças Moreira de Sá, “Guerra Junqueiro: Um caso singular no panorama cultural português”. In *Colóquio Guerra Junqueiro e a Modernidade*, p. 348/ pp. 347-353.

¹⁵⁵ Vitorino Nemésio, *Conhecimento de Poesia*, p. 109.

5. A POSTERIDADE DE GUERRA JUNQUEIRO

António Cândido Franco sublinhou que a posteridade de Junqueiro configura “das voltas mais diabolicamente labirínticas que têm existido na literatura portuguesa”¹⁵⁶. Pelo que atrás dissemos, estamos convictos de que a chave hermenêutica mais eficaz deve achar-se em António Sérgio, personalidade poderosa, porventura “mito cultural”¹⁵⁷. O seu pensamento (e acção), estruturado pela questão política, impôs-se como força motriz extensiva a vários domínios, tendo sido na educação o pensador “que mais aceitação colheu junto da opinião pública portuguesa pertinente”¹⁵⁸. No caso de Junqueiro, não será exagero dizer-se que a crítica sergiana se projecta como sombra imensa por todo o século XX. Nela se enforma uma imagem global do autor. A subsequente apreciação ou uma certa crítica literária – mais intelectual e de empenhamento (estético, político, filosófico) do que especializada¹⁵⁹ –, adoptando-a como base racional teórica, nela há-de fermentar e ressumar. Por outro lado, mesmo os que na crítica de sentido negativo ao Poeta apelam para a autoridade das asserções do “caprichismo” julgam-nas em parte excessivas, capazes de “para além de Junqueiro, atingirem toda a poesia”¹⁶⁰. Mas dizê-las excessivas, “se considerarmos a extensão do seu auditório” e o que elas agiram “nos acontecimentos”¹⁶¹, é talvez eufemismo. A verdade é que António Sérgio dissecou também certas fragilidades de Guerra Junqueiro. Os admiradores do poeta,

¹⁵⁶ António Cândido Franco, *O Essencial sobre Guerra Junqueiro*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2011, p. 50.

¹⁵⁷ Eduardo Lourenço, “Sérgio como mito cultural”. *O Tempo e o Modo*, nº 69-70 (Mar.-Abr. 1969), retomado em Idem, *O Labirinto da Saudade: Psicanálise mítica do destino português*. Lisboa: Dom Quixote, 1978, pp. 175-191. Carlos Leone; Miguel Reale, “Quadro configurativo da recepção da obra de António Sérgio: 1969-2001”. In *António Sérgio: Pensamento e Acção*, vol. 2, p. 321/ pp. 313-326.

¹⁵⁸ Manuel Ferreira Patrício, “O pensamento pedagógico de António Sérgio”. In *António Sérgio: Pensamento e Acção*, vol. 1, p. 31/ pp. 31-54.

¹⁵⁹ Carlos Leone; Miguel Reale, “Quadro configurativo da recepção da obra de António Sérgio: 1969-2001”. In *António Sérgio: Pensamento e Acção*, vol. 2, p. 322.

¹⁶⁰ Por todos, como exemplo: Adolfo Casais Monteiro, “O Lugar de Junqueiro”. *Primeiro de Janeiro* (19 Nov. 1947), p. 3, col. 7-8.

¹⁶¹ António Sérgio, “*O Caprichismo Romântico na Obra*”, p. 311.

designadamente Amorim de Carvalho, não o negam. Em todo o caso, pela voz tutelar do autor do “Caprichismo Romântico do sr. Guerra Junqueiro” (1920) se fará uma continuada negação do poeta.

Aceitando que “não é o passado literal que nos governa”, mas “as imagens do passado: com frequência tão intensamente estruturadas e tão imperativas como os mitos”¹⁶², diremos, sob pena de repetição, que a imagem mais estruturada e imperativa que o século passado recebeu de Guerra Junqueiro foi a colhida do “caprichismo” de António Sérgio.

5. 1. HISTÓRIAS DA LITERATURA

Interessante e, por certo, esclarecedora seria a viagem que se empreendesse, por análise mais detida e exaustiva, segundo uma perspectiva comparativa, pela História da Literatura Portuguesa, começando talvez por “A Literatura Portuguesa Contemporânea”, trabalho de Moniz Barreto atrás referenciado, continuando por *As Modernas Ideias na Literatura Portuguesa* (1892)¹⁶³, e terminando, por exemplo, nas “encruzilhadas do fim-do-século” da *História Crítica da Literatura Portuguesa* (2005)¹⁶⁴. Percurso análogo e não menos profícuo seria o que se fizesse pelas Enciclopédias – até à *Biblos* (1997)¹⁶⁵, por exemplo – ou pelas *Selectas* de textos literários – desde *Portugal (Livro de Leitura)* (1929)¹⁶⁶ a *Autores Portugueses: Antologia Literária para o Ensino Secundário* (1973)¹⁶⁷ – ou ainda pelas antologias da poesia portuguesa ou universal – desde, no primeiro caso, o *Parnazo português*

¹⁶² George Steiner, *No Castelo do Barba Azul: Algumas notas para a redefinição da cultura*. Lisboa: Antropos, 1992, p. [13].

¹⁶³ Teófilo Braga, *As Modernas Ideias na Literatura Portuguesa*. Porto: Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1892, vol. 2, pp. 96-179.

¹⁶⁴ José Carlos Seabra Pereira, “As encruzilhadas do fim-do-século”. In Carlos Reis (Coord.), *História Crítica da Literatura Portuguesa*. Lisboa: Editorial Verbo, 1995, pp. 15-18.

¹⁶⁵ Maria Isabel Rocheta, “Junqueiro (Abílio Manuel Guerra)”. In *Biblos Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Verbo, 1997, vol. 2, pp. 1302-1305.

¹⁶⁶ Augusto C. Pires de Lima (Org.) – *Portugal (Livro de Leitura): (Classes I, II e III)*. Porto: Autor, 1929, pp. 219-221.

¹⁶⁷ Inês Abreu; Fernanda Monteiro; Abigail Cerqueira (Org.), *Autores Portugueses: Antologia Literária para o Ensino Secundário (2ª e 3ª anos)*. 2ª edição. Porto: Porto Editora, 1974, pp. 322-324 (1ª edição, 1973).

(1877) a *O Binómio de Newton & a Vénus de Milo* (2011)¹⁶⁸ e, no segundo, desde *Nove poesie portoghesi* (1895)¹⁶⁹ a *Alma Minha Gentil... Antología General de la Poesía Portuguesa* (2011)¹⁷⁰. Seria longa a viagem, muito para além das nossas actuais possibilidades e do âmbito deste texto.

Ainda assim, e porque a ela aludimos anteriormente, veja-se o caso da *História da Literatura Realista* de Fidelino de Figueiredo, tão popular em Portugal e Brasil¹⁷¹. Subsidiada por Moniz Barreto e, como se sabe, de forma pouco descomprometida, Fidelino, na primeira edição da obra (1914), “salvava” uma ínfima parte do conjunto da obra de Guerra Junqueiro. Segundo ele, os livros do poeta, denunciando “a simplicidade” da sua “concepção social” eram quase panfletos de combate, prejudicados pela cor partidária (“porque não intolerante e facciosa?”), pela fusão “do lirismo épico de Victor Hugo e o satanismo de Baudelaire”, bem como pela “constituição mental” do seu autor, “em que umas vezes parece querer defender dos tartufos a fé, outras destruí-la [...] como se o seu estro fosse instrumento das alfurjas revolucionárias ou o dementasse um ateísmo odiento e plebeu”. Embora apontasse “tais e tão graves defeitos” em *A Velhice do Padre Eterno* (depois de sublinhar a falta de unidade da *Morte de D. João*) e nela visse alguma coisa de “artificialmente retumbante”, com “guizalhada rítmica onde abunda o ruído, mas falta o pensamento dum músico”; embora afirme que “como obra doutrinária, a *Pátria* é dum valor muito secundário”, Fidelino de Figueiredo considera que só “um poeta de génio” a podia ter escrito e que, em *Os Simples*, Junqueiro fez “uma obra prima de lirismo, uma obra de génio”¹⁷². Em 1924, terá por certo reconhecido a substância das imputações de António Sérgio, que, aliás, considera de “cerrada e excessiva severidade”. Não

¹⁶⁸ Maria Bochicchio; Vasco Graça Moura, *O Binómio de Newton & a Vénus de Milo: Poesia e Ciência na Literatura Portuguesa. Uma antologia*. Lisboa: Fundação Campalimaud-Alêtheia Editores, 2011, pp. 69-72.

¹⁶⁹ *Nove poesie portoghesi ristampate in Padova, nell'occasione de VII (settimo) centenario di Sant'Antonio di Lisbona*, Padova. Tipografia Fratelli Gallina, 1895, p. 9.

¹⁷⁰ *Alma Minha Gentil... Antología General de la Poesía Portuguesa* (Edición bilingüe). Selección, estudio y traducción de Carlos Clementson. Madrid: Editorial Eneida, 2010, pp. 316-320, 462-499.

¹⁷¹ Fidelino de Figueiredo, *História da Litteratura Realista (1871-1900)*. 3ª edição revista. São Paulo: Ed. Anchieta, 1946.

¹⁷² Idem, *História da Litteratura Realista (1871-1900)*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1914, pp. 84-100.

obstante o autor da *História da Literatura Realista*, agora em segunda edição¹⁷³, sem desdizer os louvores que tecera, matiza-os todavia mais e presta reverente vénia ao “caprichismo” nas notas que introduz ou dilata. Assim, colhe sublinhado quer para o “ilogismo” também na prosa, quer para as “contradições lógicas e desacertos científicos desse poeta de tão orgulhosa ciência no estudo”. A nota que apõe à *Velhice do Padre Eterno*, repassada de referências bibliográficas de valorização negativa, parece-nos expressiva, como eloquente se nos afigura o aditamento da “feição semita” – decorrente da revelação entretanto feita por António Sardinha – quiçá por esta se harmonizar “com episódios e sentimentos dominantes na vida de Junqueiro”¹⁷⁴.

Na *História da Literatura Portuguesa* de Mendes dos Remédios, desde a sexta edição (1930), encontramos concisão e um quase absoluto rigor de elementos factuais respeitantes à obra e seu autor. A acentuação hermenêutica da dimensão política é pouco mais que nula, mas a religiosa, como seria de esperar num teólogo, não passa em claro. A propósito de *A Velhice do Padre Eterno*, sublinha-se a ideia de que a obra lançava “o desprezo e insulto sobre crenças e verdades eternas”. Os livros de Junqueiro satisfaziam “o gosto medíocre [...] pela superficialidade, sempre brilhante da forma, em que os seus alexandrinos sobressaíam e estonteavam pelo brilho, pela cor, pela sonoridade retumbante”. Portanto, “não fora o satanismo dos seus versos, o extravagante das imagens” com marca de Baudelaire ou o “panteísmo tolerante e afável” das *Orações*, “onde a exaltação nada tem de interior e íntimo”, não fora isso e o Poeta “nunca alcançaria a aura que o ofuscou no seu tempo, que dele fez em certos meios, pelo menos, um verdadeiro ídolo”¹⁷⁵. Do conjunto da obra de Junqueiro, Mendes dos Remédios salvava quase apenas trechos de *A Musa em Férias* e de *Os Simples*. Contrastantemente, no texto dedicado a Gomes Leal, porventura já sob a influência da *presença*, vaticina que um dia ele será “considerado uma das maiores glórias da Literatura”¹⁷⁶.

¹⁷³ Idem, *História da Litteratura Realista (1871-1900)*. 2ª edição, revista. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1924, pp. 112-132.

¹⁷⁴ Idem, *História da Litteratura Realista (1871-1900)*. 2ª edição, revista, p. 125.

¹⁷⁵ Mendes dos Remédios, *História da Literatura Portuguesa: Desde as Origens até à Actualidade*. Sexta edição. Coimbra: “Atlântida” Livraria Editora, 1930, p. 571.

¹⁷⁶ Mendes dos Remédios, *História da Literatura Portuguesa*, p. 572.

Como se fez a subsequente posteridade de Guerra Junqueiro pela História da Literatura Portuguesa será, pois, estudo a desenvolver¹⁷⁷.

5. 2. HOMENS DA *PRESENÇA* E AFINS

5. 2. 1. Vieira de Almeida (1888-1962)

Quando Vieira de Almeida investiu contra a obra de Guerra Junqueiro fê-lo no preciso ano em que, também em Coimbra, começava a publicar-se a *presença* (Março de 1927). Dir-se-ia que em inteira consonância com a crítica de Sérgio, Vieira de Almeida visou dar-lhe maior profundidade. Para o efeito, entre 1927-28, empreende uma laboriosa e extensa “revisão da obra” de Junqueiro nas páginas de *O Instituto*. Compreendia ela a atitude filosófica, a visão estética, os temas, a construção das obras, a técnica e o verso, nos interstícios dos quais vai apontando o Poeta como um “vivo rosário de contradições”, possuído pela “loucura idolátrica da ciência”, se bem que a ciência de Guerra Junqueiro seja “a mais pitoresca das ficções poéticas”. Segundo o entendimento de Vieira de Almeida, no pensamento de Guerra Junqueiro “nunca há unidade; superficial e verbalista, é ingenuamente ilógico”, sendo inevitável que “o desequilíbrio do pensamento” se corporize na “expressão desequilibrada”. Os deficientes processos estilísticos e versificatórios, hemistíquios e versos errados que o crítico descobre na obra de Junqueiro impressionam. Se Victor Hugo é o modelo do poeta português, “até quando visivelmente o imita, o ribombar do seu verso, o ímpeto da sua eloquência, é muito mais cru, desequilibrado e oco”; Junqueiro “não é um artista, em nenhum dos sentidos da palavra; é um retórico de impropriedade redundante, verbosidade frouxa e arranque disparatado”. “Como é que os defeitos apontados, e evidentes, puderam dar um conjunto tanto tempo e ainda hoje admirado?” Como é possível que os “marçanos das letras, admiradores cegos do poeta” porfiem “em chamar-lhe águia, como se para isso bastasse a típica aduncidade hebraica do seu perfil”? Em suma, concluído o “processo documental” sobre a “genialidade ilusória” de Junqueiro, caso “fosse possível”, a Vieira de Almeida, “aceitar ou rejeitar em bloco” a obra de Guerra Junqueiro ele “teria de o rejeitar em bloco, sem

¹⁷⁷ Encontrando-se preciosos contributos e pistas, desde logo, em José Carlos Seabra Pereira, *O Neo-Romantismo na Poesia Portuguesa (1900-1925)*. Coimbra, 1999.

hesitação”, pois entende que “pouco se perdia comparado com o que se ganhava”¹⁷⁸. Quatro anos antes, Raul Proença reclamara a Sérgio mais justiça para o Poeta. Luís da Câmara Reis acusava a crítica de laborar “só pelos cânones da erudição do racionalismo, da sintaxe e da prosódia”. Caso tivessem lido, como por certo leram, o “processo” de Vieira de Almeida, caberia perguntar-lhes pela impressão.

Por outro lado, estamos convictos de que a crítica do *Instituto* teria sido mais cerrada e dilatada se Vieira de Almeida tivesse lido *Guerra Junqueiro et le Problème des Influences Françaises dans son Oeuvre*¹⁷⁹, mormente se a sua leitura fosse conduzida ou estimulada pela recensão que Afonso Duarte assinou na *Seara Nova*¹⁸⁰. Por sua vez, a crítica do autor francês, por meio de quem se estabeleceu “o contacto dos modernistas portugueses de então com os seus camaradas brasileiros”¹⁸¹, seria porventura menos rude e imprecisa caso ele não se tivesse declaradamente socorrido da *História da Literatura Realista* de Fidelino de Figueiredo¹⁸².

¹⁷⁸ Vieira de Almeida, “A obra de Guerra Junqueiro (Cap. I)”. *O Instituto*. (Revista Científica e Literária), 74, nº 1 (1927), pp. [134]-150; Idem, “A obra de Guerra Junqueiro I: Doutrina (Cap. II - Atitude filosófica)”. *O Instituto*, 74, nº 2 (1927), pp. [243]-264; Idem, “A obra de Guerra Junqueiro I: Doutrina (Cap. III - Visão Estética)”. *O Instituto*, 74, nº 2 (1927), pp. 265-274; Idem, “A obra de Guerra Junqueiro II: Arte (Cap. IV - Os temas)”. *O Instituto*, 74 (1927), pp. 640-649; Idem, “A obra de Guerra Junqueiro II: Arte (Cap. V - A construção)”. *O Instituto*, 74 (1927), pp. 650-660; Idem, “A obra de Guerra Junqueiro III: Técnica (Cap. VI - O estilo)”. *O Instituto*, 75, nº 2 (1928), pp. 144-160; Idem, “A obra de Guerra Junqueiro (Cap. VII - O verso)”. *O Instituto*, 75, nº 4 (1928), pp. 455-468; “A obra de Guerra Junqueiro IV: Conjunto (Cap. VIII - Conclusão)”. *O Instituto*, 76, nº 3 (1928), pp. 316-334. Retomado depois, em 126 páginas: Idem, “A obra de Guerra Junqueiro”. *Opúscula Crítica*. II. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1928.

¹⁷⁹ Pierre Hourcade, *Guerra Junqueiro et le Problème des Influences Françaises dans son Oeuvre*. Paris : Société D’Édition “Les Belles-Lettres”, 1932.

¹⁸⁰ Afonso, Duarte, “A propósito de ‘Junqueiro et le problème des influences françaises dans son œuvre’, par M. Pierre Hourcade”. *Seara Nova*, nº 296 (28 Abr. 1932), pp. 126-127.

¹⁸¹ João Camilo, “Pierre Hourcade” (1908-1983). *Colóquio: Letras*, nº 72 (Mar. 1983), p. 91.

¹⁸² Interesse para o estudo de Guerra Junqueiro tem também este trabalho de Pierre Hourcade, *Temas de Literatura Portuguesa*. Lisboa: Ed. Moraes, 1978, em particular pp. 103-125.

5. 2. 2. *Pum-Pum e Pam-Pam*

Não por acaso, Amorim de Carvalho afirmou que “um dos maiores sintomas do espírito de contradição, do modernismo mais agressivo da nossa literatura (o que veio do grupo da *Presença*), foi o seu ataque sistemático à obra do grande poeta Guerra Junqueiro”¹⁸³, para de seguida acrescentar que o apodaram de “retórico, com a significação de falso poeta. O movimento presencista foi feito de muitas rapaziadas, e ignorâncias, e limitações – e todas estas coisas estão juntas no seu conceito de retórica”¹⁸⁴.

Consideremos a imagem de rapaziada ou garotos. Dir-se-ia que pelo decénio de 30 alguns brincavam. “Já os viram brincar às guerras? Uns são alemães, outros franceses; uns italianos, outros abexins. Declarada a guerra, os combatentes põem capacetes de jornal, arranjam armas de qualquer coisa, somem-se em fantasiadas trincheiras, fazem *pum-pum* e *pam-pam* [...]”¹⁸⁵. O assunto é sério. Mas quem assim traduziu as questões em torno da *Presença* e seus censores foi Régio.

Sobejamente sublinhada a relação, nas suas concordâncias e dissonâncias, entre *Orpheu* e *Presença*, apontando-se esta como segundo Modernismo, não menos heterogéneo que o primeiro, julgamos estar por aprofundar a influência da *Seara Nova* no movimento presencista, feita “sobretudo através de António Sérgio”, como foi sugerida por David Mourão-Ferreira. Segundo ele, “o magistério de Sérgio, quer acatado quer contestado, contribuiu poderosamente para mitigar o esteticismo presencista”¹⁸⁶. Entre os contestários contar-se-iam João Gaspar Simões e Adolfo Casais Monteiro, encontrando-se José Régio nos que o acataram. Por impraticável neste momento, dada a pluralidade de caminhos que tal projecto impõe, e já por desnecessária quanto ao objectivo destas linhas, limitamo-nos quase a recordar a

¹⁸³ Amorim de Carvalho, “Guerra Junqueiro perante o modernismo”. *Prometeu* (Revista Ilustrada de Cultura). III, nº 5-6 (1949-1950), p. 231.

¹⁸⁴ *Ibidem*, p. 231.

¹⁸⁵ José Régio, “A *Presença* e os seus censores”. *Presença*, nº 47 (Dez. 1935). Recolhido em: *Idem, Páginas de Doutrina e Crítica da “presença”*. Porto: Brasília Editora, 1977, pp. 314/314-316. Daqui o citamos.

¹⁸⁶ David Mourão-Ferreira, “Situação de António Sérgio na história da crítica literária”. In *Homenagem a António Sérgio*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa. Instituto de Altos Estudos, 1976, p. 54.

sugestão, procurando, adiante, entre os visados e no que a Guerra Junqueiro se refere, apontar coordenadas de entendimento.

5. 2. 3. João Gaspar Simões (1903-1987)

O fundamental e sintomático da posição que João Gaspar Simões, reputado crítico da *Presença*, adoptou, do ponto de vista que vimos conduzindo, encontra-se em *O Mistério da Poesia*, de 1931. Objectivo maior do livro seria “tentar uma reabilitação da poesia e do fenómeno poético”¹⁸⁷. Defende Gaspar Simões que, “entre nós”, “em geral, ao estudar-se um poeta” e tratando-se do lirismo, se adopta “uma de duas atitudes: ou uma atitude poética, e o poeta é recebido triunfalmente entre grinaldas de expressões líricas; ou uma atitude *séria*, racionalista, e o poeta é acolhido como um representante *danado* dessa loucura *irracional* que é a poesia”. A primeira crítica, defende, é inútil, nem sequer é crítica, “por não deixar de ser poesia”. A segunda é quase inexistente, “porque pretendendo sê-lo não passa duma crítica à *rebours*: a minuciosa denúncia de tudo quanto o poeta não foi (a sua falta de ideologia, de filosofia, etc., etc.): isto é, de tudo quanto ele não podia ser – um racionalista”¹⁸⁸. Dir-se-ia que o autor e crítico da *Presença* tinha diante de si Junqueiro e o “caprichismo” de Sérgio, mas não ainda de forma explícita.

A polémica que estalou entre J. Gaspar Simões e António Sérgio, em Março de 1932, com “foros de sensacional”, podendo “dizer-se que representa uma época”¹⁸⁹, teve por base *O Mistério da Poesia*. Embora fosse outro o pequeno rastilho invocado, bastaria quase o título para a justificar, tanto mais que ele é a explicitação clara e sintética do que o seu autor entende por poesia: “um mistério. À sua mais funda realidade tudo é inacessível”¹⁹⁰.

Uma alta e intransponível barreira se levantava entre os dois: “Sérgio representava o racionalismo cartesiano, o pedagogismo crítico”; Gaspar Simões, por seu lado, defendia “o advento do primado da arte sobre as ‘razões de Estado’

¹⁸⁷ João Gaspar Simões, *O Mistério da Poesia: Ensaio de Interpretação da génese poética*. Segunda edição. Porto: Editorial Inova, 1971, p. 21.

¹⁸⁸ *Ibidem*, p. 41-42.

¹⁸⁹ *Ibidem*, p. 15-16.

¹⁹⁰ *Ibidem*, p. 41-42.

digamos, e a valorização na génese artística dos elementos intuitivos sobre os racionais”¹⁹¹. Por outras palavras, as suas, aliás: “O meu intento consiste em subordinar a génese poética a uma quase decomposição química”. Visava “atingir o centro da sua criação poética”. Por conseguinte, vê-se “obrigado a decompor a personalidade *experimentada*, reduzindo-a, por vezes, a uma quase abstracção. [...] diria que me coloquei num ponto de vista paralelo ao dos psicanalistas [...] na descoberta dos motivos recalçados”¹⁹².

Já em 17 de Março de 1932, na réplica ao “gigante” António Sérgio, João Gaspar Simões, o “pigmeu”, ousa inscrever o autor dos *Ensaíos* no rol dos que “nunca tiveram uma intimidade verdadeira com a poesia”¹⁹³. Considera a sua campanha de “imposição duma disciplina” aos “desmandos sentimentais” como “louvável e fecunda, mas unilateral”. Importante para reformar “a *mentalidade prática* do português”, mas “perfeitamente inútil” para estimular as “mentalidades artísticas”¹⁹⁴. Não se pense que a imputação de “unilateral” tem directamente a ver com a crítica que António Sérgio foi “o primeiro a fazer” a Guerra Junqueiro. O Poeta é introduzido de modo explícito na contenda apenas como exemplo. Serviria os propósitos da tese que Gaspar Simões visava, pois quanto à crítica do “caprichismo” ela afigura-se “perfeitamente justa” ao autor de *O Mistério da Poesia*. Seria difícil conseguir-se maior acordo: “Guerra Junqueiro foi um lírico fácil, com grandes dotes verbais, que se deixou iludir pelos que, no seu tempo, não compreendiam essa enormidade que é a ‘poesia pela poesia’ – e pregavam uma poética científica, religiosa, política e social...”¹⁹⁵. Curiosamente, na sequência, o crítico da *Presença* escreve uma frase cuja fortuna, ao nível das citações, ou melhor dos “argumentos” posteriores contra Guerra Junqueiro, Gaspar Simões não podia, à data imaginar: Junqueiro foi “um profeta de débil veia lírica, sem complexidade, sem profundidade”¹⁹⁶. Deviam ter-lho dito e, aliás, acrescentado: “escreva poemas de circunstância”. Se alguém o tivesse feito, “se o

¹⁹¹ *Ibidem*, pp. 15-16.

¹⁹² *Ibidem*, p. 19.

¹⁹³ *Ibidem*, p. 242.

¹⁹⁴ *Ibidem*, pp. 244-245.

¹⁹⁵ *Ibidem*, p. 245.

¹⁹⁶ *Ibidem*, p. 245.

tivessem tentado compreender como homem e como artista”, então, defende, “Guerra Junqueiro tinha-nos deixado duas ou três obras como *Os Simples* – e estava bem”¹⁹⁷. No que a Junqueiro diz respeito, o magistério de António Sérgio tinha sido, afinal, também acatado por João Gaspar Simões. O acordo entre ambos parecia absoluto. E parecendo concordar também quanto a Junqueiro não ter “fundo, nem sentido crítico, nem intuição disciplinadora”, perguntar-se-á, nesta plataforma de entendimento, por que motivo Gaspar Simões convocou o poeta para a polémica. É que, segundo ele, António Sérgio, no “caprichismo”, partiu “do mesmo “princípio falso” que deu origem à polémica: o “de que os grandes artistas se fazem disciplinando-se”. Explica melhor: “quanto a mim, a obra de Guerra Junqueiro foi o que nós sabemos, não por ser um produto de ‘um subjectivismo incontinente e tumultuoso’ – senão porque não podia ser outra coisa. De que serve disciplinar a vacuidade?”. Quanto ao poeta estamos entendidos.

Importante e com consequências profundas, a questão da polémica, no que a Guerra Junqueiro dizia respeito, para nada mais importava. O autor de *O Mistério da Poesia* e crítico da *Presença* podia, pois, prosseguir o desenvolvimento da sua tese: “um homem não pode ser nada que a Natureza lhe não tenha dado. Creio ser este um dos axiomas da pedagogia moderna”¹⁹⁸. Já agora, sucedendo o mesmo “com os povos”, importa então que nos conheçamos, que transportemos “para o estudo do homem português os métodos de estudo do homem universal – a auto-análise, a psicologia, etc.” Dito isto, que António Sérgio continuasse “a laborar na sua utilíssima tarefa” de reformar a “*mentalidade prática* do Português”, que João Gaspar Simões mais os seus companheiros de geração prosseguiriam “cada um os seus indícios íntimos”. Para os explicar, socorre-se de José Régio: “tentando cada um comunicar os seus pressentimentos próprios ou revelar as suas descobertas pessoais do Desconhecido e do Infinito”¹⁹⁹. Sim, para a geração da *Presença*, “ainda há

¹⁹⁷ *Ibidem*, pp. 245-256.

¹⁹⁸ *Ibidem*, p. 246.

¹⁹⁹ *Ibidem*, p. 247.

Desconhecido”, “ainda há o *Infinito*”, sendo isso, enquanto artistas e críticos de arte, o que mais lhes interessa²⁰⁰.

No que estritamente a Guerra Junqueiro diz respeito, João Gaspar Simões e António Sérgio estão de acordo na avaliação. Pouco importa que o primeiro pese o Poeta segundo uma *análise compreensiva* do homem e o segundo o faça por expedientes do “racionalismo cartesiano” e do “pedagogismo crítico”. Para ambos, “Guerra Junqueiro foi o que nós sabemos”²⁰¹.

Volvidos oitenta anos, é João Gaspar Simões o “gigante” e nós o pigmeu que ele esmagaria “ao primeiro movimento do seu intelecto”²⁰². Mas cumpre perguntar: o que sabia João Gaspar Simões acerca de Guerra Junqueiro, “profeta de débil veia lírica, sem complexidade, sem profundidade”? O lídimo e reputado crítico da *Presença* tinha vinte e sete anos quando escreveu alguns dos capítulos de *O Mistério da Poesia*²⁰³, vinte e nove quando travou a polémica a que aludimos, e tinha vinte quando Guerra Junqueiro morreu. Ter-lhe-á lido a obra, para depois, segundo os seus métodos, subordinar a “génese poética a uma quase decomposição química” e, assim, “atingir o centro da criação poética” de Guerra Junqueiro? Ou bastava-lhe folheá-la e somar isso ao que, porventura, ouviu, a um dos lados, na algazarra dos funerais do Poeta; ao que, muito provavelmente, leu em Fidelino de Figueiredo; ao que, com certeza, aprendeu de António Sérgio, José Régio, do conselheiro António Cabral e, alguma coisa, de P. Hourcade, além, claro, dos seus companheiros de geração?

Tudo quanto, a nosso conhecimento, João Gaspar Simões escreveu sobre Guerra Junqueiro foi episódico e confirma as nossas suspeitas. Em Dezembro de 1936, no suplemento literário do *Diário de Lisboa*, a propósito de dois livros de Ramalho

²⁰⁰ *Ibidem*, p. 247.

²⁰¹ *Ibidem*, p. 245.

²⁰² Sobre a polémica, os textos de António Sérgio podem ser lidos no tomo III dos *Ensaio*s; já a réplica e tréplica de João Gaspar Simões encontram-se quer em *Novos Temas: Ensaio de Literatura e Estética*. Lisboa: Editorial Inquérito, 1938, pp. 349-390, quer na segunda edição de *O Mistério da Poesia*, pp. 237-269 que aqui seguimos.

²⁰³ Ele o declara no Prefácio da 2ª edição: “[...] O ensaio era então género quase desconhecido das letras nacionais – só António Sérgio dera esse título a um livro seu, *se não estamos em erro* [sublinhados nossos] – e, dada a juventude extrema do autor de *O Mistério da Poesia* – alguns dos seus capítulos datam de 1930, isto é, de quando ele apenas contava vinte e sete anos”. João Gaspar Simões, *O Mistério da Poesia*. Segunda edição, p. 13.

Ortigão e Joaquim Manso, via no poeta “a personificação da eloquência”. Nele “havia, realmente mais eloquência que poesia, não obstante a identidade então normal entre as duas. [...] Por isso Junqueiro foi poeta de lata, que, não sabendo persuadir intelectualmente, esmagava pela retumbância verbal. [...] Eis que se identificaram profundamente no tempo de Junqueiro: – tão profundamente que a influência da poesia se generalizou à prosa.” Que mais? Basta isso para explicar “a influência Junqueireana nos escritores atrás citados”²⁰⁴. Em *Novos Temas* (1938), a propósito das influências estrangeiras na poesia portuguesa, Gaspar Simões conclui que “mesmo quando um poeta nacional se jacta de representar correntes da poesia europeia, muitas vezes não representa senão uma caricatura nacionalizada dessas correntes. Haja em vista o caso de Guerra Junqueiro”²⁰⁵. Estribava-se no trabalho que Pierre Hourcade publicara em 1932 e que, posteriormente, em vários pontos, corrigiu sem dificuldade²⁰⁶. Importará ler na fonte os textos a que nos referimos para que melhor se entenda o que pretendemos dizer.

Gaspar Simões produziu muitíssimo, como se sabe, e ainda nem tudo foi recolhido. Sobre Junqueiro, porém, com duas exceções apenas, fê-lo sempre de forma tão episódica que quase nos dispensamos de referir contextos ou proceder a comentários: “há versos de Guerra Junqueiro que, embora formalmente verso, são, em essência, prosa”²⁰⁷; “De toda a sua vasta obra começam a aflorar os raros cumes onde as intenções do poeta cederam perante a fragilidade indomável dessa caprichosa deusa [a poesia]. Em ‘Os Simples’ a inspiração é mais poderosa que a doutrina, as emoções mais fortes que as ideias”²⁰⁸; “Estamos certos de que a vacuidade pensante de Junqueiro é filha do seu nenhum espírito crítico”²⁰⁹; “Muito

²⁰⁴ Idem, Os livros da semana: “Pedras para a construção dum mundo”. “Fábulas”; “Ramalho Ortigão”, por Joaquim Manso. *Diário de Lisboa* (18 Dez. 1936), p. 4.

²⁰⁵ Idem, *Novos Temas: Ensaios de Literatura e Estética*. Lisboa: Editorial Inquérito, 1938, pp. 61-63. Adiante (p. 67 e 69), a propósito do simbolismo português, volta a referir-se a Junqueiro mas, como poderá ler-se, sem importância de maior.

²⁰⁶ Cf. Pierre Hourcade, *Temas de Literatura Portuguesa*, em particular pp. 103-125.

²⁰⁷ João Gaspar Simões, “Os livros da Semana”. *Diário de Lisboa* (21 Jan. 1943).

²⁰⁸ Idem, “Os livros da Semana”. *Diário de Lisboa* (3 Jun. 1943).

²⁰⁹ Idem, “Os livros da Semana”. *Diário de Lisboa* (24 Jun. 1943).

longe dos afloramentos retóricos que sulcam a poesia de [...] ou de um Junqueiro”²¹⁰. Talvez a crónica “o lirismo e o drama na obra de António Nobre”, publicada em Novembro de 1944, impusesse alguma demora. Ainda assim, retenhamos apenas o que no actual contexto nos parece nuclear: Guerra Junqueiro, “nem perfeitamente lírico nem completamente dramático. Os resultados foram: declamação desordenada e retórica”²¹¹. “Junqueiro poeta vulcânico, mal sabia raciocinar. As suas páginas pretensamente doutrinárias ou filosóficas, são uma indigência que deixam envergonhado o poeta”²¹²; “Junqueiro e a sua maneira perderam prestígio. A classe que lia a ‘Morte de D. João’ virou-se para o romance cor-de-rosa”²¹³. Gaspar Simões escreveu igualmente biografias, embora nenhuma sobre o poeta. Tomemos duas como exemplo dos considerandos que Guerra Junqueiro lhe suscitou. Em *Vida e obra de Eça de Queirós* (1945) – embora citemos a partir da terceira edição “novamente revista” – Junqueiro aparece, naturalmente, várias vezes referenciado²¹⁴. Igualmente sem necessidade de contextualizações, integra o elenco dos casos “em que a mentalidade infantil subsiste na idade adulta”²¹⁵; “Quando um lírico se não pode exprimir em verso e lhe não é dado manifestar em prosa qualquer vislumbre de observação ou de análise, refugia-se não poucas vezes na eloquência ou na declamação”²¹⁶. Assim, e a propósito de *O Primo Basílio*: “Guerra Junqueiro, num estilo entre patético e declamatório, comparava Eça a Balzac, concluindo: [...]”²¹⁷. Adiante, diz que por 1885, só Eça e Junqueiro, “entre os homens da sua geração, continuavam fanáticos” de Victor Hugo. “Mas Eça, assistido em todos os momentos da sua vida literária, por um espírito crítico muito sólido, não confundia os motivos da

²¹⁰ Idem “A ‘Presença’ e o mistério da Poesia”. *O Primeiro de Janeiro* (25 Out. 1944), p. 3, col. 1-3.

²¹¹ Idem, “O lirismo e o drama na obra de António Nobre”. *O Primeiro de Janeiro* (15 Nov. 1944) p. 3, col. 2-5.

²¹² Idem, “Compreensão e temperamento”. *O Primeiro de Janeiro* (21 Mar. 1945) p. 3, col. 1-2.

²¹³ Idem, “Augusto Gil ou da arte poética”. *O Primeiro de Janeiro* (27 Jun. 1945), p. 3, col. 7-8.

²¹⁴ Idem, *Vida e Obra de Eça de Queirós*. 3ª edição novamente revista. Lisboa: Livraria Bertrand, 1980 [1ª ed. 1945, 2ª ed. 1973], pp. 82, 101, 102, 123, 128, 174, 196, 274, 406, 520, 522, 535, 590, 611, 625, 627, 628, 641, 643, 644, 646, 669.

²¹⁵ *Ibidem*, p. 123.

²¹⁶ *Ibidem*, p. 123.

²¹⁷ *Ibidem*, p. 406.

sua admiração”²¹⁸. Em que medida confundia Junqueiro os seus? Não é dito. Natural é que o nome de Guerra Junqueiro, por uma ou outra razão, vá sendo aludido e/ou então comentado ao longo das páginas de *Vida e Obra de Fernando Pessoa (História de uma Geração)* (1950)²¹⁹. Como exemplo: “[...] e o mais que sabemos dos seus gostos literários de então pela expressão dos seus gostos literários futuros, deixa-nos pequena margem para acreditarmos que ele” – referia-se obviamente a F. Pessoa – “considerasse, de facto, a *Pátria*, de Guerra Junqueiro superior à *Faerie Queen*, de Spencer, e a *Oração à Luz*, daquele autor, ‘uma das maiores poesias metafísicas do mundo’”²²⁰. Não é questão de facciosismo, será porventura insuficiência nossa, mas a verdade é que lemos os dois volumes do livro, de ponta a ponta, e não percebemos a razão da aludida “pequena margem”. Que, mais adiante, João Gaspar Simões veja em *Pátria* um poema “tumultuário e retórico” e em *A Morte de D. João* algo de “incoerente e desarrazoado”²²¹, embora sem originalidade, parece-nos natural.

Há muito que ler do incansável e conceituado crítico que foi João Gaspar Simões. Generoso em alusões a Guerra Junqueiro, apenas a referência das crónicas em que as fez, invariavelmente no mesmo registo e nas variantes que mostrámos, encheriam, sem esforço e em rodapé, uma página. Vai sendo, porém, tempo de terminar este fastidioso e pueril catar de referências.

Sempre e só na perspectiva que vimos seguindo, isto é, circunscrevendo a análise ao que Gaspar Simões escreveu sobre Junqueiro, veja-se ainda, e terminamos, o texto “Os falsos Caminhos da Actual Crítica Literária”, publicado em Outubro de 1968, ilustrado por um desenho de Gomes Leal e máscara mortuária de Guerra Junqueiro. Avaliando o exercício crítico praticado no século anterior por comparação com a do seu tempo presente, J. Gaspar Simões conclui que “não há critérios objectivos, da valoração literária. Toda a crítica erra”. Aponta, todavia, em certas “inteligências vocacionalmente críticas um dom especial”, um certo “instinto crítico”, que pode “permitir distinguir entre dois autênticos poetas aquele que o é mais”.

²¹⁸ *Ibidem*, p. 535.

²¹⁹ Idem, *Vida e Obra de Fernando Pessoa (História de uma Geração)*. Lisboa: Bertrand, [1950], vol. 1, pp. 91; 114-115; 122-124; 129; 146; 186-187; 211; 220; vol. 2, pp. 319; 325.

²²⁰ *Ibidem*, vol. 1, p. 146.

²²¹ *Ibidem*, vol. 2, p. 325.

Assim, “quem não sabe escolher entre Junqueiro e Guilherme de Azevedo erra em toda a linha porque não é dotado de autêntico sentido crítico; mas quem hesita entre Junqueiro e Gomes Leal, sem saber qual preferir, erra apenas a um nível secundário”. O erro crítico realmente grave “é quando o crítico não sabe distinguir o autêntico poeta – o autêntico escritor – do falso poeta – do falso escritor”. Nessa linha de raciocínio, afirma que “toda a crítica naturalista do final do século passado – de Reis Damaso a Júlio Lourenço Pinto – enferma do mesmo vício”. Qual seja, “não era crítica, era doutrina”. Nega Gaspar Simões que também no seu tempo se pratica crítica doutrinal? De modo nenhum. Aliás, imputar essa crítica era um dos objectivos do seu texto. Admitindo que “toda a crítica, por maior que seja a sua vocação, pode errar nas valorações em que o grau de talento se manifesta no plano da autenticidade”, grave é que não saiba distinguir “o verdadeiro do falso escritor”. Portanto, “não se dar o crítico literário conta disso” seria “o mesmo que não se dar conta o crítico musical da nota errada”, uma vez que dir-se-ia “deste que não tem ouvido – e não se admite um crítico musical sem ouvido – e daquele que não tem intuição crítica – e não se admite um crítico sem intuição crítica”²²². Estamos então, entendidos: João Gaspar Simões é alguém excepcionalmente dotado de “um dom especial”, de um certo e invulgar “instinto crítico”. Alguém que, sobre qualquer outro critério, valoriza “o estudo das essências, a compreensão dos fenómenos mais vulgares na aparência, mas extraordinariamente obscuros e complexos no fundo – como a inspiração e a criação poéticas”²²³. Para isso, “não bastam os arquivos, nem os conhecimentos eruditos, precisa-se de intuição psicológica, sensibilidade artística, compreensão humana”²²⁴. Voltamos, portanto, ao ponto de partida. O intento de J. Gaspar Simões consistia “em subordinar a génese poética a uma quase decomposição química”, vendo-se obrigado, por vezes, a reduzir a personalidade em estudo “a uma quase abstracção”.

As ocasionais referências que Gaspar Simões faz a Junqueiro evocam, por metonímia, o citado *Pum-pum*, *Pam-Pam* e aquela outra brincadeira do *toca e foge*. A nosso conhecimento, nunca lhe dedicou um texto por inteiro, com princípio, meio e

²²² João Gaspar Simões, “Os falsos caminhos da actual crítica literária”. *Diário de Lisboa* (Suplemento Literário) (31 Out. 1968), p. 1, col. 1-4; p. 2, col. 2.

²²³ Idem, *O Mistério da Poesia*. Segunda edição, pp. 246-247.

²²⁴ *Ibidem*, p. 246.

fim²²⁵, com a ressalva de duas exceções. Trata-se de dois textos – publicados no Caderno Ilustrado, Suplemento de Domingo de *O Primeiro de Janeiro* – em que o nome do Poeta figura no título e os preenche por inteiro. São eles: “Guerra Junqueiro falou uma única vez na Câmara dos deputados”²²⁶, de 1973, e “Camilo acusa Junqueiro de plagiário e maltrata-o como poeta”²²⁷, de 1976. Começando pelo primeiro, diga-se apenas que Junqueiro não falou ali “pela primeira e única vez, honra lhe seja” para, na circunstância aludida, “apoiar a pensão do Estado a Camilo Castelo Branco”; nem sequer “foram breves as palavras que proferiu”; muito menos o seu abandono da Monarquia teve por base uma relação mal sucedida com o Partido Regenerador. Provar aqui o contrário exigiria demora, tanto mais que, como já escrevemos, não é fácil desfazer novelos, quando sobre eles passou a humidade de muitos invernos.

João Gaspar Simões tinha clara consciência da sua influência como crítico. Sabia que os seus textos faziam doutrina. Mas o que sabia ele sobre o Guerra Junqueiro político? A que aturadas investigações procedeu para, com sentido de responsabilidade, fazer tais afirmações, sabendo de antemão que outros – valorizando o mesmo método da “intuição psicológica” na “compreensão humana”²²⁸ – as reproduziriam? Ele o declara, porque é honesto: leu *O Talento e os Desvarios de Guerra Junqueiro*. Foi essa a sua fonte. E porque além de honesto é inteligente,

²²⁵ Ao dizê-lo, não esquecemos outros trabalhos de mais vulto em que se encontram, invariavelmente episódicas, referências a Guerra Junqueiro: João Gaspar Simões, *Interpretações Literárias*. Lisboa: Arcádia, 1961, pp. 93, 176; Idem, *Literatura, Literatura, Literatura*. Lisboa. 1964, pp. 9, 30, 36, 198, 201, 205, 210-211, 216, 218; Idem, *Perspectiva Histórica da Poesia Portuguesa* (Século XX). Porto: Brasília Editora, 1976, pp. 28, 31, 50, 51, 73, 76, 78, 91, 98, 99, 107, 108, 121, 126, 127, 130, 137, 143, 145, 151, 158, 168, 169, 178, 182, 215, 217, 284, 290, 291, 294, 295, 296, 308, 348; Idem, *Cadernos de um Romancista*. Lisboa, 1942, p. 180. Em obra dirigida, prefaciada e anotada biobibliograficamente por J. Gaspar Simões encontra-se, todavia, um dos melhores textos de leitura global à obra e personalidade do Poeta de *Pátria*. Sendo que a crítica e os críticos não passam sem análise, terá sido talvez um erro de *casting*: Justino de Montalvão, “Guerra Junqueiro”. In João Gaspar Simões [Dir., Prefácio e notas bio-bibliográficas], *Perspectiva da Literatura Portuguesa do Século XIX*. Lisboa: Edições Ática, 1947, vol. 2, pp. 237-284. Com uma gravura de G. Junqueiro em madeira por Abel Manta.

²²⁶ Idem, “Guerra Junqueiro falou uma única vez na Câmara dos deputados para apoiar a pensão do Estado a Camilo Castelo Branco”. *O Primeiro de Janeiro* (16 Dez. 1973), p. 1; p. [2], col. 1-2. Com uma fotografia de Guerra Junqueiro aos 40 anos.

²²⁷ J. G. S. [João Gaspar Simões], “Camilo acusa Junqueiro de plagiário e maltrata-o como poeta”. *O Primeiro de Janeiro* (6 Jun. 1976), p. [4], col. 3-4.

²²⁸ João Gaspar Simões, *O Mistério da Poesia*. Segunda edição, p. 246.

conclui, logo no início do texto: “claro que António Cabral, monárquico convicto que era, explica a seu modo uma evolução ideológica que não pode deixar de ter razões menos mesquinhass”²²⁹. Procura Gaspar Simões por essas outras razões? Não. Se bem que com minúcia, limita-se a expor as que considera “mesquinhass”, para depois, igualmente honesto, fechar deste modo: “e foi assim, segundo António Cabral, que acabaria a carreira parlamentar, como deputado monárquico, do futuro autor de *A Pátria, resquiescat in pace* da Monarquia”. A que propósito vinha o livro de António Cabral? Tratava-se de uma revisão crítica? Talvez, mas desfasada no tempo, pois os desvários de António Cabral haviam sido publicados em Julho de 1942, isto é, há mais de trinta anos.

De resto, o conselheiro António Cabral – o “monárquico convicto” que J. Gaspar Simões adopta na *análise e reabilitação compreensiva* da poesia de Junqueiro – é caso mais grave. Desafia os mandamentos da verdade. Não se trata, é certo, de fabulosas fabricações, mas de um agir assemelhado ao dos agentes duplos cuja informação é em parte certa, para dar verosimilhança às partes falsas. Ressurgem com ele, designadamente em *O Talento e os Desvários de Guerra Junqueiro*²³⁰, as contaminações entre o poeta, o político e o crente religioso na análise de Junqueiro, decorrendo delas pesadas e perduráveis consequências no futuro.

A fonte do texto “Camilo acusa Junqueiro de plagiário e maltrata-o como poeta” foi rigorosa e exclusivamente a mesma. Já em 1942, Cabral Antunes não fazia mais que explorar e prolongar um equívoco²³¹. Mal chega a ser necessário dizer que a questão do alegado plágio estava há muito esclarecida. Em finais dos anos 80 do século XIX, já Camilo e muitos outros sabiam o que mais importa para o caso: Junqueiro não plagiou mas foi plagiado e precisamente por quem era apresentado como vítima, Luís Carlos, seu condiscípulo em Coimbra. O mesmo, aliás, a quem

²²⁹ Idem, “Guerra Junqueiro falou uma única vez na Câmara dos deputados para apoiar a pensão do Estado a Camilo Castelo Branco”. *O Primeiro de Janeiro* (16 Dez. 1973), p. 1; p. [2], col. 1-2.

²³⁰ António Cabral, *O Talento e os Desvários de Guerra Junqueiro: Desequilíbrios de um Grande Poeta. Notas e informações inéditas*. Lisboa: Liv. Portugalia, 1942. Com ensaio prévio em : Idem, “Guerra Junqueiro no Parlamento”. *O Instituto*, vol. 100 (1942), pp. [444]-445.

²³¹ Também nós teremos acreditado nesse equívoco, em tempos recuados, no período da nossa aproximação a Junqueiro, e mais precisamente na tarde em que o nosso saudoso amigo e Poeta Daniel Faria nos pôs diante *O Cancioneiro Alegre*, em edição de bolso da Europa América. Procurámos depois a primeira edição do livro de Camilo, *O Cancioneiro Alegre*, e investigámos por nós próprios.

Junqueiro, no remoto ano de 1867, ofereceu um exemplar de *Vozes sem Eco*, o objecto do delito (que, por voltas da vida, hoje possuímos), onde se lê escrito, pelo punho de Junqueiro: “Ao meu especial amigo L. C. Simões Ferreira offce G. Junqueiro”. Mas neste segundo texto Gaspar Simões é inteligentemente mais “crítico”. Convoca o nome de André Breton, “padre-mestre” do surrealismo, alude a “outras anomalias” que os “racionalistas, à cabeça dos quais está o autor de *O Caprichismo Romântico na Obra do Sr. Junqueiro*, de modo algum” perdoaram a Junqueiro, e, rendido, tem de se “vergar à crítica dos que vêm” em Guerra Junqueiro, “como Camilo via, um poeta cheio de incoerências e paralogismos.” Posto que, além de inteligente, J. Gaspar Simões é honesto, conclui: “se porventura Junqueiro plagiou foi quando tinha quinze anos ou quando já se não lembrava do que lera em Vítor Hugo, o seu principal mestre, mas sem a consciência disso”²³². Dispensamo-nos de outros aditamentos ou qualquer emenda.

No que a Junqueiro diz respeito, António Sérgio encontrou em Gaspar Simões um continuador, senão à sua altura, pelo menos mais perseverante e demoradamente empenhado. E se o autor do “caprichismo”, fiel ao “racionalismo cartesiano” e ao seu “pedagogismo crítico”, não “desceu” à biografia, Gaspar Simões, começando por sobrevalorizar a “intuição psicológica”, acabou por considerar oportuno alargá-la por via de elementos biográficos, tendo essas a solidez que procurámos mostrar.

A eloquência e a retórica são, porém, os motores da crítica que Gaspar Simões faz a Junqueiro. Repete-as com uma insistência perturbadora. “A ‘eloquência’ junqueiriana foi expulsa, talvez para sempre, do templo da poesia. Dentro dos seus muros sagrados não se querem vendilhões – mas fiéis”, dirá²³³.

5. 2. 4. Adolfo Casais Monteiro (1908-1972)

No mesmo sentido caminhou a crítica de Casais Monteiro a Guerra Junqueiro. Crítico, director da *Presença* e de *O Mundo Literário*, ensaísta, cronista, poeta, professor, foi uma das mais influentes personalidades literárias portuguesas, seja em Portugal, na

²³² J. G. S. [João Gaspar Simões], “Camilo acusa Junqueiro de plagiário e maltrata-o como poeta”. *O Primeiro de Janeiro* (6 Jun. 1976), p. [4], col. 3-4.

²³³ João Gaspar Simões, “Livros: Da Morte da ‘Eloquência’; Poesia e verdade em Guerra Junqueiro, por José Marinho”. *Diário do Norte* (30 Nov. 1950), p. 5, col. 1-3.

primeira metade do século XX, seja, depois, no Brasil. Importa aqui destacar sobretudo dois textos críticos que Casais Monteiro dedicou a Guerra Junqueiro. Datando o primeiro de 1942²³⁴ e o segundo de 1947²³⁵, retomá-los-ia em 1977, no volume *A Poesia Portuguesa Contemporânea*²³⁶. Se, na adolescência, Junqueiro “nada, ou quase nada”, lhe dizia, parecia agora claro a Casais Monteiro que ele contribuíra “para afundar ainda mais os Portugueses na idolatria da eloquência destravada, do verbo altissonante e oco, dos arrebatamentos verbais”²³⁷, de outro modo, “Junqueiro embotou o ouvido dos seus contemporâneos com uma fanfarra estrondosa de mais para que lá no íntimo não tocasse a choco”²³⁸. Daí a “verbosidade hipócrita” do Poeta²³⁹, “excelente exemplo”, de resto, para explicar o que considerava ser a fase de «insociabilidade» em que a poesia, após ele, entrara²⁴⁰. As multidões que Junqueiro arrastou suspensas do “seu verbo chamejante”, não as ganhou a poesia, mas o “estro junqueiriano, e na medida em que este se prestou a fornecer-lhes uma poesia fácil ao ouvido, e mais fácil ainda à compreensão”, pois querendo encontrar-se-lhe o sentido, constata-se, não raro, “que lhe falta de todo em todo – mero arrimo para as catadupas sonoras”²⁴¹. Embotado pela fanfarra fácil, o público não entendia que a poesia, a “verdadeira poesia”, exige do leitor um esforço. Era este, para Casais Monteiro, “o simples segredo da poesia: não grita aos ouvidos de cada um”²⁴², exige “uma riqueza intrínseca, uma melodia profunda” e Junqueiro “não resistiu à sedução da facilidade, e dos grandes efeitos”. A sua poesia era de “praça pública”, tradução de exterioridades, não aprofundamento do seu “particular eu”. Era, portanto, uma lógica ou ideia de poesia ao contrário: “Para nós, hoje, [...] a poesia não é uma forma, não é uma tradução, não é

²³⁴ Adolfo Casais Monteiro, “Peço a palavra: Os poetas contra a poesia”. *Diário Popular* (20 Out. 1942), p. 3, col. 1-2.

²³⁵ Idem, “O Lugar de Junqueiro”. *Primeiro de Janeiro*. Das Ares e das Letras (19 Nov. 1947), p. 3, col. 7-8.

²³⁶ Idem, *A Poesia Portuguesa Contemporânea*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1977, pp. 45-56, 41-44, respectivamente.

²³⁷ *Ibidem*, p. 10.

²³⁸ *Ibidem*, p. 45.

²³⁹ *Ibidem*, p. 37.

²⁴⁰ *Ibidem*, pp. 47-48.

²⁴¹ *Ibidem*, p. 41.

²⁴² *Ibidem*, p. 47.

um vestuário com que se recobre um corpo: ela é o próprio corpo ao mesmo tempo que o vestuário”²⁴³. Em 47, “passada a fase da polémica”, embora, “as célebres páginas de António Sérgio” lhe pareçam “excessivas, sob alguns pontos de vista, e capazes de, para além de Junqueiro, atingirem toda a poesia”²⁴⁴, Casais Monteiro não deixa de reconhecer, como ele, que a poesia de Junqueiro representa “a falsa poesia”, que “o seu humanitarismo era falho de humanidade”, configurando “afinal, não só uma crise de mentalidade, mas ainda uma crise de sensibilidade”²⁴⁵. Portanto, e mesmo “porque hoje os turiferários de Junqueiro já não são legião, e nos não forcem, como há vinte anos, a derrubar o ídolo com pés de barro”, Casais Monteiro pode reconhecer “calmamente em Junqueiro um poeta”, sim, “mas de segunda ordem. Um dos nossos grandes poetas, um igual de Camões ou de Antero, de Gomes Leal ou de Cesário Verde, isso é que não”²⁴⁶.

Prova-o com “argumentos críticos esclarecedores?”. Não, e Amorim de Carvalho, em resposta, mostra que Casais Monteiro não fazia mais do que reeditar os argumentos de António Sérgio, sem, contudo, os revalidar com novos. Além do mais, certa citação, prestigiada pelo nome do autor do “caprichismo”, condenava “implicitamente o conceito de poesia” defendido por Casais Monteiro²⁴⁷. Curiosamente, pouco antes, no quarto volume do seu *Diário*, Miguel Torga estabelecera esta peremptória analogia: “Grão Vasco é, afinal de contas, um Junqueiro da Pintura. [...]. Para um poeta de terceiras, um pintor de terceiras também”²⁴⁸.

²⁴³ *Ibidem*, p. 53.

²⁴⁴ *Ibidem*, pp. 42-43.

²⁴⁵ *Ibidem*, p. 43.

²⁴⁶ *Ibidem*, p. 44.

²⁴⁷ [Amorim de Carvalho,] “O lugar de Junqueiro. *Prometeu* (Revista Ilustrada de Cultura). I, nº 5-6 (Out.-Dez. 1947), pp. 263-266.

²⁴⁸ Miguel Torga, *Diário*, IV. 3ª edição. Coimbra: Autor, 1973, p. 30. Encontram-se outras alusões a Junqueiro no *Diário*. As mais importantes, contudo, escreveu-as Torga em Novembro de 1950, no quadro das comemorações do centenário de Guerra Junqueiro, parecendo considerar *A Velhice do Padre Eterno* em exclusivo, Torga declara-se “pouco sensível à chalaça. O voltairianismo caseiro”, em vez de o convencer, afasta-o. Sem dizer qual seja, não abdica de “uma razão crítica e poética”. Prefere, por isso, manter-se “à margem do borborinho comemorativo, renitente e alheio”. A seu ver, “a importância literária de Junqueiro é indiscutível, não só pelo que fez, como pelo que motivou”. Não nega a influência de Junqueiro “tão evidente na obra de alguns poetas que vieram

5. 2. 5. José Régio (1901-1969)

Vai longa e talvez imprecisa esta viagem pelas personalidades mais representativas do espírito da *Presença*, sobretudo se tivermos em atenção o nosso propósito inicial: perspectivar esse grupo, escola, movimento (não cuidamos aqui de apurar o que foi; embora sem acordo tácito, dizem-no os dicionários e a bibliografia a seu respeito é abundante) ou simplesmente sistema de forças construtor de uma certa leitura da obra de Guerra Junqueiro, em fidelidade, de resto, ao olhar da *Seara Nova*, feita “sobretudo através de António Sérgio”. Como procurámos mostrar, Gaspar Simões e Casais Monteiro, apontados como contestatários do magistério sergiano, estavam, afinal, no que toca a Junqueiro, em pleno acordo. Quanto a José Régio – indicado pelos seus pares como “o principal doutrinário da *presença*”²⁴⁹ ou, de forma mais genérica e consensual, como “a grande figura que se avanta no grupo da *Presença*”²⁵⁰ – não restavam dúvidas de que sintonizou com o ensaísmo de Sérgio. Prova-o, em 1925, em *As Correntes e as Individualidades na Moderna Poesia Portuguesa* e depois na *Pequena História da Moderna Poesia Portuguesa*, em 1941 e edições subsequentes. Mostrar que foi esta, bem como o “caprichismo” de Sérgio, a fonte privilegiada de Gaspar Simões e Casais Monteiro seria fácil mas, além de demorado, ocioso. Lendo com a devida atenção os críticos visados e quantos, posteriormente, até aos nossos dias, afinaram a crítica a Junqueiro pelo mesmo diapasão, apura-se que nem um só argumento se aditou ao processo de “liminar depreciação” aberto por Sérgio e Régio. Tudo fermenta e ressuma deles, afastando-se, contudo, do foco crítico psicológico-social ou político-filosófico visado pelo primeiro. Dito de outro modo, e sob pena de repetição, a “crítica estética *unilateral e*

depois”. Considera também que “espontâneo e acessível, o seu verbo tem um grande calor de comunicação” e que “certos recantos da sua quinta poética são ainda frescos e agradáveis”. Entende, porém, que “a poesia verdadeira é outra. Depois da experiência de Cesário e de Nobre, fazer aquilo, já era trágico; mas depois de Pessanha, de Sá-Carneiro e de Pessoa, amar aquilo, é imperdoável”. Ora, “aquilo”, como dissemos, é *A Velhice do Padre Eterno*.

²⁴⁹ João Gaspar Simões, “Prefácio” a José Régio, *Páginas de Doutrina e crítica da “presença”*. Porto: Brasília Editora, 1977, p. 8.

²⁵⁰ Jorge de Sena, *Régio, Casais, a “presença” e Outros Afins*. Porto: Brasília Editora, 1977, p. 63.

*insuficiente*²⁵¹ que poderia ser lida no remoto “Caprichismo” transformou-se em crítica estética *global*, viçosa, inquestionável e duradoira.

José Régio, ainda que nos inícios de forma bem equívoca, procurou, tardiamente, é certo, separar as águas, acabando por fazer “amende honorable”. Reconhece-o Eugénio Lisboa, o melhor dos seus leitores. Segundo ele, Régio defendeu Junqueiro “de ataques excessivos e injustos (e note-se que Régio foi sempre um grande admirador do ensaísmo de António Sérgio)”. Para provar essa efectiva defesa, aponta dois artigos: “Junqueiro e a retórica”²⁵², de 1955 e “Guerra Junqueiro e António Sérgio”²⁵³, de 1966. Eugénio Lisboa cita o primeiro precisamente para mostrar quão “vazia de sentido” é a “crítica pejorativa que se faz à poesia de Junqueiro” que “tem que ver com a sua tão apregoada – e famigerada – ‘retórica’”²⁵⁴. Já no segundo, José Régio escreve: “se toda a gente vê o que definitivamente condena em Junqueiro António Sérgio, pouca gente, parece, reparou ou quis reparar nos dons que lhe reconheceu”, quais sejam, na síntese que agora seguimos, “o poder verbal, o senso do movimento e do ritmo, o dom descritivo, a eloquência, a vibração, o prestígio da retórica”²⁵⁵. Os dois textos aludidos foram recolhidos em *Crítica e Ensaio/2*, publicado em 1994, a instâncias de Eugénio Lisboa²⁵⁶. Foi pena que àquela recolha de textos avulsos não se acrescentasse um outro que José Régio publicou em 1950, no “Das Artes e das Letras” de *O Primeiro de Janeiro*, com o título “A ‘Pátria’ de Junqueiro e o Teatro”. Por ele se apuraria o seu entendimento dessa arte cénica como se poderia ler a sugestão ou desafio que Régio, “relendo alguns passos da “Pátria”, de Junqueiro” lançou aos encenadores: que a encenassem, pois seria “um belo espectáculo”. Não que o fizessem de forma integral – “posto que até isso pudesse

²⁵¹ António Sérgio, *Notas de Esclarecimento*, pp. 6/5-7.

²⁵² José Régio, “Coisas nossas: Junqueiro e a retórica”. *O Comércio do Porto* (Suplemento “Cultura e Arte”) (23 Ago. 1955), p. 5, col. 6-7. Aqui com fotografia de G. Junqueiro.

²⁵³ Idem, “Coisas Nossas: Guerra Junqueiro e António Sérgio”. *O Comércio do Porto* (Suplemento “Cultura e Arte”) (12 Jul. 1966), p. 14, col. 5-8.

²⁵⁴ Henrique Manuel S. Pereira, *À Volta de Junqueiro*, p. 441.

²⁵⁵ José Régio, “Coisas nossas: Guerra Junqueiro e António Sérgio. (Conclusão)”. *Comércio do Porto* (27 Set. 1966), p. 12, col. 1-3.

²⁵⁶ Idem, *Crítica e Ensaio, 2*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1994. Respectivamente: pp. [137]-142; [143]-149.

tentar um encenador verdadeiramente arrojado” – mas, ao menos, “certas passagens”. Não era, aliás, a primeira vez que tal ideia lhe ocorria²⁵⁷. Para Régio, “a despeito da superioridade emotiva de certos trechos de ‘Os Simples’”, Junqueiro criou na *Pátria* a “sua obra-prima”. Uma vez que “nela se expandem o épico, o lírico e o satírico visivelmente coexistentes no poeta, e não só expressos com o extraordinário talento verbal que o caracteriza, como fundidos numa construção que me parece a mais sólida de quantas ensaiou”. Ou seja, “também na ‘Pátria’ [Junqueiro] se afirma um verdadeiro talento dramático”²⁵⁸.

Que Sérgio e Régio leram e estudaram a obra de Guerra Junqueiro não nos suscita qualquer dúvida. Parece-nos óbvio, mesmo pelas influências, já sobejamente apontadas, que Junqueiro exerceu neste último. Que Gaspar Simões e Adolfo Casais Monteiro a tivessem lido e estudado, na íntegra queremos dizer, tal já não nos parece livre de suspeita. Deste ponto de vista, tendo no horizonte quantos se mostraram seus meros repetidores, temos afirmado o que a nossa história literária demasiadas vezes testemunha: lêem-se mais os críticos que o criticado, havendo muitos críticos que, intencional ou distraidamente, não lêem e outros tantos que apenas lêem os críticos que não leram.

No quadro das comemorações do centenário de Guerra Junqueiro, em 1950, “o eterno retorno da nossa retórica e do nosso mau gosto tinha – no dizer de Miguel Torga – necessariamente de repor num trono de veneração colectiva e organizada o deus tonitruante de Freixo”. Dezanove anos após aquela data, António Alçada Baptista, esquecido embora do objectivo do “caprichismo” alegado e defendido por Sérgio, afastava qualquer dúvida: “Não tenhamos ilusões: imaginação sem reflexão dá a poesia do Sr. Guerra Junqueiro que não adianta e só atrasa o progresso sólido da nossa história cultural”²⁵⁹. Não menos significativas são as respostas colhidas pela *Colóquio/Letras*, para assinalar o cinquentenário da morte do poeta. Nesse ano de 1973, Junqueiro continuava a ser “do ponto de vista socioliterário, um caso

²⁵⁷ Idem, “Teatro ‘irrepresentável’: Ou Algumas Sugestões a Bem do Teatro Português”. *O Primeiro de Janeiro* (14 Mar. 1945), p. 3, col. 6-8.

²⁵⁸ Idem, “A ‘Pátria’ de Junqueiro e o Teatro”. *O Primeiro de Janeiro* (26 Abr. 1950), p. 3, col. 5-7.

²⁵⁹ António Alçada Baptista, “Resposta ao Inquérito ‘António Sérgio e Nós’”. *O Tempo e o Modo*, nº 69-70 (Mar.-Abr. 1969), pp. 311-313.

excepcionalmente interessante e até, para alguns, candente”²⁶⁰. Aqui se reimprimem rótulos antigos, meros substitutos semânticos de “fanfarra” e/ou “chalaça: “os últimos ecos da sua charanga [de Junqueiro] levou-os José Régio para a cova. Esperemos que para sempre”. Na avaliação de Eugénio de Andrade, Junqueiro estava “lá no fundo do século dezanove”²⁶¹.

5. 3. AMORIM DE CARVALHO (1904-1976)

Se a alguém é devido o título de “Apóstolo” de Junqueiro, considerando-se o vocábulo na significação de dedicado estudioso e defensor, parece-nos que ele é justamente devido a Amorim de Carvalho e, em plano distinto, a Lopes de Oliveira.

O autor de *Guerra Junqueiro e a sua Obra Poética* entendia que a tradicional crítica literária portuguesa, quase cingida “eruditamente, à investigação das fontes, à exegese e à biografia” (esta última “valiosa como complementar”), era manifestamente insuficiente. Mais grave é que ela tivesse sido, “nos últimos tempos”, substituída por uma outra crítica mais nociva “pelo que continha de “perigosa mistificação: discurso pelo discurso”, à qual “as obras servem apenas de pretexto, mas que podia até dispensar as obras e discursar no vago. Tal crítica avalia *para a obra* que anteriormente elegeu, e não avalia *da obra*, elegendo-a porque anteriormente a avaliou”²⁶². É certo que pelo “talento retórico e sofisticado”, pela “inteligência imaginífica” e pela “fraseologia colorida do crítico”, tal crítica “pode seduzir e convencer”. Mas apenas a quem não conheça a obra apreciada ou não possua o sentido dos valores. Por conseguinte, com *Guerra Junqueiro e a sua Obra Poética*, publicada em 1945, mas concluída quatro anos antes, Amorim de Carvalho vai “além da tradicional crítica das fontes, da exegese e da biografia”, situa a análise crítica no “domínio da arte e da poesia”, pois entende que só aí a crítica deve situar-se, e “reage

²⁶⁰ “No cinquentenário da morte de Guerra Junqueiro”. *Colóquio de Letras*, nº 14 (Jul. 1973), p. 69.

²⁶¹ Eugénio de Andrade, “No cinquentenário da morte de Guerra Junqueiro”. *Colóquio de Letras*, nº 14 (Jul. 1973), p. 70.

²⁶² Amorim de Carvalho, *Guerra Junqueiro e a sua obra poética (Análise crítica)*. Porto: Liv. Figueirinhas, 1945, p. 12.

contra as avaliações arbitrárias”²⁶³. Todos os críticos referenciados, desde António Sérgio e Proença, até Vieira de Almeida, Pierre Hourcade e mesmo Moreira das Neves são ali atendidos, sem, porém, o autor fechar os olhos “para não ver os defeitos do Poeta”. Assim, por exemplo, “António Sérgio terá algumas vezes razão”²⁶⁴. O autor de *Guerra Junqueiro e a sua Obra Poética* reconhece que “a obra de Junqueiro não carece apenas de originalidade filosófica [...]; carece ainda de profundidade filosófica”²⁶⁵. Mas precisamente aí, descobre “duas qualidades que fizeram dele um grande poeta social e revolucionário”, ou seja, e nesse sentido, “um altíssimo poeta, ainda não excedido na língua portuguesa”²⁶⁶.

O próprio Amorim de Carvalho, então director da “Estudos e Críticas”, colecção em que *Guerra Junqueiro e a sua Obra Poética* foi publicada, escreveu uma nota de apresentação do livro. Dando-o genericamente como “revisão, com exemplificação intensiva, da obra dum grande poeta, que é reposto no lugar glorioso de que foi desalojado pelos críticos e pelos detractores modernos” passa a detalhá-la da seguinte forma:

A sua filosofia social e as suas inquietações intelectuais ressaem duma séria transmutação compreensiva do pensamento poético para o pensamento discursivo. / Estuda-se o processo simbólico da poesia. Explica-se a retórica junqueiriana, que é defendida das ideias-feitas com que se tem procurado apoucá-la; e analisa-se o seu grande poder satírico e caricatural, bem como as suas admiráveis páginas líricas, onde a retórica cede à poética simplicidade expressional. / O profundo sentido bucólico e saudosista de Junqueiro é apresentado na sinceridade biográfica do poeta, onde mergulha raízes a sua tão discutida crise religiosa. / É feita, de novos pontos de vista, ousada revisão do problema das influências, sobretudo de Baudelaire e de Víctor Hugo, e tem capítulo especial: o simbolismo na obra de Junqueiro. / As relações literárias entre Junqueiro e António Nobre são apresentadas com grande objectividade e de molde a enfrentarem erradíssimos preconceitos. ²⁶⁷.

Se bem que promocional, consideramos que o texto é uma justa síntese ao livro em apreço. Estribado no que chama “transmutação compreensiva do pensamento

²⁶³ *Ibidem*, p. 12-13.

²⁶⁴ *Ibidem*, p. 86.

²⁶⁵ *Ibidem*, p. 59.

²⁶⁶ *Ibidem*, p. 60.

²⁶⁷ Amorim de Carvalho, *Guerra Junqueiro e a sua obra poética (Análise Crítica)*. Porto: Lello Editores, 1998, p. 279. Fixação do texto por Júlio Amorim de Carvalho.

poético [...] para o pensamento discursivo”, processo que colhe do italiano Federigo Enriques, o autor rejeita, “como impropriedade”, “toda a análise interpretativa, que António Sérgio fez, do pensamento científico e filosófico do poeta Guerra Junqueiro”²⁶⁸. Já a crítica de Vieira de Almeida imputa-a de “uma perversão intelectual” que chega a pontos de o indignar²⁶⁹. Toda ela, “pelo exagero que assume”, é a seus olhos, “uma autêntica cegueira, em que os exemplos, e a tese [...] se voltam, a cada passo, contra o detractor”²⁷⁰. Mas é, sem surpresa, ao “caprichismo” de António Sérgio que Amorim de Carvalho dedica parte substancial do seu trabalho. Considera que o mais grave, e o que as gerações mais recentes não compreenderam, é “a avaliação implícita e explícita, do pedagógico para o artístico”²⁷¹. Foi por força dessa incompreensão que “os chamados modernistas”, “aberta ou subrepticamente”, iniciaram “uma campanha bem triste” “contra a glória de Junqueiro”, à qual, no entendimento de Amorim de Carvalho “António Sérgio começou a ficar estranho”²⁷². Já nos inícios do decénio de 1940, Amorim de Carvalho assim pensava. “Todo o ataque da crítica modernista, dirigido contra Guerra Junqueiro” lhe parecia assentar, “por via de regra, ou num conjunto de frases feitas ou numa sofística de razões indemonstradas”²⁷³.

José Régio qualificou o livro de Amorim de Carvalho como “excelente”²⁷⁴ quando o descobriu, presumimos que tardiamente, talvez apenas em 1955, data em que escreveu o já citado “Junqueiro e a Retórica”. E ter-se-á reconhecido como um dos visados, ainda que de forma implícita, na enérgica e lúcida reacção que Amorim de Carvalho fez “às avaliações arbitrárias”. De tal forma que, nessa mesma circunstância, Régio sublinhou a necessidade de estudar “o grande poeta” nas “suas deficiências e eficiências” e que o “melhor correctivo à comum tendência para a repetição, em todos os tons, de juízos-chapa e ideias preconceituosas” era, precisamente “o possibilitado

²⁶⁸ Idem, *Guerra Junqueiro*, 1945, p. 52.

²⁶⁹ *Ibidem*, p. 317.

²⁷⁰ *Ibidem*, p. 52.

²⁷¹ *Ibidem*, p. 321.

²⁷² *Ibidem* p. 321.

²⁷³ *Ibidem*, p. 321.

²⁷⁴ José Régio, *Crítica e Ensaio*, 2. Lisboa: Círculo de Leitores, 1994, p. 142.

pelo contacto directo, desprevenido, com as obras”²⁷⁵. Assim procurou, de facto, fazer Amorim de Carvalho, tendo dedicado todo um capítulo à “retórica de Junqueiro”.

Do ponto de vista em que o trabalho se situa, consideramos *Guerra Junqueiro e a sua Obra Poética* um trabalho magistral. Em finais de 1996, no âmbito da organização do colóquio *Guerra Junqueiro e a Modernidade*, sugerimos a sua reedição com o eventual aditamento de um outro texto do autor, escrito em data posterior. Tal veio a acontecer, em 1998, embora por outras vias e sem o aditamento sugerido²⁷⁶.

Não diremos, contudo, que a análise estética de Amorim de Carvalho à obra de Guerra Junqueiro é definitiva. Tanto mais que, desse ponto de vista, o *Novidades* afirmava: “quanto ao estético, não se nos afigura que a defesa do sr. Amorim de Carvalho invalide a argumentação dos críticos do seu mestre”²⁷⁷; e Manuel Antunes, na *Brotéria*, embora o considerasse “trabalho sério, erudito; talvez o livro mais completo sobre o assunto e o que mais aspectos novos traz”, não deixa de concluir “que nem tudo neste livro [...] é juízo isento ou definitivo”²⁷⁸. Em 1950, escrevia Gaspar Simões: “Infelizmente, ainda está por fazer o estudo do génio poético de Guerra Junqueiro. Quando soar a hora em que a verdadeira crítica literária chame a si o balanço imparcial da obra do autor da *Pátria* [...]”²⁷⁹. Uma vez mais, lamentamos que não a tenha feito, para nos convencer, ao menos, pela metade. Pela mesma data, depunha Nemésio: “haverá talvez, quanto à estética pura, a inevitável historicidade do critério actual, que desmerece muito na poesia de Junqueiro e no-la faz sentir como uma eloquência e pouco mais. Poderemos assim prever tempos em que o crédito poético de Junqueiro, hoje em decadência, se restaure.”²⁸⁰

Mas, como se sabe, *Guerra Junqueiro e a sua Obra Poética* não foi o único trabalho que Amorim de Carvalho dedicou a Guerra Junqueiro. Além de reagir a

²⁷⁵ *Ibidem*, p. 142.

²⁷⁶ Amorim de Carvalho, *Guerra Junqueiro e a sua obra poética (Análise Crítica)*. Porto: Lello Editores, 1998. Fixação do texto por Júlio Amorim de Carvalho.

²⁷⁷ Muito provavelmente pela pena de Moreira das Neves: “Guerra Junqueiro e a sua obra poética. *Novidades*. (25 Jun. 1945).

²⁷⁸ M. Antunes, “Bibliografia”. *Brotéria*, vol. 41, Fasc. 2-3 (Ago.-Set. 1945), pp. 232-233.

²⁷⁹ João Gaspar Simões, “Livros”. *Diário do Norte* (4 Jan. 1951), p. 5, col. 2.

²⁸⁰ Vitorino Nemésio, *Conhecimento de Poesia*, p. 106.

ataques directos e individualizados, os casos de Adolfo Casais Monteiro²⁸¹, Gaspar Simões²⁸² e Miguel Torga²⁸³; ou reacções a ataques não menos directos mas de conjunto²⁸⁴, onde se conta “Guerra Junqueiro Perante o Modernismo” (texto que eventualmente poderia ter sido anexado na reedição de *Guerra Junqueiro e a sua Obra Poética*); além do mais, na qualidade de fundador e director da revista *Prometeu* – de cujo programa fazia parte “a revisão da crítica portuguesa [...], da que vem desde a *Presença* até hoje, com seus rebentos” – Amorim de Carvalho dedicou todo um número a Guerra Junqueiro. Ali colocava o Poeta “ao lado dos mais gloriosos da poesia de todo o mundo e de todos os tempos”, como acusava de “miopia intelectual”, “facciosismo” e “doutrina inconsciente” a “chamada ‘nova sensibilidade’ que procurava ‘apoucar’ Junqueiro²⁸⁵. Além de referências mais ou menos extensas e circunstanciais, em textos de jornal, revista e livro²⁸⁶ e de outros também circunstanciais mas nos quais Junqueiro aparece destacado²⁸⁷, além de tudo isso,

²⁸¹ [Amorim de Carvalho,] “O lugar de Junqueiro”. *Prometeu* (Revista Ilustrada de Cultura). I, nº 5-6 (Out.-Dez. 1947), pp. 263-266.

²⁸² [Amorim de Carvalho,] “O Sr. Gaspar Simões & Cia”. *Prometeu*, III, nº 5-6 (1949-1950), pp. 262-263.

²⁸³ Amorim de Carvalho, “O Sr. Miguel Torga no seu justo lugar”. *Prometeu*, III, nº 1-2 (1949-1950), pp. 29-69.

²⁸⁴ Idem, “O conflito de Gerações: A psicologia dos modernismos”. *Prometeu*, II, nº 1 (Fev. 1948), pp. 4-20; Idem, Guerra Junqueiro perante o modernismo. *Prometeu*, III, nº 5-6 (1949-1950), pp. 228-260.

²⁸⁵ [Amorim de Carvalho,] “Guerra Junqueiro: No primeiro centenário do seu nascimento”. *Prometeu* (Revista Ilustrada de Cultura). III, nº 5-6 (1949-1950), p. 173.

²⁸⁶ Amorim de Carvalho, “A técnica e a poesia”. *O Diabo* (2 Fev. 1936), p. 3, col. 1-2; Idem, “A técnica e a poesia”. *O Diabo* (23 Fev. 1936), p. 2, col. 3-5; Idem, “Apontamentos para um estudo sobre Basílio Teles”. *O Diabo* (15 Mar. 1936), p. 1, col. 1-5; Idem, *Através da obra do Sr. António Botto-Análise Crítica*. Porto: Livraria Simões Lopes, 1938, pp. 16, 17, 39, 66; Idem, *Tratado de versificação portuguesa-teoria moderna de versificação*. Porto: Ed. autor, 1941. Lisboa. 2ª edição, 1965, pp. 21, 23, 26, 28, 32, 33, 34, 60, 68-69, 77; Idem, “Eugénio de Castro e o simbolismo”. *Portucale* (31 Mar. 1945), p. 174; Idem, “Ligeiras considerações sobre o neo-realismo na poesia”. *Prometeu*, II, (Abr. 1948), pp. 95-96; Idem, “No centenário de Gomes Leal”. *Prometeu*, II, nº 3 (Jun.1948), pp. 129-137; Idem, “Decomposição duma época literária: crítica e as ‘capelas’”. *Prometeu*, II, nº 6 (Dez. 1948), pp. 248-253; Idem, *O positivismo Metafísico de Sampaio Bruno: Crítica e reflexões filosóficas. As influências de Comte Hartmann*. Lisboa, 1960, pp. 122-123, 304-305.

²⁸⁷ Idem, “As casas de Garrett e de Junqueiro.” *Diário de Lisboa* (5 Fev. 1955), p. 1, col. 3; p. 14, col. 1-2; Idem, “A influência de Camões e Junqueiro na poesia de Pascoais e Pessoa”. *Diário Popular* (8 Jun. 1955), p. 6, col. 1-2; Idem, “A estátua de Junqueiro”. *Diário de Lisboa* (10 Jul. 1958), p. 9, col. 1-2; p. 15, col. 3-4; Idem, “Papini e a ‘Oração à Luz’ de Junqueiro”. In Idem, *Deus e o Homem na Poesia e na*

Amorim de Carvalho, organizou *Obras de Guerra Junqueiro (Poesia)*, inestimável volume de que se ocupou a partir de Janeiro de 1965, lançando-o a público em Junho de 1972.

5. 4. CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE G. JUNQUEIRO (1950) E LOPES DE OLIVEIRA (1881-1971)

Esperava-se mais do ano de 1950, data em que num fervilhar de iniciativas, dentro e fora do país, se comemorou o primeiro centenário do nascimento do Poeta. Não digo uma cataclísmica alteração nos paradigmas da leitura junqueiriana, mas uma viragem decisiva. Como? Por que vias? Pelo confronto entre a apologia e detracção? Disso estava Junqueiro bem servido. Pouco mais se fez então que reactualizar o campo de batalha de 1923. Conferências, exposições quase improvisadas, resenhas superficiais e circunstantes, prolongavam, não raro, equívocos e azedos antigos, por via da política e da religião. Em 50 ganhavam amplidão os ecos dos desvairados trabalhos de António Cabral e o livro *Guerra Junqueiro, o Homem e a Morte* de Moreira das Neves.

Pelo dinamismo de uma defesa da religião, não apenas se acusava o “ateísmo” de Junqueiro, como se descia “à calúnia, sobre a vida pública e particular”, coligindo-se e inventando-se para o efeito “anedotas desdourantes”. Todas as atitudes do homem eram interpretadas de forma pejorativa. “Simulava-se crédito por patranhas de avareza, de ilícitos negócios, de manhas ambiciosas, de avidez dos dinheiros públicos; e, se despejadamente ninguém lhe chamou ladrão, proclamaram-no assassino...”²⁸⁸

Em tal pano de fundo, por entre o “entusiasmo festivo e piedoso”, não admira que se clamasse por uma biografia, “ela nos daria a chave do melhor da imensa voga

Filosofia. Porto: Livraria Figueirinhas, [D.L. 1959], pp. 105-112. [O autor dedica este livro a Maria Isabel Guerra Junqueiro de Mesquita Carvalho]; Idem, “A paisagem na poesia de Pascoaes e Junqueiro”. *Jornal de Letras e Artes*, nº 29 (18 Abr. 1962), p. 1, col. 3-5; p. 10, col. 1-5 [Com fotografia de Teixeira de Pascoaes pronunciando conferência na Casa Museu]; p. 11, col. 1-5; Idem, “A paisagem na poesia de Pascoaes e Junqueiro”. *Jornal de Letras e Artes*, nº 30 (25 Abr. 1962), p. 10-11; p. 12, col. 1-2.

²⁸⁸ Lopes d'Oliveira, *Guerra Junqueiro: A sua Vida e a sua Obra*. (1850-1880). Lisboa: Edições Excelsior, 1954, vol. 1, p. X.

que Junqueiro atingiu”²⁸⁹. Por outras palavras, “a obra de Junqueiro, circunstancial e polémica, ganharia muito com um conhecimento mais largo do desenrolar da sua vida”²⁹⁰. É verdade que Lopes de Oliveira publicara já *Memórias - Guerra Junqueiro* (1938), mas quase circunscrita aos “anos outoniços” e, ele o declara: “Eu não tinha sequer um apontamento sobre Junqueiro; mas assuntos, ordem e plano foram-se apresentando ao meu espírito, como se uma poderosa vontade me guiasse [...] como se estivesse executando uma tarefa útil, necessária, urgente!”²⁹¹. Ou seja, o texto era “ingénua ternura”, “filial carinho”, “devoção religiosa”²⁹². Acabará por publicar uma biografia em dois volumes, respectivamente em 1954 e 1955. Como? Ele o diz em Outubro de 1954:

Dos despojos do trabalho de quatro anos seguidos, votados ao abandono, à dispersão, ao aniquilamento, D. Maria Isabel Guerra Junqueiro de Mesquita Carvalho, sempre atenta, dinâmica, suponho que levaria tudo o que pôde para a sua Casa; eu – que fora Director da Edição do Centenário, já toda preparada, só pelos meus cuidados, e prontos para a impressão a maior parte dos treze volumes de que se compunha – eu apenas disputei no espólio um maço de originais da minha autoria – *Notas bio-bibliográficas e críticas* – que as acompanhariam.²⁹³

Tais *Notas* constituíam, portanto, “o fundo do estudo” de *Guerra Junqueiro: A sua Vida e a sua Obra*, lamentando o seu autor “não poder organizar, dada a ruína do edifício que tão laboriosamente fui erguendo, e cujos elementos voaram na rajada que o abateu, uma Antologia dos dispersos mais importantes. Além do mais, aditava, “as colecções dos velhos jornais em que Junqueiro colaborou, ou já se perderam ou são raríssimas.”²⁹⁴.

Com o título “Edição Centenária das Obras do Genial Poeta Guerra Junqueiro”, a obra referida por Lopes de Oliveira chegou a publicitar-se, podendo ler-se em destacado anúncio que:

Os editores LELLO & IRMÃO vão lançar, brevemente – em edição monumental como fizeram no centenário de Eça de Queirós – a obra de GUERRA JUNQUEIRO

²⁸⁹ Vitorino Nemésio, *Conhecimento de Poesia*, pp. 108-109.

²⁹⁰ Idem, “Perspectiva: Junqueiro Antiquário e Orador”. *Diário do Norte* (29 Out. 1950), p. 1, col. 1-2; p. 2, col. 1-2.

²⁹¹ Lopes d’Oliveira, *Memórias: Guerra Junqueiro*. Lisboa: Edições Cosmos, 1938, p. X.

²⁹² *Ibidem*, p. XII.

²⁹³ Idem, *Guerra Junqueiro: A sua Vida e*, vol. 1, p. XXII-XXIII.

²⁹⁴ Lopes d’Oliveira, *Guerra Junqueiro: A sua Vida e a sua Obra*. (1850-1880). Lisboa: Edições Excelsior, 1954, vol. 1, p. XXII-XXIII.

comemorativa do centenário do seu nascimento, edição que será do mais alto valor por ser limitada às inscrições, e por não voltar a ser reimpressa.

A organização e direcção da mesma foi entregue, pelos editores, ao Dr. Lopes de Oliveira que, com D. Maria Isabel, filha do grande Poeta, têm reunido valiosos documentos da colaboração de Junqueiro em revistas e jornais, para ser incorporado, nesta edição centenária, o que, dessa colaboração, possa enriquecer a obra do genial Poeta. Serão incluídos, também, os inéditos manuscritos que, embora anunciados por vezes, são inteiramente desconhecidos.

Brevemente será publicado o plano definitivo da edição, com os volumes que o formará, e o início da assinatura, com as condições da publicação feita pela LIVRARIA LELLO & IRMÃO, editores de toda a obra de Guerra Junqueiro.²⁹⁵

Pela correspondência inédita trocada entre António Lello, Maria Isabel Guerra Junqueiro e director da Edição, não é difícil reconstituir com pormenor o que seria cada um daqueles 13 volumes. Mas bastará dizer que as *Prosas Dispersas*, 7º volume, *Horas de Combate*, 8º volume, seriam amplamente aumentadas e que o 12º e 13º volumes, conteriam, respectivamente, “Cartas Escolhidas – Folclore religioso, recolhido por Junqueiro” e “Manuscritos inéditos – Ensaaios Espirituais – Unidade do Ser”. A recolha não era, podemos dizê-lo, exaustiva. Escapavam ainda, quer em poesia quer em prosa, textos dispersos de assinalável relevância. Mas sobeja isso para que se avalie a importância daquela “Edição Monumental”, integralmente pensada até sob o ponto de vista formal, com indicações precisas para a tipografia. Em equação estava também, em Janeiro de 1949, em carta de António Lello a Maria Isabel Guerra Junqueiro a recolha dos “mais interessantes artigos e opiniões dos contemporâneos de Junqueiro”, ficando o capítulo final do volume dedicado ao Museu Guerra Junqueiro: “daremos a conhecer, assim, com a larga expansão que a esse volume estamos resolvidos a dar, a obra carinhosa de V. Ex.^a pela memória de S/querido pai.” Sucede, porém, que nem mesmo “o plano definitivo da edição” chegou a publicar-se.

Antero, Eça, e mesmo Gomes Leal, tiraram maior rendimento dos seus centenários. Com excepção para a edição fac-simile de *Os Simples* e de uma *Antologia para a Juventude*, prefaciada por Júlio Dantas, o que ficou do primeiro centenário de Guerra Junqueiro? Pouco mais que dois selos.

²⁹⁵ “Edição centenária do genial poeta Guerra Junqueiro”. *O Comércio do Porto* (16 Set. 1950), p. 4; “Edição centenária das obras do genial poeta Guerra Junqueiro”. *O Primeiro de Janeiro* (16 Set. 1950), p. 3, col. 6-8.

Do ponto de vista das grandes coordenadas de leitura literária – com ressalva para o aprofundamento da interferência de Junqueiro “nos valores da vanguarda surrealista”²⁹⁶ e neo-realista portuguesa²⁹⁷ – pouco haverá a acrescentar à síntese elaborada por José Carlos Seabra Pereira²⁹⁸. Importará seguir-lhe as pistas, calcorreando-as mais demoradamente, o que, pelo objectivo e pelo aperto das margens do texto ele não podia ali fazer. Seguindo-o, haveria a sublinhar os “fecundos esforços de releitura cíclica e bachelardiana” empreendidos à obra de Junqueiro por João Mendes²⁹⁹, e Nuno Júdice³⁰⁰, e as “argutas pistas” a propósito da influência de Junqueiro em F. Pessoa, apontadas por Eduardo Lourenço³⁰¹, as “analogias humorais e discursivas” com José Régio feitas por Óscar Lopes. Além dos autores referenciados

²⁹⁶ Merecendo aqui leitura atenta os textos de Natália Correia, “No cinquentenário da morte de Guerra Junqueiro (1923-73)”. *Colóquio/Letras*, nº 14 (Jul. 1973), p. 72 e Mário Cesariny, *As Mãos na Água, a Cabeça no Mar*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1985, pp. 261-282.

²⁹⁷ Viviane Ramond, *A Revista Vértice e o Neo-Realismo Português*. Coimbra: Angelus Novus, 2008, pp. 222-225.

²⁹⁸ José Carlos Seabra Pereira, “As Encruzilhadas do Fim-do-Século”. In Carlos Reis (coord.), *História Crítica da Literatura Portuguesa*. Lisboa: Editorial Verbo, 1995, pp. 15-18. Sem desatender a outros trabalhos, além dos já referenciados, como exemplo: José Carlos Seabra Pereira, *Decadentismo e Simbolismo na Poesia Portuguesa*. Coimbra: [s.n.], 1975, pp. 108, 110-111, 130, 137, 190, 195-196, 222, 257-258, 266-267, 296, 298, 305, 311, 320, 343, 346, 349-350, 362, 379, 381, 392-393, 419, 423-424, 429, 440, 444, 452; Idem, Recensão crítica a “Guerra Junqueiro, o Homem e a Obra” de Manuela de Azevedo. *Colóquio/Letras*, nº 69 (Set. 1982), pp. 90-91; Idem, Recensão crítica a “Guerra Junqueiro” de Leonardo Coimbra. *Colóquio/Letras*, nº 147-148 (Jan. 1998), pp. 370-373.

²⁹⁹ João Mendes, *Literatura Portuguesa*. III. 2ª edição revista. Lisboa: Editorial Verbo, 1983 (1ª 1979), pp. 301-346, que retoma: Idem, “Guerra Junqueiro: Um Profeta-Criança”. *Brotéria*, nº 92 (Maio 1971), pp. 608-618; Idem, “Junqueiro: Os Temas de um Profeta-Criança”. *Brotéria*, nº 92 (Jun. 1971), pp. 754-766; Idem “Guerra Junqueiro: As Imagens do Profeta e da Criança”. *Brotéria*, nº 93 (Jul.-Dez. 1971), pp. 12-27. Além de referências em *Literatura Portuguesa*. III, é do Padre João Mendes, S. J., o seguinte verbete: “Junqueiro (Abílio Manuel de Guerra)”. In *Verbo Enciclopédia Luso-Brasileira da Cultura*. Lisboa: Editorial Verbo, 1971, vol. 11, pp. 924-927.

³⁰⁰ Nuno Júdice, *Poesias de Guerra Junqueiro*. Lisboa: Seara Nova-Editorial Comunicação, 1981. Coleção Textos literários. Nuno Júdice orientou uma dissertação de Mestrado sobre o autor de *Pátria*: Isabel Maria Gonçalves Paulo, *Guerra Junqueiro. O Épico*. Dissertação de Mestrado em Literaturas Comparadas Portuguesa e Francesa dos Séculos XIX e XX, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1994. Policopiada. E, percorrendo um século da literatura portuguesa, não esqueceu Guerra Junqueiro: Nuno Júdice, *Viagem por um século de Literatura Portuguesa*. Lisboa: Relógio d'Água, 1997, pp. 24-25.

³⁰¹ Eduardo Lourenço, *Fernando da nossa Baviera*, Lisboa: Imprensa Nacional, 1986, pp. 111-119. [Recolhe textos publicados: Idem, “De Junqueiro a Pessoa”. *Jornal de Letras* (26 Maio-8 Jun. 1981)].

por Seabra Pereira, designadamente Maria Helena Rocha Pereira³⁰², outros se poderiam aditar, mormente se tivermos em linha de conta que o texto *Do Fim-de-Século ao Modernismo* dista dezassete anos da data em que escrevemos.

Após essa data, colocaríamos, à cabeça das referências, os trabalhos desenvolvidos por António Cândido Franco, com particular destaque para *Guerra Junqueiro, Antologia Poética*³⁰³ e *O Essencial sobre Guerra Junqueiro*³⁰⁴. Não desatendemos, porém, aquele que porventura lhe terá suscitado uma primeira aproximação ao poeta de Freixo de Espada à Cinta, *A Literatura de Teixeira de Pascoaes [Romance de uma Obra]*³⁰⁵, nem as “Cinco Notas sobre Pátria de Guerra Junqueiro” que Cândido Franco escreveu para prefácio da mais recente edição do poema de Junqueiro³⁰⁶, havendo, sobre ele, e entre uma e outra data, outros trabalhos do autor a ler com gosto e proveito³⁰⁷.

³⁰² Maria Helena Rocha Pereira, *As Imagens e os Sons na Lírica de Guerra Junqueiro*. Porto: Livraria Portugal, 1950.

³⁰³ *Guerra Junqueiro, Antologia Poética*. Anotação e selecção de A. Cândido Franco. Lisboa: Guimarães Editores, 1998.

³⁰⁴ António Cândido Franco, *O Essencial sobre Guerra Junqueiro*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2001.

³⁰⁵ Idem, *A Literatura de Teixeira de Pascoaes [Romance de uma Obra]*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000, entre outras, pp. 372-373, 450, 455, 457-458.

³⁰⁶ Guerra Junqueiro, *Pátria*. Lisboa: Vega, 2010, pp. 7-15.

³⁰⁷ Designadamente, e no que ao Poeta diz directamente respeito: António Cândido Franco, *A Epopeia Pós-Camoniana de Guerra Junqueiro (no centenário da publicação de Pátria)*. Lisboa: Gazeta de Poesia do Mundo de Língua Portuguesa, 1996. [Aqui retomando e reformulando textos anteriormente publicados na *Gazeta de Poesia do Mundo de Língua Portuguesa*. nº 3-4. (Out./Inv. 1994), pp. 49-52, com continuação na *Gazeta de poesia. Revista de Literatura, Ciência e Artes*. nº 6. (Out./Inv. 95), pp. 34-43]. O interesse do autor por *Pátria* é manifesto em dois outros trabalhos: “Guerra Junqueiro. “Pátria”, cem anos depois”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias* (2 Jan. 1997), p. 29, col. 3-4 e “A catarse na Pátria de Guerra Junqueiro”. In *Guerra Junqueiro e a Modernidade. (Actas do Colóquio). 3 e 4 de Janeiro de 1997*. Porto: U. C. P. – Porto, 1998, p. [327]-334. Tem ainda assinatura de António Cândido Franco o verbete “Guerra Junqueiro”. In Fernando Cabral Martins (coord.), *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*. Lisboa: Caminho, 2008, p. 374-375. E, embora sem visar especificamente o Poeta de *Os Simples*, julgamos oportuno assinalar: Mário Beirão, *Poesias Completas* [Org. por António Cândido Franco e Luís Amaro. Prefácio de José Carlos Seabra Pereira]. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1996, pp. 114-119, 352-[353], 574-[575], 600-605, 628, 629, 638, 64; António Cândido Franco, *Teoria da literatura na obra de Álvaro Ribeiro*. [s.n.]. Poetas, 1992, pp. 49-54, para não referir artigos de circunstância como: Idem, “A morte e o anjo em Camilo Castelo Branco”. *Tripeiro*, nº 6/7 (Jun./Jul. 1990) pp. 227/226-229.

II. INVESTIGAÇÃO PESSOAL: GUERRA JUNQUEIRO

1. PRIMEIRA IMAGEM E DESPERTAR

Foi a imagem do homem que primeiro nos despertou para Guerra Junqueiro. Colhemo-la em solene conferência, proferida por douta autoridade, no apinhado salão do Paço Episcopal de Bragança, pelos começos do decénio de 90. É uma memória vaga e nebulosa. Mas foi tão impressionante o retrato de Guerra Junqueiro desenhado naquela noite que, anos volvidos – lendo Nemo, isto é, J. Fernando de Sousa, Raul Proença, António Sérgio, Vieira de Almeida, António Sardinha, António Cabral, etc., – se nos recortava e esbatia qualquer outra recordação da remota circunstância.

Nada tinha de lisonjeiro aquele retrato de Guerra Junqueiro. Não seria tão carregado quanto o que o padre José Simões Carreira traçou em finais de 1885: “pior que a fera, que o bandido. Esse tal senhor, que ultimamente nos deu um livro infernal, um livro que só o génio mau, o génio de Satanás, podia conceber e inspirar!...” Por isso, “amaldiçoado homem, amaldiçoado cidadão, amaldiçoado chefe de família, amaldiçoado português, amaldiçoado espírito que assim pensa e que assim escreve!!!”. E porque “aquilo não é homem, é o diabo”, nem o seu nome se dizia “para não ofender Deus”³⁰⁸. Se não foi tão rude o traço do conferencista a que aludimos, também não teve, por certo, a inteligente perspicácia dum Sena Freitas, por sinal bastantes vezes evocado na referida palestra.

Querendo, por todas, encontrar uma representação gráfica, sintética e porventura mais livre das reconstruções da memória, para a nossa primeira imagem de Junqueiro, indicaríamos a de Eugénio de Castro, escrita dois dias após a morte de Junqueiro: “uma convulsiva linha quebrada, zigzagueando em ângulos assimétricos, uns agudos, outros obtusos, uns altos, outros baixos, uma linha comparável a essas que se vêem nos sismógrafos depois de um tremor de terra”³⁰⁹.

Com despreocupada curiosidade, fomos inquirindo sobre Junqueiro, ocasionalmente em conversas e numa ou outra espera a professores, no final das

³⁰⁸ “A Ilustração excomungada”. *A Ilustração*, nº 21 (5 Nov. 1885), p. 322, col. 1.

³⁰⁹ Eugénio de Castro, “Sabugoza e Junqueiro”. In Conde de Sabugoza: *In Memoriam* Lisboa: Portugal, 1924, p. 189. Texto retomado em Idem, *Cartas de torna-viagem*. Lisboa: “Lumen”, 1925, p. [9]-21.

aulas. Não era muito diferente a imagem que recebíamos de quem dele sabia alguma coisa. De tão perfeitamente concordantes, dir-se-ia tratar-se de uma pálida repetição do que ouvíamos naquela noite, como se todos os inquiridos tivessem, como nós, conhecido Guerra Junqueiro no decurso de uma comunicação de boca-a-orelha.

Certo dia, Belarmino Afonso deu-nos a entender que Guerra Junqueiro não teria sido tão mau quanto o pintavam. Ofereceu-nos uma edição de *Os Simples* e um exemplar de *Guerra Junqueiro: O Homem e a Morte* de Moreira das Neves. Estamos-lhe imensamente gratos. Também lhe devemos a publicação das incipientes primícias de investigação junqueiriana. Após elas – considerando talvez que se enganara ao dizer que não perdêssemos tempo, porque Guerra Junqueiro estava completamente estudado – recebemos da sua parte incentivos constantes para o estudo da personalidade do Poeta.

Passava nesse ano de 1991 o primeiro centenário da publicação do *Finis Patriae* e o da revolta do 31 de Janeiro. Sobre esta última, alguma coisa foi então publicada. Nada, porém, especificamente sobre o opúsculo de Junqueiro. Por misterioso estímulo, ocorreu-nos assinalar a efeméride. Mas que podíamos dizer de novo sobre o livro? Tínhamos alguma nova proposta de leitura? Obviamente que não. À data, não dispúnhamos sequer de argumentos capazes para contraditar a hiperbólica força operativa atribuída ao “Caçador Simão”, perspectivada em articulação com o regicídio. Também não sabíamos que dizer ou pensar do facto – tantas vezes afirmado por autores portugueses e brasileiros – de ter Guerra Junqueiro aplaudido e glorificado em absoluto o regicídio e os regicidas. Em prova disso, citava-se determinada carta de Guerra Junqueiro. Onde a podíamos ler? Estaria o texto recolhido em *Horas de Combate* (1924), em *Horas de Luta* (1945) ou em algum outro trabalho sobre Guerra Junqueiro, entretanto, escrito? Não estava. Portanto, apenas na imprensa da época a podíamos ler.

Em *Guerra Junqueiro: A sua Vida e a sua Obra* encontrámos a primeira abordagem ao *Finis Patriae*³¹⁰. Entrevimos a repercussão política do sucesso da obra. Mas fomos sobretudo sensíveis à “lenda tendenciosa de que Junqueiro foi então repellido da convivência dos *Vencidos...*”. Mais ainda, sentimo-nos tomados por

³¹⁰ Lopes d'Oliveira, *Guerra Junqueiro: A sua vida e a sua obra (1880-1923)*. Lisboa: Edições Excelcior, 1955, vol. 2, pp. 176-187.

urticante curiosidade a propósito do ataque que o jornal *A Província* movera ao *Finis Patriae* e seu Autor. Lopes de Oliveira referia-o como uma polémica que “tomou grande vulto”, mas deu apenas um excerto da resposta que Junqueiro dirigiu a um tal Gonçalves Chapeleiro, *alter ego* de Oliveira Martins. Estaria esse texto recolhido em *Horas de Combate*, em *Horas de Luta*, ou em algum outro trabalho sobre Guerra Junqueiro, entretanto, escrito? Não estava. Como ilustração “da atitude de desforço” do Poeta, Lopes de Oliveira mostrava o excerto de uma carta que Junqueiro, a partir de Freixo de Espada à Cinta, endossara a Alberto d’Oliveira, dando conta da formação, em Lisboa, de “uma quadrilha de cachorros para me despedaçar”³¹¹. Onde a teria encontrado o biógrafo? Não o declarava. Estaria a carta integralmente impressa? Existiria, porventura, um epistolário de Guerra Junqueiro? Também estas duas últimas questões tinham – pelo menos assim nos parecia e não estávamos enganados – resposta negativa. Ao tempo, não nos interrogávamos a partir de onde e em que data a escreveu Junqueiro, pois se o fizéssemos também para elas não teríamos encontrado resposta satisfatória. Embora pouco preciso na referência das datas de publicação dos documentos a que aludia, Lopes de Oliveira fornecia elementos para uma aproximação à polémica que “tomou grande vulto”. Propiciava a localização dos dois primeiros ataques, sem assinatura³¹², da jurídica, longa, bem humorada e cortantemente irónica resposta de Junqueiro³¹³, bem como das três réplicas subsequentes, por parte de Joaquim A. Gonçalves, conhecido como Gonçalves Chapeleiro³¹⁴.

Por via dessa procura descobrimos os labirintos da investigação e a espinhosa verdade de que não basta dispor de referências bibliográficas e confiar na sua exactidão. É necessário aceder aos documentos, neste caso jornais, para os ler e porventura transcrever. Segundo anotações da época, uma cópia tardaria de dois a

³¹¹ *Ibidem*, pp. 186-187.

³¹² “Chronica política”: Lisboa, 5. *A Província* (7 Jan. 1891), p. 1, col. 1-3, e “Chronica politica: (supplemento)” Lisboa, 9. *A Província* (10 Jan. 1891), p. 1, col. 1-2.

³¹³ Esta ali devidamente datada por L. de Oliveira. Guerra Junqueiro, “A Propósito do Finis Patriae”. *A Republica Portuguesa* (15 Jan. 1891), p. 1, col. 1-6; p. 2, col. 3.

³¹⁴ Joaquim. A. Gonçalves, “Chronica politica: Ainda o Snr. Junqueiro”. *A Província* (17 Jan. 1891), p. 1, col. 1-3; Idem, “Guerra Junqueiro: o homem de letras, o politico, o miseravel...” *A Província* (19 Jan. 1891), p. 1, col. 1-5; Idem, “Liquidação de contas”. *A Província* (21 Jan. 1891), p. 1, col. 1-2.

três meses. Compreendemos, pois, a razão de encontrar folhas de jornal rasgadas de cima a baixo, apenas em parte, ou cirurgicamente cortadas à tesoura. Da mesma forma, fomos percebendo que, em não poucas situações, a transcrição dos textos era um resgate. Com escrupulosos e demorados cuidados, transcrevemos a defesa do Poeta. Com um enquadramento mais longo do que o necessário, demos-lhe o título de *‘Finis Patriae’ de Guerra Junqueiro: 1º Centenário*, publicando-a depois na *Brigantia*³¹⁵, revista de Cultura do Arquivo Distrital de Bragança, fundada e dirigida por Belarmino Afonso.

A polémica com “Gonçalves Chapeleiro” teve não apenas assinalável “vulto” na época, como consideráveis repercussões para Junqueiro e para nós próprios. A respeito dela, muita prosa se escreveu na imprensa; e muito do que então foi objecto de combate haveria de ressurgir em 1910, na outra polémica que Junqueiro travou com Homem Cristo, director de *O Povo de Aveiro*³¹⁶, e com outros que, entretanto, convocados ou não, ali apareceram a depor. Tudo quanto então serviu propósitos de ataque contra o Poeta, decénios após, por concordância nos propósitos ou carência de investigação, foi sendo repetido e, dessa forma, chegou até nós. Sem que o soubéssemos, ao abeirarmo-nos da contenda com “Gonçalves Chapeleiro”, encontrávamo-nos no coração do vulcão, ou para sermos mais rigorosos, numa das artérias que conduzem ao seu núcleo³¹⁷.

Quando, na carta atrás citada, seguramente de 19 de Janeiro de 1891, Junqueiro se referia à “quadrilha de cachorros” que se formara em Lisboa para o despedaçarem,

³¹⁵ Henrique Manuel S. Pereira, “Finis Patriae de Guerra Junqueiro. 1º Centenário”. *Brigantia*, nº 1-2 (Jan.-Jun. 1991), pp. 155-182.

³¹⁶ Muitas das imputações feitas a Guerra Junqueiro em *O Povo de Aveiro* seriam retomadas em livro, ganhando assim outra latitude: Homem Cristo, *Banditismo Político: A Anarchia em Portugal*. Madrid: Gabriel López del Horno, 1912, pp. 699-774. O segredo da popularidade e venda de *O Povo de Aveiro*, era a “porrada”. Assim o afirmava Homem Cristo, pelos oitenta e dois anos de idade, em entrevista a Plácido Barbosa. Na mesma circunstância, a propósito de Guerra Junqueiro, declara: “Anos mais tarde éramos já amigos e procuram Guerra Junqueiro para abrir a lista das assinaturas da proposta para a minha reintegração no exército. Junqueiro negou-se a assinar, embora concordasse com a proposta e se dissesse meu amigo. Depois de muito instado, confessou: ‘Não assino porque me chamou ladrão!’. Plácido Barbosa, “Um ‘gigante’ do jornalismo português – Homem Cristo”. *Vida Mundial Ilustrada*, nº 90 (4 Fev.1943), p. 3-5. Chamou, de facto, e, por via disso, muitos outros o repetiram.

³¹⁷ Henrique Manuel S. Pereira, “Notas sobre o Político”. In Idem, *Guerra Junqueiro, de Freixo para o mundo*, pp. 85-91.

essa “formação” ficaria porventura a dever-se não tanto ao *Finis Patriae* como sobretudo aos discursos por ele pronunciados, pouco antes, na Câmara dos Senhores Deputados. E onde podem hoje ser lidos esses discursos? Encontram-se recolhidos em *Horas de Combate*, em *Horas de Luta*, ou em algum outro trabalho escrito sobre o Poeta? Não. Entretanto, vai-se repetindo que Guerra Junqueiro falou uma única vez naquela câmara. Afirmações deste teor bastam para que um crítico ou cronista, afeito à pena, juntando-lhe uma meia dúzia de elementos, colhidos não importa onde, encha a sua coluna, com uma antecipada e apreciável vantagem: será lido e, por certo, repetido. Não faltam exemplos que o comprovem e, no “caso Junqueiro”³¹⁸, são fastio. Portanto, Guerra Junqueiro “foi sempre político sem valor. As Musas elevavam-no aos mais altos voos. A política deixou-o sempre a rastejar cá em baixo”. Mas, valha a verdade, António Cabral, mais do que os seus repetidores, sempre foi generoso ao dizer que durante os “cerca de seis anos em que ocupou a cadeira de representante da Nação, Junqueiro [...] pronunciou [...] três ou quatro breves orações, que não prenderam a atenção dos deputados e não dão grande lustre às colunas do *Diário das Sessões*”...³¹⁹. De facto, pela leitura do *Anuário da Câmara dos Senhores Deputados* pouco mais se pode apurar. Mas há outras vias, dispomos de jornais, sendo provável que, pelo decénio de 40, estivessem mais acessíveis e íntegras as suas colecções. O registo de Fialho de Almeida em *Os Gatos*³²⁰ ou as inúmeras caricaturas e desenhos suscitadas a propósito das intervenções de Junqueiro, designadamente, as de Bordalo Pinheiro nos *Pontos nos ii*³²¹, poderiam ter levantado suspeitas a António Cabral e seus divulgadores. Em suma, em matéria política, o Poeta “merece as mais ásperas censuras, sem reservas nenhuma”³²². Foi isto a lei. E, de tão repetida, não valerá a

³¹⁸ Jacinto Prado Coelho [Dir.], *Dicionário de Literatura: Literatura portuguesa*[...]. 4ª edição, Porto: Livraria Figueirinhas, 1997, vol. 2, p. 515.

³¹⁹ António Cabral, *Os Culpados da Queda da Monarquia*, Lisboa, Livraria Popular de Francisco Franco, 1946, p. 259.

³²⁰ Fialho d’Almeida, “O Discurso de Guerra Junqueiro, seu valor como sátira e como protesto”. *Os Gatos*. (Publicação semanal), nº 7 (17 Jul. 1890), pp. 3-7.

³²¹ “O Discurso de Guerra Junqueiro”. *Pontos nos ii*. Ano VI, nº 261 (26 Jun. 1890), pp. [204-205]; “Ainda o magnifico discurso de Guerra Junqueiro”. *Pontos nos ii*. Ano VI, nº 262 (3 Jul. 1890), p. 209.

³²² António Cabral, *Os Culpados da Queda da Monarquia*, p. 247.

sequer a pena aludir à imperdoável “incitação ao regicídio, à *caça do Rei*”³²³, como desnecessário será sublinhar o tratamento, paredes-meias, das “blasfêmias, heresias, impiedades” de Guerra Junqueiro³²⁴.

Por 1891, ano da polémica com Joaquim A. Gonçalves, corria já também, em caudal imenso e movimento crescente, a polémica religiosa, com origem na publicação de *A Velhice do Padre Eterno* e eco particularmente audível na *Autópsia* que Sena Freitas empreendeu e achou por bem dedicar “Aos infectos do micróbio Junqueiro”. Todavia, do ponto de vista das consequências para a imagem do Poeta, mais ainda do que a *Autópsia*, foi, por paradoxal que isso hoje nos pareça, o equívoco nascido da alegada resposta que Junqueiro lhe deu ao compor a insolente sátira *Littré e o Padre Sena Freitas*. São legião as ressonâncias desse equívoco. Em 2005, no Congresso Internacional dedicado, com justiça, a Sena Freitas, Guerra Junqueiro incarnava ainda o papel de desabrido e insolente vingativo de mau gosto.

³²³ *Ibidem*, p. 271.

³²⁴ Idem, *O Talento e os Desvarios de Guerra Junqueiro: Desequilíbrios de um Grande Poeta. Notas e informações inéditas*. Lisboa: Livraria Portugália, 1942, pp. 183-203.

2. DESENVOLVIMENTO E TRABALHO EM PROGRESSO

Em rigor, numa primeira fase, não foi sobretudo o aspecto estético, por onde passam os fundamentais confrontos de poéticas, que nos atraiu para Junqueiro. Foi, repetimo-nos, o homem ou, digamo-lo com alguma ingenuidade, a *persona* poliédrica de Guerra Junqueiro. E foi, mais que tudo, porque nele se “cristalizaram certas obsessões geracionais de sinal vário, alimentando falsas querelas, de que se aproveitaram as ortodoxias e os poderes em confronto, que as utilizaram como um meio de congelar as leituras e interpretações das respectivas obras e acções, muitas vezes numa convivência recíproca”³²⁵.

Guerra Junqueiro não é apenas Poeta, é também pensador, e foi igualmente político e diplomata, homem de ciência, coleccionador de arte e agricultor. Em todas essas dimensões, se bem que em escala diversa, deixou marca. Para o entender, haveria que estabelecer conexões mais vastas que as cingidas ao universo literário. Não nos sentimos apenas tentados mas obrigados a fazê-las. A análise do Poeta, por razões diversas, anda há muito enredada e contaminada pelas demais dimensões ou facetas que compõem a sua figura. Tal asserção, pacífica para uns, suspeita para outros, de muitos parece andar esquecida. Deste ponto de vista, parece-nos particularmente certa a afirmação de Jacinto Prado Coelho ao apontar Guerra Junqueiro como “dos mais curiosos temas de sociologia da cultura” do século XX³²⁶. Por falta de uma obra de referência que o abarcasse, e porque grande parte dos trabalhos parciais não escapam, pela apologia ou detracção, à sobreposição das lentes atrás mencionadas, havia que começar pela base, quase pelo “segredo das raízes”.

2. 1. BIBLIOGRAFIA

Até há pouco, não dispúnhamos sequer de uma cronologia segura ou de uma bibliografia minimamente competente sobre Guerra Junqueiro. Para a primeira,

³²⁵ José Augusto Seabra, “A reabilitação de Junqueiro”. *Jornal de Notícias* (2 Jan. 1997), p. 42, col. 1.

³²⁶ Jacinto Prado Coelho [Dir.], *Dicionário de Literatura: Literatura portuguesa*[...]. 4ª edição, Porto: Livraria Figueirinhas, 1997, vol. 2, p. 515.

procurámos contribuir com *As Barbas de Junqueiro*³²⁷, catálogo de Exposição de Caricaturas, que organizámos em parceria com o Museu Nacional da Imprensa.

A bibliografia suscitada pelo “caso Junqueiro”, seja a favor ou contra (permita-se-nos o redutor binómio apenas por comodidade de expressão), é imensa. A que Amorim de Carvalho organizou – se bem que em 1972 fosse de facto “a relação mais completa”³²⁸ – constitui apenas uma amostra ínfima.

Tomando por ponto de partida o ano de 1923 e por termo a data em que escrevemos, dir-se-ia que o elenco do que se publicou ou reuniu em livro e opúsculo sobre Guerra Junqueiro cabe em pouco mais que duas dezenas de páginas. Considerando-se, porém, segundo o mesmo critério, o ano de 1950 como ponto de partida, apura-se que umas quatro páginas de referências bibliográficas serão suficientes. Mas se se alarga o âmbito de recolha a tudo quanto, em um e outro dos períodos observados, se publicou na imprensa periódica, a respeito de Guerra Junqueiro, o registo excede as 500 páginas. Referimo-nos apenas ao mero elenco de referências bibliográficas colhidas em publicações nacionais. A considerar há também o imenso Brasil, bem como a extraordinária produção pelo sistema espanhol que Alberto de Oliveira, a partir de Buenos Aires, testemunhou³²⁹ e que nós podemos hoje confirmar. (Só em Espanha, um levantamento exaustivo teria de começar em Março de 1873...).

Por fazer, de modo minucioso e exaustivo, está também a bibliografia de Guerra Junqueiro. E é fundamental, tanto mais quanto se sabe que as obras do Poeta são, na

³²⁷ Henrique Manuel S. Pereira, “Cronologia Bio-Bibliográfica: Subsídios para uma Biografia. In Idem, *As Barbas de Junqueiro (Catálogo de Exposição de Caricaturas)*. Porto: Museu Nacional da Imprensa, 1999, pp. [14]-102. Este trabalho, com texto introdutório de Luís Humberto Marcos, estava integralmente escrito em Novembro de 1997. Uma vez entregue para paginação, perdemos-lhe o rasto e só o vimos, impresso já, na abertura da Exposição. Ainda hoje nos perguntamos como apareceu ali a indicação de que Junqueiro nasceu no “lugar de Ligeiros”, (Cf. p. 14). Em todo o caso, na sequência do colóquio *Guerra Junqueiro e a Modernidade*, aquela exposição, configurou a primeira tentativa pública de largo espectro para reavivar a memória de Guerra Junqueiro.

³²⁸ *Obras de Guerra Junqueiro (Poesia)*. Organização e introdução de Amorim de Carvalho. Porto: Lello & Irmão, 1972, pp. [LXV]-LXXX.

³²⁹ “Quero também depor aqui sobre a universalidade dos dotes poéticos de Junqueiro, graças à qual ele se tornou, sem se ter esforçado por isso, numa das mais consagradas glórias literárias da Ibéria, europeia e americana, qualificando-o a Espanha e a América espanhola como o maior poeta ibérico do nosso tempo”. Alberto d’Oliveira, “Guerra Junqueiro”. *O Instituto*, vol. 71, nº 2 (Fev. 1924), p. 54.

sua maioria, fragmentárias, resultando da compilação de poesias ou prosas escritas, e em alguns casos publicadas, anos antes.

Se, em detrimento de uma mera listagem, fastidiosa mas só por si inestimável – embora com frequência menorizada e reservada ao que na gíria académica se designa por “escravos” – visarmos uma bibliografia crítica, a qualificação de *monumental* não é exagerada quando aplicada à bibliografia junqueiriana.

Constituir uma bibliografia tão exaustiva quanto possível *de e sobre* Guerra Junqueiro, publicada em território nacional como além fronteiras, foi o passo mais temerário que demos, estimulados em grande medida pelos contributos da Junqueiriana de Pedro Bandeira que tivemos oportunidade de organizar e catalogar ³³⁰. “Temerário” porquanto um trabalho desse cariz se manifeste inevitavelmente provisório e inconcluso, símile de uma travessia de deserto em que o horizonte parece recuar ao abrir de cada jornal. Não obstante, oferece essa investigação um fecundo campo de perspectivas, permitindo alcançar uma concentração do tempo e do espaço, a partir da qual se torna relativamente fácil estabelecer e iluminar a genealogia das ideias, dos factos e dos argumentos.

Partindo de um elenco bibliográfico, em visão do alto, vislumbra-se uma geografia harmoniosa, entrecortada, aqui e ali, por relevos ou picos que chamam a vista. Mas descer a essa terra é calcorrear a pé, demoradamente, setenta e três anos da história portuguesa (1850-1923), somando-lhe, em passo mais ligeiro mas não menos atento, cerca de nove decénios (1923-2012). É estar atento ao pulsar da história assim balizada no tempo e no espaço, aos grandes motores, aos fracassos e esperanças, suas causas e efeitos, à liturgia do colectivo social, às modas, afinidades, representações (iconográficas e outras), aos movimentos e correntes ideológicas, coexistentes ou contrastantes, às suas narrativas, como às emoções, paixões, afectos, intencionalidades e semânticas dos seus protagonistas, ao que é dito com trombeta amplificada e ao que se cochicha em surdina. Em tudo, nessa viagem, se configura uma memória que, por sua vez, tem subjacente a *proto* e a *meta-memória* da cultura de um povo.

³³⁰ Henrique Manuel S. Pereira, *Percursos e Afinidades*, pp. 157-203.

2. 2. COLÓQUIO, BIOGRAFIA E EPISTOLÁRIO

No remoto ano de 1996, na sequência regular que o Centro Regional da Universidade Católica do Porto se impôs de organizar colóquios em torno das mais significativas personalidades da Cultura Portuguesa do norte, sugerimos o nome de Guerra Junqueiro. Tínhamos em mente a reabertura do “processo” referido por José Gomes Ferreira em 1973³³¹. Recordo que o acolhimento, não tanto pelo que se verbalizou mas mais pelos olhares reactivos, foi tudo menos caloroso. Dir-se-ia que sobre o Poeta pairava ainda a suspeição, quando não mesmo o descrédito, sendo a primeira extensiva como herança a quem dele se aproximasse. Ângelo Alves, Presidente do então Gabinete de Estudos do Pensamento Português, permitiu-nos defender a proposta. Graças a ele, realizou-se o colóquio internacional *Guerra Junqueiro e a Modernidade*, em 3 e 4 de Janeiro do ano seguinte. Contrariando receios, o evento académico convocou mais de 40 comunicações, permitindo algumas, em número significativo – pela releitura mais atenta da Obra de Junqueiro, bem como pela descoberta ou aprofundamento das reflexões de Sampaio Bruno, Leonardo Coimbra³³², Amorim de Carvalho, José Marinho ou Álvaro Ribeiro – a liminar reabilitação de Guerra Junqueiro enquanto Poeta e sobretudo Pensador.

“Mas o homem quem cuidará da sua memória?!”, interrogava, em 1968, Maria Isabel Guerra Junqueiro. “O Homem que iguala o Poeta, se não o ultrapassa – e que anda tão caluniado, tão desfigurado em confrangedoras e horripilantes caricaturas?! Pobre Junqueiro!”³³³. No colóquio sobre o Poeta, de certo modo em sintonia com o desafio da sua filha, ocupámo-nos dessa questão menor que é a discussão do semitismo de Guerra Junqueiro, na tentativa de apontar para os desfocados retratos do homem, sem profundidade de campo, decorrentes da sobreposição de lentes e/ou enquadramentos ideológicos. Curiosa e sintomaticamente, com excepção da nossa, nenhuma das comunicações apresentadas em *Guerra Junqueiro e a Modernidade*

³³¹ José Gomes Ferreira, “No cinquentenário da morte de Guerra Junqueiro”. *Colóquio de Letras*, nº 14 (Jul. 1973), pp. 71-72.

³³² Reeditando-se na circunstância: Leonardo Coimbra, *Guerra Junqueiro*. Porto: Lello Editores-U.C.P.Porto, 1996, com nota prévia e organização de Paulo Samuel.

³³³ *Monumento a Guerra Junqueiro em Lisboa: Acto da Inauguração*. Lisboa. Tipografia Ideal, 1968, p. 50.

“desceu” à biografia, tendo sido porém muitas as que a ela recorreram. Não importará especular agora sobre as razões.

Há anos que vimos trabalhando na biografia do poeta de *Pátria*. Num primeiro momento, afastados do que se deseja circunscrito aos mais relevantes biografemas, empreendemos de forma puerilmente minuciosa e com malhas tão apertadas quanto possível. Desse ponto de vista, privilegiámos a pesquisa pelos jornais. Porquê esse procedimento? Por duas razões essenciais que tentaremos expor.

1. Desde logo, pela condição do terreno minado que pisam quantos, pelo estudo, se aproximam de Guerra Junqueiro. Considere-se como ilustração, um anódino episódio, pois é por esses episódios, na aparência insignificantes, que, com frequência, se inoculam equívocos e tomam forma certas imagens de Junqueiro. Querendo provar que “Guerra Junqueiro levava o seu ódio contra a Igreja ao ponto de desrespeitar em público as mais antigas e venerandas tradições religiosas”³³⁴, Moreira das Neves evoca o caso passado com um tal Evaristo de Vasconcelos. Tal como nós, o autor de *Guerra Junqueiro, o Homem e a Morte* (1942) não experienciou o momento que a sua narrativa *re-presentifica*³³⁵, nestes termos:

Um dia, saiu da Igreja de Santo Ildefonso, no Porto, a Procissão do Senhor aos enfermos, que costumava revestir-se de extraordinária pompa. Junqueiro assiste à passagem do cortejo, mas de chapéu na cabeça. Evaristo de Vasconcelos, que ia junto do pálio, vai ter com o poeta, tira-lhe o chapéu e, sem dizer palavra, coloca-lho nas mãos. Junqueiro aceita, em silêncio, a audácia do gesto....³³⁶

Em que data teve lugar a ocorrência? Foi isso antes ou depois da publicação de *A Velhice do Padre Eterno* (1885)? Antes ou depois das *Orações* (1902, 1904)? Por que via(s) colheu Moreira das Neves a versão dos acontecimentos? Tê-la-á recebido de outiva? Não o declara. Não fossem outras narrativas, seria legítimo questionar se tal facto algum dia ocorreu. Em 1930, Campos Monteiro, no seu “quarto de sentinela” e *contra* os “detractores” de Junqueiro, apresentara esta versão:

Há cerca de trinta anos, fazia o seu comércio, em certa rua central do Porto, um negociante, muito católico e conservador, que votava um ódio muito profundo a Guerra Junqueiro. Não o conhecia pessoalmente, e talvez nunca o tivesse lido. Mas

³³⁴ Moreira das Neves, *Guerra Junqueiro: o homem e a morte*, p. 58.

³³⁵ Porque concordantes, adoptamos aqui o termo usado por Fernando Catroga, *Memória, História e Historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001.

³³⁶ *Ibidem*, pp. 58-59.

asseveravam-lhe os seus contertúlios que Junqueiro era um herege, um vampiro social, em cujo corpo franzino encarnara o próprio Anticristo. Alguém lho apresentou, uma tarde em que o Poeta desfilava, plácida e vagarosamente, pela rua. Então, o comerciante não pode conter-se: avançou para o mostruário, tomou nas mãos convulsas um guarda-chuva de senhora, e com ele agrediu o desprevenido passeante. Uma pancada somente, nas costas, – e a frágil arma ofensiva partiu-se em dois pedaços. O insulto fora simplesmente moral. Nem a mínima equimose. Isso não obstou a que a Imprensa protestasse, e muitos milhares de portuenses desagravassem o grande escritor, levando-lhe a expressão do seu desgosto e da sua solidariedade³³⁷.

Não foi, portanto, esta a fonte de Moreira das Neves. Contas feitas, fica a saber-se que tal episódio teria ocorrido pelo ano de 1900. Mas não, na realidade aconteceu na manhã de 4 de Setembro de 1908, sendo esta a versão apresentada pelo diário republicano *O Norte*, logo transcrita na *Vanguarda*, *O Povo* de Viana do Castelo, etc., sem que tardasse a chegar a Lisboa e Sul do país:

Ontem de manhã passava o *viático* aqui em frente da redacção./ O nosso correligionário e grande poeta Guerra Junqueiro, que dirigia seus passos em sentido inverso, parou e tirou o chapéu, cobrindo-se depois para seguir caminho./ Abruptamente aproxima-se do poeta um tal Evaristo que acumula as funções de relojoeiro com as de malcriado e que acompanhava o préstito religioso. Entre insultos e duestos próprios do tal cavalheiro, atirou ao chão o chapéu de Guerra Junqueiro que suportou resignadamente a injúria, enquanto o homem se ia gabar do seu *heróico* procedimento./ Está assim a reacção: odienta, malcriada e insolente, julgando-se já senhora do mundo./ Protestando contra a criatura que assim procedeu contra o grande poeta e nosso eminente correligionário, apresentamos o facto a todos os liberais como sintomático de que a reacção caminha petulantemente.³³⁸

A Comissão municipal republicana do Porto reuniu, houve exaltados protestos na imprensa, além de ruidosas manifestações de desagravo. Testemunha-o a imprensa, assumidamente republicana ou não. Para o *Jornal de Notícias*, por exemplo, podia “discordar-se das ideias políticas, religiosas e filosóficas de Guerra Junqueiro, mas há duas qualidades que o grande homem possui em grau elevado e que ninguém pode contestar-lho. São elas a organização genial do seu espírito e os primores incomparáveis do seu carácter”³³⁹.

³³⁷ Campos Monteiro, “Quarto de Sentinela: Junqueiro e os seus detractores”. *O Primeiro de Janeiro* (15 Jun. 1930), p. 1-2, col. 1-2.

³³⁸ “Guerra Junqueiro insultado”. *O Norte (Diário Republicano da Manhã)* (5 Set. 1908), p. 1, col. 2.

³³⁹ “Guerra Junqueiro”. *Jornal de Noticias* (10 Set. 1908), p. 2, col. 3.

Bem distinta era a versão do sucedido nas colunas do órgão da reacção, logo transcrita e amplificada. Os leitores de *A Palavra* conheciam bem o caso, “ou, pelo menos, têm *ouvisto alumiar*. Mas não sabem, de certo, como ele em verdade se passou”. Foi assim:

Numa das últimas manhãs, seguia o Sagrado Viático pela rua de Santa Catarina, vindo em sentido contrário, aí por alturas do edifício onde está instalado o *Norte*, o poeta Guerra Junqueiro, que se conservava coberto./ Um dos homens que pegavam às varas do pátio, o sr. Evaristo de Vasconcelos, relojoeiro, ao ver aquele desrespeito feito à religião do Estado, não conhecendo, mesmo, a pessoa que o praticava, aconselhou-o a que se descobrisse, como era seu dever./ Junqueiro recusou-se. O Sr. Evaristo, insistindo, e ameaçando-o com prisão, se o não fizesse, levou quase ao mesmo tempo a mão ao chapéu do poeta e colocou-lho, urbanamente, nas mãos./ Guerra Junqueiro recebeu-o, e, talvez porque reconhecesse que tinha feito mal, ou por outro qualquer motivo, conservou-se nessa atitude enquanto passou o religioso cortejo. Aqui está o grande escândalo, que levantou e está levantando tanta celeuma nos arraiais avançados./ Claramente se vê que procuram um pretexto, e [...].³⁴⁰.

Como se depreende, os desenvolvimentos de uma e outra trincheira político-religiosa não cessaram aqui. Qual, no seu termo, a versão mais próxima da objectiva verdade do sucedido? Talvez nunca o saibamos. Em todo o caso, sendo necessário um posicionamento, ele só seria legítimo após uma equidistante atitude de reserva e suspeita para com ambos os “lados”, e mediante uma lógica de coerência mais ampla.

Foi, porém, *A Palavra* a fonte não declarada e sem contexto da versão apresentada por Moreira das Neves. Seja qual seja a importância que se lhe atribua, e porque publicada em livro, foi praticamente a única versão que perdurou.

Dir-se-á que o registo de tudo isso, enquadrado embora pela obra e acção de Guerra Junqueiro, não passa de “uma mão cheia de dados” e que a *re-presentation* do passado é sempre construção suspeita. Assim é, com efeito, sem esquecer a fronteira que separa o facto da interpretação. Em todo o caso, defendem uns, que a história, se faz com factos. Outros, que “não é com factos mas com ideias e juízos que qualquer história válida se elabora”, uma vez que “um amontoado de factos é apenas um amontoado de factos” e que “só o juízo, a problemática, a busca de inteligibilidade os estrutura e lhes dá vida”. Não podíamos estar mais de acordo. Mas, sublinhe-se a adversativa, “também só em função da sua coerência interna e da coerência com eles,

³⁴⁰ “O caso Guerra Junqueiro: Um camello... por uma agulha. Como se desnaturam os factos. Um poeta servindo de instrumento de vingança. “Boycottage” interessante”. *A Palavra* (10 Set. 1908), p. 1, col. 3-4.

– esses, por vezes, incómodos factos – uma dada interpretação será de aceitar ou de rejeitar.”³⁴¹.

2. Uma segunda razão que, a nossos olhos, e numa primeira fase, justificou fazer um registo detalhadamente minucioso, com malhas tão apertadas quanto possível de *factos*, decorre dos imperativos da organização do epistolário do Poeta que trazemos em processo. Bastará recordar que Guerra Junqueiro só muito raramente datava as suas cartas.

Não se pretende, insistimos, fazer aqui a defesa e a apologia da Biografia e da Epistolografia nem apontar os seus limites. Seria abrir novos caminhos num texto que há muito extrapolou o objectivo do relatório. Não pretendemos fazer uma leitura do Poeta em pauta biográfica. Mas sentindo há muito como imperiosa a necessidade de uma obra de referência sobre Guerra Junqueiro, estamos convictos de que o modelo mais útil à compreensão integral do Poeta é justamente o biográfico o qual, por sua vez, reclama um epistolário e este, de forma particular no caso de Junqueiro, reclama aquele.

Depois de *Guerra Junqueiro: A sua Vida e a sua Obra*, de Lopes de Oliveira, Manuela de Azevedo publicou, em 1981, *Guerra Junqueiro: A Obra e o Homem*³⁴². Pesem embora os constrangimentos apontados – que justificam o carácter lacunar da obra, alguns equívocos, a parcimónia das notas que nos indiquem as fontes, bem como o carácter algo exagerado, se bem que compreensível à data, da defesa e apologia do biografado – consideramos que pertence ainda a Lopes de Oliveira o melhor trabalho de âmbito biográfico sobre Guerra Junqueiro. Contudo, se subscrevemos as críticas que José Carlos Seabra Pereira teceu a *Guerra Junqueiro: A Obra e o Homem*³⁴³, não deixamos de subscrever o assinalar do “enriquecimento documental” que representam os autógrafos e as cartas, se bem que algumas destas não já inéditas, não datadas convenientemente, e quase todas com graves problemas de leitura na transcrição. Conhece-se hoje o contexto em que se elaborou esse

³⁴¹ Joel Serrão, *Prefácio a: José Pereira de Sampaio, Sampaio (Bruno): sua vida e sua obra*. Lisboa: Editorial Inquérito, [1957?], p. 12.

³⁴² Manuela de Azevedo, *Guerra Junqueiro: A Obra e o Homem*. Lisboa: Arcádia, 1981.

³⁴³ José Carlos Seabra Pereira, Recensão crítica a “Guerra Junqueiro, o Homem e a Obra” de Manuela de Azevedo. *Colóquio/Letras*, nº 69 (Set. 1982), pp. 90-91.

trabalho. A Autora não participou directamente na investigação epistolográfica³⁴⁴. Todavia, se não mais decisivo, o contributo de Manuela de Azevedo para o epistolário do Poeta foi bem mais relevante que o de Andrée Crabbé Rocha³⁴⁵.

É facto que muitas cartas perderam o carácter inédito. Não significa, porém, que sejam conhecidas dos estudiosos de Guerra Junqueiro, uma vez que foram publicadas, quer em vida do poeta, quer após a sua morte, em jornais e revistas, permanecendo ali sepultas de forma dispersa e não sinalizadas.

É assinalável o contributo de Moreira das Neves, sobretudo o apêndice de *Guerra Junqueiro, O Homem e a Morte* (1942). Todavia, e referindo-se aos dois volumes de correspondência prometidos pela filha do Poeta, declara que “das cartas de que temos cópia, apenas damos extractos, para não prejudicarmos o volume em projecto”³⁴⁶. Moreira das Neves conhecia outras – “dezenas de originais em arquivos de várias casas particulares” – que achou por bem não publicar: “parte desse espólio deve prevalecer, por enquanto, discretamente defeso aos olhos do público, por diversos motivos”. Mas porque “outra parte merece que se recolha quanto antes e se imprima”³⁴⁷, apela “a todas as pessoas que possuam cartas do autor de *Os Simples*: que de tudo enviem cópia exacta ou, se possível, fotocópia, à Casa-Museu de Guerra Junqueiro-Porto. Assim se livrarão de destruições irreparáveis muitos documentos”. O apelo foi atendido e muitas foram as cartas, mesmo no original, enviadas e oferecidas à Casa-Museu. Sabemo-lo por minuciosos registos colhidos em jornais dos decénios de 1940/60.

É conhecido o historial da Casa-Museu e o seu “desdobramento” na Fundação Maria Isabel Guerra Junqueiro e Luís Pinto de Mesquita Carvalho³⁴⁸. Nesta última se guarda hoje todo o espólio literário do Poeta, incluindo a sua biblioteca particular.

³⁴⁴ Henrique Manuel S. Pereira, *À Volta de Junqueiro*, pp. 188.

³⁴⁵ Andrée Crabbé Rocha, *A Epistolografia em Portugal*. Coimbra: Livraria Almedina, 1965, pp. 351-356. Embora reconheça ser “difícil formar sobre a correspondência de Junqueiro um juízo seguro, dado o número restrito de cartas suas que conhecemos” (p. 351) e declare que as cartas de Junqueiro permitem corrigir “certos aspectos da sua personalidade humana” (p. 353), abona pouco (também) em favor da autora o que ali escreve sobre o Poeta.

³⁴⁶ Moreira das Neves, *Guerra Junqueiro, o homem e*, p. 198.

³⁴⁷ *Ibidem*, p. 197.

³⁴⁸ Henrique Manuel S. Pereira, *Percursos e Afinidades*, pp. 215-266.

Seria natural, portanto, que ali começasse a nossa pesquisa, tanto mais que foi por convite da instituição que dela nos aproximámos para destrinçar, arrumar e tratar informaticamente – ao nível da inventariação do fundo, da descrição bibliográfica, da análise de conteúdo, da classificação (CDU) e da indexação – a biblioteca particular de Guerra Junqueiro. Encontrámo-la em miscelânea confusa e poeirenta com a de seu genro, Luís Pinto de Mesquita Carvalho. Foi isso na sequência do colóquio *Guerra Junqueiro e a Modernidade*. Descontando o contra-relógio imposto por uma remuneração à hora, sob um severo controlo, foi um privilégio lidar com os cerca de 4.000 títulos que pertenceram ao Poeta, registando-lhes as anotações e os sublinhados invariavelmente feitos a lápis. Daquele espólio fazem parte 1351 espécies oferecidas a Junqueiro com dedicatória manuscrita, provenientes dos mais diversos países³⁴⁹. Se nas fichas do *Porbase* nos limitámos, por indicação superior, a assinalar as dedicatórias, nos períodos de intervalo transcrevemo-las de forma integral com cuidados de copista.

Abreviando demoras e para não perder o fio que nos conduzia, em todo esse processo – bem como na elaboração de painéis de grande formato com as obras e textos de Junqueiro, e reconstituição do seu escritório, só possível, ao tempo, pela informação e elementos de imagem de que dispúnhamos – todos os manuscritos e um número considerável de transcrições dactiloscritas oferecidas à instituição, nos foram vedados. Questionado o seu paradeiro, nada se sabia dos documentos ou, em versão alternativa mais recente, estarão guardados em certa entidade bancária, sem que se tivesse ainda achado tempo ou disponibilidade para os levantar. Maria Isabel tinha razão: “é difícil a tarefa de as obter, porque muitos as guardam ciosamente”.³⁵⁰ Seguimos outros caminhos, em Portugal e fora dele. Ressalvando excepções, acabámos por contactar directamente com os originais de que ali se guarda cópia, quando não, por caprichos da vida, tivemos acesso a cópias dos originais ali protegidos.

Por que não editou a filha do Poeta os dois volumes de cartas prometidos desde os inícios de 40? Não certamente pela dificuldade de decifrar a caligrafia de seu Pai,

³⁴⁹ A título de ilustração e por ordem decrescente: Brasil, Espanha, França, Itália, Uruguai, Argentina, Alemanha, Inglaterra, Suécia, Bélgica, Suíça, Cuba, Chile e Venezuela.

³⁵⁰ *Ibidem*, p. 234.

difícil mesmo quando feita com cuidados de “domingo”. Porventura vencida a dispersão dos documentos, a sua não datação e a falta de uma biografia que pudesse auxiliar a colmatar tal lacuna, bem como a fazer anotações pertinentes, terão sido determinantes. Que Maria Isabel Guerra Junqueiro tentou publicá-las não restam dúvidas. No 12º volume da frustrada Edição Centenária, dirigida por Lopes de Oliveira, estavam contempladas “Cartas escolhidas”.

2. 3. DISPERSOS

Em vida, Guerra Junqueiro reuniu *Poesias Dispersas* (1920) e *Prosas Dispersas* (1921) espalhadas por jornais e revistas. “Não é tudo o que tenho disperso. Nem o que presumo melhor”, dirá em Junho de 1920. Não sendo sequer “o que está dentro da época, da moda”, que critério presidiu à recolha do Poeta? “Muitas dessas produções estando fora do gosto actual estão dentro da orientação actual do meu espírito. Foi esse o critério”³⁵¹.

2. 3. 1. Poesia

Postumamente, publicaram-se, em Poesia, e por manifesta vontade de Guerra Junqueiro, *O Caminho do Céu* (1925)³⁵² e *Prometheu Libertado. (Esboço de Poema)* (1926)³⁵³. As *Vibrações Líricas*, de 1929, com prefácio de João Grave, nada de novo ou de disperso trazem do Poeta, limitando-se o volume a retomar composições poéticas publicadas em opúsculo (*Baptismo de Amor, Oração ao Pão, Oração à Luz, O Caminho do Céu e Prometheu Libertado*)³⁵⁴. Em 1950, foi o que dissemos, a propósito da frustrada Edição do Centenário, sabendo-se que muito do que ali se contemplava vinha de longe, sob a forma de projecto e promessa concreta. Ao dizê-lo, não pensamos já na tão propalada *Unidade do Ser*, mas, por exemplo, no *Junqueiro Íntimo* e, sobretudo, nas *Notas à Margem de uma Filosofia*, bem como nos dois volumes de

³⁵¹ A. de B., “Uma voz de profeta: Guerra Junqueiro concede uma entrevista à “Pátria”. O Poeta, o filósofo e o Patriota”. *A Pátria (Diário da Manhã)* (1 Jul. 1920), p. 1, col. 2-3.

³⁵² Guerra Junqueiro, *O Caminho do Céu*. Porto: Livraria Chardron, 1925.

³⁵³ Idem, *Prometheu Libertado. (Esboço de Poema)* Porto: Livraria Chardron, 1926.

³⁵⁴ Idem, *Vibrações Líricas*. Porto: Livraria Chardron, de Lello & Irmão, 1929.

cartas anotadas³⁵⁵, reiteradamente prometidos por Maria Isabel Guerra Junqueiro. Por 1955, Lopes de Oliveira interrogava: “nunca mais se publicarão os *dispersos* de Junqueiro? Nem os de maior originalidade?” É que, pensava ele, “esses não dependem do seu espólio: ainda hoje se podem encontrar – segundo me informam – no Porto, na Casa Lello & Irmão...”³⁵⁶. Talvez fosse isso possível naquela data. Não o é hoje, como já pelos finais do decénio de 90 – período em que pela primeira vez interrogámos o seu paradeiro – o não era. Após isso, entre Janeiro de 1965 e Junho de 1972, Amorim de Carvalho trabalhou em *Obras de Guerra Junqueiro (Poesia)*. Não se trata de obras completas. “À excepção dos versos jocosos e satíricos e da poesia *O Teu Olhar*, reúne-se aqui apenas o que Junqueiro publicou em livro e o que ele deixou para publicar em livro”³⁵⁷. De realçar a excelente introdução crítica que precede o volume, com particular destaque para as “Notas da leitura de revisão”, laboriosas, na generalidade minuciosas e rigorosas, conquanto nem sempre atendidas nas reedições das obras que corrigem. Pese embora as emendas e correcções feitas na segunda edição (1974), outras haveria a fazer. Lamenta-se, por exemplo, que em “Primeiras Páginas e Obras Menores”, das 40 composições poéticas de *A Folha*, apenas se tenha recolhido uma, justamente “O Teu Olhar”³⁵⁸. E em certos pontos, designadamente em “A repercussão da poesia de Junqueiro e seus tradutores”, bem como na “Bibliografia” e “Apêndice” o trabalho acusa profundas limitações, tanto mais compreensíveis quanto, a partir de Paris, se declara que foram elaboradas e escritas “longe de muitos livros de consulta, sobre apontamentos que eu trouxe de Portugal”, com Maria Isabel Guerra Junqueiro, “revendo a biografia, aumentando a bibliografia [...] prestando-me informação, trocando impressões e enviando-me de Portugal quase todo o texto que constitui o Apêndice”³⁵⁹. Como Amorim de Carvalho dirá em carta inédita, datada de

³⁵⁵ Henrique Manuel S. Pereira, *Percursos e Afinidade*, pp. 229-230.

³⁵⁶ Lopes d’Oliveira, *Guerra Junqueiro: A sua Vida e*, vol. 2, p. 55.

³⁵⁷ *Obras de Guerra Junqueiro (Poesia)*. Organização e introdução de Amorim de Carvalho. Porto: Lello & Irmão, 1972, p. XXII.

³⁵⁸ *Obras de Guerra Junqueiro (Poesia)*, 1974, p. 93. A qual, na primeira edição (1972), aparecia isolada entre as *Poesias Dispersas* e *Os Simples*.

³⁵⁹ *Obras de Guerra Junqueiro (Poesia)*, 1974, p. LXXX.

Paris, 5 de Maio de 1973, dirigida a Edgar Lello, “realmente só nós, os Editores e eu, sabemos o que foi a luta de anos e anos para a publicação do livro”³⁶⁰.

São ainda muitos os dispersos poéticos de Guerra Junqueiro. Considere-se, como exemplo, o caso aludido de *A Folha*. Nas suas cinco séries, ao longo de 54 números, Guerra Junqueiro assinou 43 trabalhos, sendo 40 em poesia³⁶¹ e apenas três em prosa³⁶². Todos estes trabalhos se encontram hoje dispersos, com excepção, como vimos, da poesia *O Teu Olhar*, recolhida em *Obras de Guerra Junqueiro (Poesia)* (1972). São, contudo, importantes a vários níveis: é neles nítida a evolução formal do poeta, bem como as suas “reticências”, “cedências” ou “hesitações” liricamente românticas; neles se manifestam as tentativas de Junqueiro produzir obra de fôlego (chame-se ela *O Livro de um Doido*, *O Filho da Orgia* ou qualquer outra não nomeada); significativos são também os nomes dos eventuais dedicatários; e particularmente relevantes as retomas que viria a fazer em obras posteriores. Assim:

Título	Dedicada a	Nº	Série/ano	Retomada em
O livro de um doido. (<i>Excerto</i>).	Pedro Amorim Viana	1	1ª (1868)	<i>Morte D. João: OGJ</i> ³⁶³ , p. 226
Amores		2	1ª (1868)	Cf. <i>Morte D. João: OGJ</i> , p. 280-281
Rosa pálida		3	1ª (1868)	Cf. <i>Morte D. João: OGJ</i> , p. 226
Vergiss Mein Nicht. Lenda Alemã. (<i>Excerto</i>).		5	1ª (1869)	
Drama entre as campas.		5	1ª (1869)	

³⁶⁰ Maria Isabel Guerra Junqueiro querendo ser ajuda, foi muitas vezes empecilho e demora neste processo. Laboriosa e entusiasticamente comprometida com o projecto, deve notar-se que a filha do Poeta contava já noventa e dois anos de idade, à data do lançamento do livro (Junho de 1972). Não terá tido quase tempo de o apreciar, sendo significativa a carta inédita de Lello & Irmão a Amorim de Carvalho, em 6 de Novembro de 1972: “Quanto às notícias da nossa querida Amiga D. Maria Isabel, nada lhe posso adiantar. Mandeí telefonar para saber do estado de saúde dela, e ela própria atendeu, dizendo que está muito bem, e agradecendo a atenção; simplesmente há mais de 6 meses que ninguém a vê fora de casa, e a não ser pelo telefone, não há qualquer contacto. Conhecendo-a como conheço, estranho muito que não tenha feito qualquer apreciação às obras do Pai; disse-me apenas que estavam bonitas, mas que ainda não tinha tido tempo de poder apreciar”. Maria Isabel Guerra Junqueiro faleceu, já com “muitas confusões e esquecimentos”, a 2 de Junho de 1974.

³⁶¹ E não “42 poesias” como, por lapso, afirmou Lopes d’Oliveira (*Guerra Junqueiro: A sua vida e*, vol. 1, p. 40). Em novo lapso incorre o autor ao mencionar, no número nove da segunda série, a composição “As Crianças” (*Ibidem*), uma vez que nem nesse número nem em qualquer outro da colecção de *A Folha* ela se encontra.

³⁶² Estes são, afinal, um único conto, *O Conde Rodrigo*, que, com ultrapassado sabor medievista, Junqueiro nunca chegou, de resto, a concluir.

³⁶³ *Obras de Guerra Junqueiro (Poesia)*. Organização e introdução de Amorim de Carvalho. Porto: Lello & Irmão, 1974.

(*Excerto de um poema inédito*)

O Trovador		6	1ª (1869)	<i>Morte D. João: OGJ</i> , p. 218
Sobre uma campa		7	1ª (1869)	
Canto no Mar		7	1ª (1869)	Cf. <i>Morte D. João: OGJ</i> , p. 201-202
Cair do azul		8	1ª (1869)	Cf. <i>Morte D. João: OGJ</i> , p. 212-215
Soneto		9	1ª (1869)	
A Ernesto Rossi		10	1ª (1869)	
A Casilini		10	1ª (1869)	
Visões. I. II.	J. Penha	12	1ª (1869)	
Visões. III.	J. Penha	13	1ª (1869)	
A dupla embriaguês (Do Béranger).		14	1ª (1869)	
Visões. IV.	J. Penha	14	1ª (1869)	
A queda do anjo. <i>Excerto do poema – O filho da orgia.</i>		15	1ª (1869)	Cf. <i>Morte D. João: OGJ</i> , p. 221-234
Visões. V.	J. Penha	17	1ª (1869)	
O Concílio		1	2ª (1870)	
O Conde Rodrigo		1	2ª (1870)	
Desalento (<i>Do livro de um Doido</i>).		2	2ª (1870)	
O Conde Rodrigo		2	2ª (1870)	
Memórias do Inferno.		3	2ª (1870)	
Alexandre Borgia				
Amor de uma noite		4	2ª (1870)	
Melancolia		5	2ª (1870)	
No mar		6	2ª (1870)	
O conde Rodrigo		6	2ª (1870)	
Orgia	Alexandre da Conceição	7	2ª (1870)	
Êxtase		10	2ª (1870)	<i>Morte D. João: OGJ</i> , p. 196
À luz da lua		12	2ª (1870)	<i>Morte D. João: OGJ</i> , p. 198-199
De noite	M[anuel] de Arriaga	1	3ª (1871)	Cf. <i>Morte D. João: OGJ</i> , p. 142-144
L		2	3ª (1871)	<i>Morte D. João: OGJ</i> , p. 196-197
O teu olhar	A Emília	5	3ª (1871)	
Unção		8	3ª (1871)	
Na soledade		8	3ª (1871)	
Génios (<i>Da introdução dum poema inédito</i>)		1	4ª (1872)	<i>Musa em Férias: OGJ</i> , p. 764-765
Ruínas		2	4ª (1872)	<i>Musa em Férias: OGJ</i> , p. 767-768
Açucenas alemãs		2	4ª (1872)	<i>Musa em Férias: OGJ</i> , p. 766
Divan		3	4ª (1872)	<i>Musa em Férias: OGJ</i> , p. 717
A. L.		6	4ª (1872)	<i>Musa em Férias: OGJ</i> , p. 769
A flor da noite		1	5ª (1873)	
Eurico	Teixeirade Vasconcelos	2	5ª (1873)	<i>Velhice Padre Eterno: OGJ</i> , p. 360
O urso branco		4	5ª (1873)	<i>Musa em Férias: OGJ</i> , p. 750-752

Guerra Junqueiro retomou, em livro, onze composições publicadas em *A Folha*. Algumas no todo ou com alterações quase imperceptíveis, outras em parte. Umas, com a explícita menção de “excerto” ou parte de um outro poema; outras, e em maior número, sem qualquer indicação. Por recurso a abreviatura *Cf.* Apontam-se aproximações facilmente identificáveis. No que a relações de transtextualidade respeita, não tivemos a pretensão de ser exaustivos. Procedendo por leitura paralela

às obras publicadas até 1885 muitas outras passagens ou partes revelam alusões arquitectuais em *A Folha*. Sendo certo que muitos versos foram ostracizados em trabalhos futuros, muitos outros seriam robustecidos quanto à *ideia* ou motivo inspirador.

Onde podem hoje ser encontrados os dispersos a que Lopes de Oliveira se referia em 1955? Não, alegadamente, na Casa Lello & Irmão, nem, alegadamente, na Fundação Maria Isabel Guerra Junqueiro. Nesta, pelos finais de 90, questionámos também as orações populares que o Poeta recolhera da tradição oral, em Trás-os-Montes. Ninguém da Direcção tinha sequer conhecimento delas. Não obstante, não só os jornais, por diversas vezes, aludiram à recolha – que, por manifesta vontade de Junqueiro, seria prefaciada por Henrique Trindade Coelho e Teixeira de Pascoaes – como também ela esteve contemplada no 12º volume da Edição Centenária, sendo designada por “Folclore religioso, recolhido por Junqueiro”. Apenas o desconhecimento destes factos justifica o espanto manifestado por Arnaldo Saraiva no prefácio de *Orações de Ligares Recolhidas por Guerra Junqueiro*, publicadas em 2001, com notável transcrição, classificação, organização e introdução de Maria Aliete Dores Galhoz³⁶⁴.

2. 3. 2. Prosa

O que se disse a respeito da Poesia poderá dizer-se dos textos de Guerra Junqueiro em Prosa, sendo certo que é no Poeta que está o mais verdadeiro Junqueiro. No âmbito do seu compromisso político-social, após *Horas de Combate* (1924)³⁶⁵, e *Horas de Luta* (1945)³⁶⁶, nada de novo foi, entretanto, dado à estampa. Entre uma e outra obra, passaram vinte e um anos. Todavia, dado sintomático, de menos conhecido ou disperso, apenas uma novidade a registar – o texto “A Execução de uma Quadrilha”. No mais, além dos erros nas notas que se lhes apôs, retoma-se o mesmo prefácio de Mayer Garção, e textos já publicados por Guerra Junqueiro em

³⁶⁴ Guerra Junqueiro, *Orações de ligares recolhidas por...* Porto: Campo das Letras, 2001.

³⁶⁵ Idem, *Horas de Combate*. Porto: Liv. Chardron, de Lello & Irmão, 1924, LXXVIII, 82 pp. Com retrato do autor, mas sem Índice (!).

³⁶⁶ Idem, *Horas de Luta (Vitória da França, O Crime, Finis Patriae, Marcha do Ódio, Discursos e Manifestos, Execução de uma Quadrilha)*. Porto: Liv. Lello & Irmão, [1945], XLIX, 196 pp.

opúsculo. Tanto havia a recolher, como, de resto, deixou entrever a gorada Edição do Centenário. Mas, mesmo a esta, faltavam peças importantes.

Atente-se, como exemplo, o quadro do encerramento do Congresso Republicano do Porto, realizado em 2 de Maio de 1910, a cinco meses da implantação da República em Portugal. Na circunstância, presidindo à sessão, Guerra Junqueiro profere um veemente discurso em que contrapõe monarquia e república, diz qual deveria ser, no seu entendimento, a missão da república portuguesa e como se deveria resolver a questão religiosa em Portugal. Considerando que a “sociedade portuguesa, sob o ponto de vista religioso, está constituída por indivíduos de crenças religiosas diversas ou sem nenhuma crença; a maneira de resolver essa questão é dar a mais completa liberdade de consciência a todos os cidadãos”. O autor de *A Velhice do Padre Eterno*, entende que “o homem de governo não tem de legislar para si, para a sua família ou para os seus amigos: tem de legislar para a nação”³⁶⁷. Nesse sentido, propõe:

Liberdade de consciência absoluta;
Separação da Igreja e do Estado, sem hostilidade para a Igreja e, reconhecendo que a Igreja tem uma missão social importante a desempenhar na sociedade portuguesa, dar-lhe-ia todas as garantias e meios de desempenhar essa missão melhor do que a tem desempenhado.³⁶⁸

De passagem, será curioso registar a postura contrastante ao nível dos órgãos de imprensa das trincheiras atrás referidas. O que acabámos de citar pode ler-se ao alto e a toda a largura da primeira página de *A Palavra*, jornal da reacção católica. Grande parte da imprensa republicana radical aborda a passagem do discurso com descritivos vagos, quando não a silencia de todo, caso de *O Mundo*. E continua *A Palavra*, não sem antes declarar que acredita “na sinceridade” das palavras do poeta:

Mas a voz de Guerra Junqueiro foi isolada e discordante na assembleia em que se fez ouvir. Ninguém o apoiou, porque todos pensavam de modo diferente. Contra a opinião do poeta, o congresso resolveu combater a Igreja sem tréguas. Pois não duvidamos reconhecer que foi Guerra Junqueiro o único homem de senso que apareceu naquela babel de ideias e opiniões desencontradas. Perdeu, contudo, o seu tempo, e no congresso ficou bem assente o propósito de combater o clericalismo como único meio de destruir a monarquia.³⁶⁹

³⁶⁷ “O congresso republicano: Sessão d’encerramento”. *O Primeiro de Janeiro* (3 de Maio 1910), p. 2, col. 4-5.

³⁶⁸ “A questão religiosa: Palavras de Guerra Junqueiro”. *A Palavra* (3 Maio 1910), p. 1.

³⁶⁹ *Ibidem*, p. 1.

Em 1921, o que Guerra Junqueiro disse naquele Congresso, estaria seguramente “dentro da orientação do seu espírito”. Todavia, fosse por esquecimento ou porque o considerasse não enquadrável na lógica filosófica e não tribuniária, ele próprio não retomou o texto nas *Prosas Dispersas*. Por conseguinte, lógico e necessário seria encontrá-lo em *Horas de Combate* (1924) ou em *Horas de Luta* (1945). Mas assim não sucede; seja isso porque quem dessa recolha se ocupou não lhe atribuiu importância que transcendesse o momento circunstancial, seja pela necessidade de o reconstruir, seja porque, simplesmente, assim não quis, seja ainda porque dele não teve conhecimento ou, tendo-o, não o encontrou. Esta última hipótese não merece validação, uma vez que ainda hoje, com relativa facilidade e objectividade, é possível reconstitui-lo na sua formulação original, com a apreciável vantagem de ser quase possível apreender a reacção dos que no momento o escutaram. Em todo o caso, apenas pelos registos da imprensa de Maio de 1910 aquele discurso pode ser acompanhado. É apenas um entre muitos exemplos possíveis dos dispersos de Guerra Junqueiro em prosa.

Importará dizer, pois nunca o vimos dito, que aquando da preparação de *Obras de Guerra Junqueiro (Poesia)*, logo em 1965, estava previsto um outro volume em Prosa, podendo e devendo, no declarado entendimento de Maria Isabel Guerra Junqueiro, ali ser incluídos “Os Pensamentos à Margem de uma Filosofia”³⁷⁰, “não só porque tenho o trabalho já ordenado, mas porque muitos desses pensamentos se acham publicados em jornais da época, em vida de meu Pai”. Também no sentido daquele segundo volume, Amorim de Carvalho, em carta inédita a Lello & Irmão, datada de 20 de Janeiro, escreve que “seria lamentável que não se incluísse, com estudo interpretativo indispensável, o que existe da *Unidade do Ser* (em poder da D. Maria Isabel, filha do Poeta)”. Após muita correspondência trocada, em Março de 1967, estava assente que se fariam “2 volumes separados: um só da obra poética e um só da prosa”, reunindo-se, porém, os dois volumes, num só. “Isto”, lê-se em carta daqueles Editores, “é a nossa ideia definitiva”. Todavia, à data, já Maria Isabel manifestara o desejo de não publicar a *Unidade do Ser*, nem sequer os *Pensamentos* ou

³⁷⁰ Sublinhado no original. Também os seguintes sublinhados estão conformes aos originais manuscritos.

Notas à Margem de uma Filosofia. Posto isto, dizem os Editores a Amorim de Carvalho, “tiramos daí essa ideia. [...]. O que precisamos pois é dos originais a incluir, tanto na Poesia como nas Prosas, e só a D. Maria Isabel nos pode fornecê-los, o que aliás nos prometeu; resta saber quando poderá ser isso”.

Mas cumpre perguntar: por que razão não quis Maria Isabel publicar os *Pensamentos* ou *Notas à Margem de uma Filosofia*? A pergunta ganha força se atentarmos nas declarações que ela própria, vinte anos antes, em Setembro de 1943, fez ao *Primeiro de Janeiro*: “Coligi, interpretei e coordenei as *Notas à margem duma filosofia* destinadas a ser publicadas com Prefácio do Prof. Joaquim de Carvalho”. Explicava então que “não se trata de um sistema filosófico, mas apenas de “notas à margem” da filosofia, de pontos de referência, de anotações, que sem dúvida meu pai desenvolveria”. Aditava ainda que eram textos escritos em “diferentes épocas”, “apontamentos de acaso”, alguns “ainda sem forma literária”. Ou seja, “pensamentos soltos”³⁷¹. Anos volvidos, em 31 de Janeiro de 1965, em carta a Amorim de Carvalho, tinha bem presente o esforço que empregara nessa tarefa: “Eu sei quantos meses gastei a pôr em letra legível os *Pensamentos à Margem* etc. A ordenar ou organizar, foi rápido e valha a verdade não concordo muito com a sugestão que então segui, dada pelo Joaquim de Carvalho”³⁷². Contudo, em Março de 1967, decidira-se pela não publicação daqueles “pensamentos”. Não percebemos porquê, tanto mais que “se acham publicados em jornais da época, em vida de meu Pai”. Afirmação que podemos, de resto, confirmar sobejamente.

Restavam, pois, outras prosas para o aludido segundo volume. Mas certo é que em Junho de 1971, ainda Amorim de Carvalho interrogava a filha do Poeta: “De que é constituído, ou de que será constituído, afinal, o *possível* volume das *Prosas*? Das prosas já publicadas? Destas e doutras inéditas, e de cartas, etc.?”. E em Outubro do mesmo ano, face à demora da entrega dos textos, o organizador do volume das *Poesias* descartava-se de tal tarefa: “Fica, pois, assente que outrem organizará o 2º

³⁷¹ Henrique Manuel S. Pereira, *Guerra Junqueiro, Percursos e*, p. 236.

³⁷² Casa Amorim de Carvalho. Arquivo. Correspondência ainda não catalogada.

volume”³⁷³. Uma pessoa o poderia fazer, Lopes de Oliveira, mas o autor de *Guerra Junqueiro: a sua Vida e a sua Obra* faleceu nesse preciso ano.

A *Unidade do Ser* é caso à parte. Além de longa e demorada, de pouco adiantaria traçar aqui a história desta obra, a propósito da qual, em Dezembro de 1935, se afirmava que seria “publicada no próximo mês de Fevereiro”, em simultâneo com a edição espanhola, prefaciada por Miguel de Unamuno³⁷⁴. (Por certo não foi a morte de Unamuno, ocorrida em Dezembro daquele ano o que gorou tal publicação). Em Março de 1943, Maria Isabel declarou ao *Diário de Notícias* que a “*Unidade do Ser*, volume de filosofia” por ela “seleccionado” teria prefácio de Joaquim de Carvalho³⁷⁵. Avançando no tempo, vimos que, em 1950, a obra integrava o 13º volume da Edição Centenária, dirigida por Lopes de Oliveira³⁷⁶. Todavia, em finais de Janeiro de 1965, já a obra se encontrava excluída do segundo volume das *Obras de Guerra Junqueiro (Prosas)*. Por uma razão bem simples que Maria Isabel, em carta a Amorim de Carvalho, deixa entrever:

Não me parece difícil organizar o volume das prosas – desde que se não torne a publicação dependente da *Unidade do Ser*.

Ninguém mais do que eu ambiciona para esse trabalho de Pensamento – que absorveu e dominou toda a vida do Poeta – a publicidade, e pela mão segura de Amorim de Carvalho! V. reúne todas as condições e merece total confiança pelas suas altíssimas capacidades. É uma ambição que se me impõe como dever filial... mas, quem será capaz, em curto prazo, levar a cabo tal empreendimento?! Decifrar hieróglifos em resmas de almaço?! Cadernos e cadernos de apontamentos!³⁷⁷

Igualmente significativa é a resposta a uma suposta insistência por parte do autor do *Tratado de Versificação Portuguesa*:

Fazer cavalo de batalha da Unidade do Ser é perdermos tempo e disposição em discussão inútil. Desde que lhe demonstrei a impossibilidade de pôr em ordem esse trabalho – nem tendo pela frente a perspectiva de um ano! [...] teimar em que a Unidade do Ser teria de ser incluída no volume das Prosas – um sonho! – seria

³⁷³ *Ibidem*.

³⁷⁴ “Ecos e Notícias: “A Unidade do Ser”. *República* (16 Dez. 1935), p. 3, col. 1.

³⁷⁵ Henrique Manuel S. Pereira, *Guerra Junqueiro, Percursos e*, p. 229.

³⁷⁶ Integrando-se nele também “Manuscritos inéditos” e os “Ensaio Espirituais”, bem como “O Rádio e a Radiação – opúsculo em francês”. Isto é: Guerra Junqueiro, *Théorie de Certains Actions Radio-Biologiques*. Porto: Livraria Chardron, de Lello & Irmão, 1910, In-8º, 15 pp.

³⁷⁷ Casa Amorim de Carvalho. Arquivo. Correspondência ainda não catalogada.

prejudicar a edição da obra em curso – uma edição condicionada justamente, à publicação das obras publicadas do escritor – mas não a *Obras Completas*.³⁷⁸

O segundo volume das *Obras de Guerra Junqueiro (Prosas)* nunca chegou a ser organizado. Indecifrados e afastados da vista dos investigadores estarão ainda hoje os “hieróglifos” da *Unidade do Ser*. A obra poderia talvez ser um clarão póstumo, mas ainda não foi.

Com particular ressalva para “A Unidade do Ser (Resumo completo)” – que Junqueiro redigiu já próximo da morte, “*Para me servir de guia no Resumo completo e definitivo que vou fazer da minha teoria*” – publicado em 2003, a instâncias de Joaquim Domingues³⁷⁹, pode dizer-se que há décadas que não aparecem inéditos de Guerra Junqueiro. E no que respeita a dispersos, se bem que marginais à Obra, ou a factos circunstanciais da vida e da acção da *persona* caleidoscópica que Guerra Junqueiro foi, ou ainda a factos pré-literários e contextuais que ajudem a entender a génese e, por vezes, a estrutura da própria obra, caso da *Pátria*, só a partir de 1991, se regista alguma novidade.

Se é verdade que, quanto à Obra, tal não tem obstado a que apareçam, sobretudo após 1997, lúcidas releituras que propiciam nova luz, mormente no plano filosófico, já no que concerne à biografia *lato sensu*, tem-se assistido a uma estéril investigação pautada pela replicação, quando não adulteração, pela paráfrase ou comentários parasitários do que há muito, a maior parte das vezes sem menção bibliográfica da fonte, bem ou mal, foi dito e escrito. Ora, em terra só superficialmente arada, não cultivada, crescem ervas. E assim, no campo junqueiriano, de modo endémico, de forma mais ou menos conspirativa ou tendenciosa, prosperaram os equívocos. Não poucos enigmas e contradições peculiares tão convencionalmente associados a Junqueiro têm na base um desconhecimento do homem. Uma análise global ao autor de *A Morte de D. João* e do *Prometeu Libertado* tem de ser situada contra o pano de fundo da agitada conjuntura em que viveu. Não fazer isso é desfocá-lo, é deformá-lo. É verdade que no sonho messiânico da redenção da Pátria foi mais duradoura a acção da Obra que a do político, mas convém não esquecer esse

³⁷⁸ *Ibidem*.

³⁷⁹ Guerra Junqueiro, “A Unidade do Ser (Resumo completo)”. *Teoremas de Filosofia*, nº 8 (Outono 2003), pp. 35-41.

lugar-comum que é a íntima correlação entre uma e o outro. Guerra Junqueiro foi a antítese do que Aristóteles estabeleceu no “idiota” que se fecha em casa de costas voltadas para os assuntos e responsabilidades da cidade. Com maior ou menor acerto, agiu, interveio, praticou uma cidadania activa.

3. TRABALHOS SUBMETIDOS A APRECIÇÃO

Pelos finais de 2008, primeiros dias do ano lectivo de 2009/10, fomos confrontados com a imperiosa e urgente necessidade de concluir o doutoramento acrescida de uma questão que nos fez virar de bordo e dar novo sentido e objectivo ao nosso trabalho: “o que tem a sua investigação sobre Junqueiro a ver com o Curso de Som e Imagem?”. Em resposta à pergunta assim formulada, pela direcção da Universidade em que leccionamos, nasceu o *Revisitar/Descobrir Guerra Junqueiro*.

Trazíamos em mãos, como atrás deixámos entrever, uma investigação em várias frentes em torno de Guerra Junqueiro (Poeta, pensador e homem de ciência, político e diplomata, agricultor, viticultor e coleccionador de arte), enquadrado no horizonte da sua recepção. Só isso tornou possível a realização, no período aproximado de dois anos e meio, de sete livros, três CD's áudio, dois DVD's, três exposições (duas delas itinerantes pelo país e Espanha), conferências, dinamizações escolares, entrevistas, bem como a edição de cerca de 50 pequenos vídeos e videoclips.

Perspectivados os dois momentos apontados, o *corpus* de trabalho que agora se expõe a competente avaliação divide-se em duas partes organizadas deste modo:

I Trabalhos Impressos [Anexo I]

II. *Revisitar/Descobrir Guerra Junqueiro*: Trabalhos Impressos e/ou Editados em DVD e *Online* [Anexo II].

3. 1. TRABALHOS IMPRESSOS / [Anexo. I]

Contemplando trabalhos publicados ou retomados desde 2005 e, na sua maioria, anteriores a 2009, o conjunto dos textos aqui seleccionados, dos quais se excluem artigos de divulgação publicados em jornal e revista, reflecte as variações metodológicas e temáticas contíguas e correlatas que fomos desenvolvendo na aproximação a Guerra Junqueiro. Desnecessário será dizer que quem escreve estas linhas não é já exactamente a mesma pessoa que os escreveu. Por um ou outro motivo, mesmo nos mais recentes, é grande a tentação de, aqui e ali, os alterar, acrescentar, cortar, reformular. Em todo o caso, nunca sentimos necessidade de os desdizer.

3. 1. 1. Guerra Junqueiro: Percursos e Afinidades (2005)

Porque todo o instante presente é imensamente limitado, exigindo-se distância para o entender e apreender, damo-nos hoje conta, retrospectivamente e em perspectiva, do significado, antes de mais pessoal, que *Guerra Junqueiro: Percursos e Afinidades*³⁸⁰ representa. Os onze textos nele reunidos manifestam de forma pública e firmam no plano íntimo o nosso interesse pelo Poeta.

Configurando uma tentativa de conjurar o esquecimento a que Guerra Junqueiro estava votado, assinalam também o ensaio de uma arrumação de elementos, uma cartografia mínima de linhas de leitura e, caso do primeiro texto, o esboço de um retrato pessoal de Guerra Junqueiro a corpo inteiro. Nele, pelo entrecruzar das linhas da Vida e Obra, se encontram algumas das intuições seminais que fomos desenvolvendo no transcurso do tempo que nos separa³⁸¹. Por via de textos como os de António Sardinha e outros, bem como pela anedota e caricatura, tomou corpo a tese do semitismo de Junqueiro, a ponto de, em 1932, Pierre Hourcade ver nisso uma arma de ataque a Junqueiro³⁸². Dado tanto mais curioso quanto o referido autor é também ele arrolado como “representativo duma corrente de má tendenciosidade”³⁸³. Mais do que fazer prova, a favor ou contra, (embora tivéssemos remontado pela investigação genealógica até ao séc. XVI), procurámos sublinhar que o suposto semitismo de Junqueiro traduz ou dissimula uma complexa problemática, a par de uma grande audácia inventiva³⁸⁴. No que nos parece hoje um exercício pueril feito a propósito das relações de Guerra Junqueiro com o Brasil³⁸⁵, descobrimos um manancial de informação capaz de alimentar, assim me foi declarado, uma tese de

³⁸⁰ Henrique Manuel S. Pereira, *Guerra Junqueiro: Percursos e Afinidades*. Lisboa: Roma Editora, 2005, 273 pp.

³⁸¹ *Ibidem*, pp. 19-46.

³⁸² Pierre Hourcade, *Guerra Junqueiro et le problème des influences françaises dans son œuvre*. Paris: Société d'édition “Les Belles-Lettres”, 1932, p. 31.

³⁸³ Assim depõe Lopes de Oliveira: “Ele é representativo duma corrente de má tendenciosidade, à qual pretendeu dar, por um livro escrito em francês, certa ressonância internacional, e poderá servir de fonte a novas extensões do charco crítico, onde coxam as levianas rãs inchadas de ridículo orgulho – os fracassados versejadores, roídos de inveja e despeito”. Lopes d'Oliveira, *Guerra Junqueiro: A sua Vida e*, vol. 1, p. 82. A este propósito veja-se: Pierre Hourcade, *Temas de Literatura Portuguesa*. Lisboa: Moraes, 1978, pp. 103-125.

³⁸⁴ Henrique Manuel S. Pereira, *Guerra Junqueiro: Percursos e*, pp. 47-58.

³⁸⁵ *Ibidem*, pp. 59-84.

mestrado, orientada por Marçal de Menezes Paredes, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Aliás, foi nossa preocupação a rigorosa menção bibliográfica das fontes, por forma a permitir a outros desenvolver e aprofundar as matérias abordadas. Também ao Brasil e ao mundo académico se liga o que pouco após a sua publicação nos pareceu mera curiosidade no âmbito da recepção: “Junqueiro e os ‘Ditados’ do Além-Túmulo”³⁸⁶. Publicado por primeira vez em 1999, suscitou, naquele âmbito, uma tese de Mestrado apresentada à Universidade Estadual de Campinas³⁸⁷. É linha pela qual nos desinteressámos. Não obstante, e porque Junqueiro concita ainda um extraordinário número de equívocos, o contacto com o universo da psicografia permitiu-nos, em Julho de 2011, colocar sob suspeita o anúncio, feito pela Rádio e Televisão, do achamento de “quase mil documentos”, “inéditos”, de “valor incalculável” de suposta autoria do Poeta. Confirmámos depois, pelo manuseamento dos documentos, que nenhum era, afinal, da sua autoria, não sendo sequer de “ditados” de Junqueiro a partir de além-túmulo. Nos textos que dedicámos aos autores de *Jesus Cristo em Lisboa*, Raul Brandão³⁸⁸ e Teixeira de Pascoaes³⁸⁹, não fomos longe na análise das influências e afinidades electivas, não era esse o nosso objectivo, mas traçámos um minucioso mapa de relações e algumas intertextualidades. Por via disso, propiciámos elementos novos e documentos inéditos, designadamente cartas. Com “À Volta de *Contos para a Infância*” inscrevemos o portuense Pedro Ivo entre os autores que Guerra Junqueiro adaptou e despertámos para o uso/instrumentalização da obra do Poeta na organização dos livros e selectas para a instrução primária, designadamente na vigência do Estado Novo³⁹⁰. Em “Guerra Junqueiro e as Paródias” abrimos uma fecunda linha de investigação que ainda hoje prosseguimos. Com elementos novos, sublinhámos a extraordinária recepção da obra de Junqueiro (também) por via dos textos parodísticos. Esclarecemos a compósita autoria de *A Velhice da Madre Eterna* e

³⁸⁶ *Ibidem*, pp. 85-106.

³⁸⁷ Cf. Alexandre Caroli Rocha, *A Poesia transcendente de Parnaso de além-túmulo*. Tese de Mestrado apresentada à Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos de Linguagem, 2001. Orientada por Haquira Osakabe. Sobre Guerra Junqueiro: pp. 107-130. Policopiada.

³⁸⁸ Henrique Manuel S. Pereira, *Guerra Junqueiro: Percursos e*, pp. 101-123.

³⁸⁹ *Ibidem*, pp. 125-1139.

³⁹⁰ *Ibidem*, pp. 141-156.

sublinhámos a manifesta intenção de com ela se homenagear o Poeta. De resto, contraditando convenções, as paródias à obra de Junqueiro têm por norma a homenagem. Especial importância atribuímos ao ensaio “Maria Isabel Guerra Junqueiro de Mesquita Carvalho: Uma Memória, dois Museus”³⁹¹. Podendo hoje ser substancialmente dilatado, foi-nos útil a três níveis: para compreender o esforço da filha mais velha do Poeta na defesa da memória de seu Pai; para perceber as razões do estado caótico em que até há pouco se encontrava o espólio de Junqueiro; para entrever o porquê do desconhecimento do Poeta por parte de quem dirige as duas instituições criadas por Maria Isabel. Por fim, e bem longe de ser exaustivo, o levantamento oferecido por via de “Junqueiriana: Fundo Bibliográfico”, precedido do seu historial³⁹², constitui, a nosso conhecimento, a bibliografia *de e sobre* Guerra Junqueiro mais completa até hoje publicada³⁹³.

3. 1. 2. Colecção de Faianças Peninsulares de Guerra Junqueiro (2005)

Foi a nossa primeira incursão pública por Guerra Junqueiro enquanto coleccionador de Arte³⁹⁴. Até então e paradoxalmente, era essa uma das dimensões do Poeta menos estudadas e desconhecidas. Mesmo quem dirigia a Casa-Museu e a Fundação Maria Isabel Guerra Junqueiro e Luís Pinto de Mesquita Carvalho, não ia além das inúmeras anedotas e mitos que, a esse respeito, e por um processo cumulativo de distorções, extraordinariamente dinamizadas, se foram dilatando. Por via de 62 documentos inéditos trocados entre Guerra Junqueiro e o Conde do Ameal, fixámos o nosso interesse pelo epistolário do Poeta (hoje é-nos possível datar na quase totalidade aqueles documentos), e contribuímos para o inscrever entre os maiores coleccionadores de arte em Portugal, na viragem do século XIX e princípios do Século XX. Bem longe de mero “bricabraquista”, “burlão”, “traficante de coisas de arte”.

³⁹¹ *Ibidem*, pp. 215-266.

³⁹² *Ibidem*, pp. 157-166.

³⁹³ *Ibidem*, pp. 167-203.

³⁹⁴ Idem, “Colecção de Faianças Peninsulares de Guerra Junqueiro: cartas ao Conde do Ameal – 62 documentos inéditos”. *Museu (Revista do Círculo Dr. José de Figueiredo. Porto)*. Nº 14 (2005), pp. 89-162.

3. 1. 3. Littré e o Padre Sena Freitas: No Quadro da Polémica entre Sena Freitas e Junqueiro: Notas para um “Correctivo” (2005)

Trata-se do texto³⁹⁵ da comunicação apresentada ao *Congresso Internacional Igreja, Sociedade e Cultura: O Padre Sena Freitas e o seu Tempo*, na Universidade Católica Portuguesa de Lisboa, em 21 de Outubro 2005. Durante muito tempo, pelo menos desde 1923, data em que Artur Botelho o afirmou em Livro³⁹⁶, prevaleceu a ideia de que Guerra Junqueiro, incapaz de sustentar a crítica que Sena Freitas lhe movera, respondeu-lhe com uma “poesia imunda e injuriosa”. Não é casual o facto de *Guerra Junqueiro, o Homem e Morte* – livro honesto e de grande valia para o estudo do Poeta, embora nem sempre verdadeiro – ter sido dedicado por Moreira das Neves “À memória do Padre Sena Freitas que fez da pena uma espada e defendeu a verdade como se defende a vida”. Por conseguinte, não se estranhe que um dos capítulos, “O Leão Ferido”, se desenvolva em torno do golpe desferido pela espada de Sena Freitas contra a vaidade do autor de *A Velhice do Padre Eterno*, o qual, “ferido na vaidade intelectual, esquece o que deve à dignidade de escritor, alucina-se na vertigem da glória e atira ao Padre Sena Freitas uma sátira virulenta, último desforço de um vencido”³⁹⁷. Em causa estava precisamente “Littré e o Padre Sena Freitas”. Tal equívoco não teve origem, como dissemos, em Moreira das Neves. Foi ele, todavia, quem mais contribuiu para a sua perpetuidade. Por outro lado, se é verdade que depois, e apenas em parte, o corrigiu, nenhuma das publicações em que o fez se compara, em publicidade e repercussão, à popularidade do livro vencedor do “Prémio

³⁹⁵ Publicado por primeira vez em: Idem, “Polémica entre Sena Freitas e Guerra Junqueiro: Notas para um ‘Correctivo’”. *Brigantia* (Revista de Cultura do Arquivo Distrital de Bragança), nº 1-4 (Jan-Dez. 2007), pp. 691-724, de onde o extraímos para o Anexo. I., seria posteriormente retomado: Idem, “Littré e o Padre Sena Freitas: No Quadro da polémica entre Sena Freitas e Junqueiro. I”. *Brotéria* (Revista de Cultura. Lisboa). (Out. 2007), pp. 263-278; “Littré e o Padre Sena Freitas: No Quando da Polémica entre Sena Freitas e Junqueiro. I”. *Brotéria* (Revista de Cultura. Lisboa). (Nov. 2007), pp. 373-392 e em Luís Machado de Abreu, Jorge Croce Rivera, José Eduardo Franco, Annabela Rita (coord.), *Homem de Palavra: Padre Sena Freitas. Estudos, inéditos e autobiografia*. Lisboa: Roma Editora, 2008, pp. 243-281.

³⁹⁶ Cf. Arthur Botelho, *Guerra Junqueiro, falso poeta: Análise à “Velhice”*. Porto: António Marques, Salvador Pinto, 1923, p. 522.

³⁹⁷ Moreira das Neves, *Guerra Junqueiro, O Homem e*, p. 70.

Ramalho Ortigão (ensaio), atribuído pelo Secretariado da Propaganda Nacional, em 1942. Graças a uma extraordinária rede de vasos comunicantes, por concordância nos propósitos ou carência de investigação, tal equívoco foi sendo repetido e, dessa forma, chegou até 2005, com pesadas consequências para a imagem do Poeta. Com o trabalho em apreço, provámos que a sátira *Sena Freitas*, conquanto visasse o sacerdote e fosse efectivamente escrita por Junqueiro – em 1876, dez anos antes da *Autópsia* (1886), em parceria com Luís de Andrade e por reacção a certa crítica de Sena Freitas ao livro *Caricaturas em Prosa* – não se destinava a ser publicada, como abusivamente foi, em 1881. Desfazendo o equívoco, demos prova, e de forma contrastante, da estatura moral de Guerra Junqueiro.

3. 1. 4. *A Lágrima*, depois do testemunho: G. Junqueiro e Antonio Rey Soto (2006)

É um texto de gratidão e homenagem pessoal a Belarmino Afonso³⁹⁸ em que se aponta para a necessidade de se proceder a um levantamento das traduções da obra de Guerra Junqueiro, no caso concreto para a língua espanhola. Para o efeito, a pretexto de *A Lágrima*, analisam-se as relações do Poeta com Antonio Rey Soto e recupera-se a tradução por ele feita em 1910 (base da edição especial de *A Lágrima*, que viríamos a realizar em 2010). No mesmo passo, apontam-se aqui outras pistas e nomes que importa estudar no sentido de estabelecer as estreitas relações e influência de Junqueiro com Espanha, com particular destaque para o poeta e jornalista Curros Enríquez, tão lacunar e deficientemente referenciado³⁹⁹.

³⁹⁸ Henrique Manuel S. Pereira, “*A Lágrima*, depois do testemunho: G. Junqueiro e António Rey Soto”. *Brigantia*. (Revista de Cultura do Arquivo Distrital de Bragança), nº 1-4 (Jan.-Dez. 2006), pp. 645-654.

³⁹⁹ Cf. *Obras de Guerra Junqueiro (Poesia)*, 1974, p. LXIII.

3. 1. 5. O Cura da “Aldeia” de Junqueiro: Contributo para uma Obra Completa (2008)

O texto⁴⁰⁰ gira em torno de *O Cura da Minha Aldeia*, despretensiosa composição de sabor popular e trovador, docemente anticlerical, escrita por Guerra Junqueiro. Amorim de Carvalho colheu-o, com três quadras, do jornal *O Século* (1887) e apresenta-o em Apêndice a *Obras de Guerra Junqueiro (Poesia)*. Entretanto, também a composição ganhou raízes lendárias. Não faltou quem afirmasse tê-la escrito Junqueiro, com manifesta precocidade, durante a instrução primária e sob inspiração do padre mestre-régio. Pela nossa investigação, afastámos esse simpático quadro. Apurámos ter sido ela escrita em Coimbra, por 1867-1868 e muito provavelmente publicada, pela primeira vez, com apenas cinco quadras, em *O Peregrino* (1871). Inquestionável é que “O Cura da Minha Aldeia” consta de nove quadras. Assim o demonstrámos mediante a reprodução do documento autógrafo de Guerra Junqueiro, assinado pelas iniciais “GJ”.

3. 1. 6. Guerra Junqueiro e as Mediações Francesas: Traduções (2009)

Na linha do que esboçámos a propósito das relações do Poeta com Espanha, o presente texto assume-se sobretudo como trabalho de arqueologia literária e esforço de fixação de uma memória⁴⁰¹. Aqui se reúnem e fixam traduções nunca referenciadas ou referenciadas de forma vaga. Em todo o caso e invariavelmente, são textos de difícil acesso, alguns dos quais publicados em jornais hoje retirados de consulta nas nossas hemerotecas. Se de forma deliberada circunscrevemos a nossa abordagem às relações do Poeta com os lusófilos ou tradutores franceses – Philéas Lebesgue, Maxime Formont, Achille Millien, Jules Supervielle e, mais próximos de nós no tempo, Fernande Lambert, Isabel Meyrelles, Evelyne Kesteven – bastará isso para desmontar a convicção vigente de que a figura e obra poética de Guerra Junqueiro nunca penetrou ou teve eco no meio cultural em França.

⁴⁰⁰ Henrique Manuel S. Pereira, “O Cura da ‘Aldeia’ de Junqueiro: Contributo para uma *Obra Completa*”. *Freyxeno*, nº 9 (Set. 2008), pp. 38-45.

⁴⁰¹ Idem, “Guerra Junqueiro e as mediações francesas: traduções”. In Otilia Pires Martins, (coord.) *Portugal e o Outro: Olhares, Influências e Mediação*, Imprensa de Coimbra, CLC, FCT, Universidade de Aveiro, 2009, pp. 99-146.

3. 1. 7. Guerra Junqueiro, coleccionador de Arte: Da Arte à Estética ou da Teologia como Estética (2009)

Nesta comunicação apresentada ao colóquio internacional sobre *O Pensamento Luso-Galaico-Brasileiro entre 1850 e 2000*⁴⁰² não procedemos pela repetição do que escrevêramos anteriormente, menos ainda pela repetição do que vem sendo dito sobre Guerra Junqueiro coleccionador, que, aliás, é nada, se excluirmos o anedotário impressionista. Pelo aporte de documentos inéditos ou há muito esquecidos – designadamente entrevistas e, sobretudo, cartas do epistolário junqueiriano que trazemos em curso – procurámos dar resposta a questões como: usou Guerra Junqueiro, no exercício do seu coleccionismo, de alguma lógica pré-determinada? Adquiria ele os objectos com o fito de os revender ou estabelecia com eles alguma relação que fosse além da materialidade e valor intrínseco dos mesmos? Qual o seu critério de avaliação das obras e artistas? O que entendia Junqueiro por Arte e que função atribuía ao artista? Por via delas julgamos também ter deixado claro o “processo crescente de espiritualização” a que aludia o próprio Poeta. Conhecemos a resistência dos mitos. Sabemos que para lhes retirar quanto tenham de falacioso ou de meia verdade é preciso bem mais que a “verdade” inteira. Por conseguinte, não tendo sido ali possível apresentar prova de quanto julgamos necessário, sinalizámos algumas outras vias. Uma vez percorridas, é nossa convicção que ficarão, de forma cabal e inequívoca, afastados mitos auto-alimentados pela exploração em conversas, *blagues*, artigos ou livros, como sejam os de Guerra Junqueiro bricabraquista trapaceiro e avaro.

⁴⁰² Henrique Manuel S. Pereira, “Guerra Junqueiro, coleccionador de Arte: Da Arte à estética ou da Teologia como Estética”. In *O Pensamento Luso-Galaico-Brasileiro entre 1850 e 2000: Actas do I Congresso Internacional*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009, vol. 3, pp. 547-574.

3. 1. 8. Naufrágio de um Equívoco (2011)

É de um outro equívoco que aqui se trata⁴⁰³, se bem que nada tenha de intencionalidade corrosiva, ao contrário. E nada tendo também de complexo ou difuso, quase nos é difícil perceber como chegou até nós, a ponto de, em 2010, – na solene abertura, em Lisboa, de uma exposição biobibliográfica que dedicámos a Junqueiro, já no âmbito do projecto *Revisitar/Descobrir Guerra Junqueiro* – uma Ministra da Educação Portuguesa, o ter reavivado publicamente. Colhendo-o na circunstância, um crítico da nossa praça, sem mais nada saber a respeito dele, deu-lhe anuência e porventura novo fôlego. O equívoco reside na convicção de que o poema narrativo “O Náufrago” foi escrito por Guerra Junqueiro. A ser assim, configuraria uma grave lacuna nas *Obras de Guerra Junqueiro (Poesia)*. Mas não, tal composição foi na realidade escrita pelo francês François Coppée. Disso, em discurso despreocupado, procurámos dar prova.

3. 2. REVISITAR/DESCOBRIR GUERRA JUNQUEIRO: TRABALHOS IMPRESSOS E/OU EDITADOS EM DVD E ONLINE / [Anexo. II]

Expõem-se aqui alguns dos produtos realizados no âmbito do *Revisitar/Descobrir Guerra Junqueiro*, projecto do Departamento de Som e Imagem da Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa, por nós concebido e desenvolvido entre os finais de 2008 e 2011. Narrar como nasceu, se desenvolveu e desdobrou o Projecto seria redizer o que já dissemos, se não melhor porventura com outro contexto, nos trabalhos que fomos produzindo e nas sínteses que realizámos⁴⁰⁴.

Há desde logo três ideias e momentos a sublinhar: (1.) subjacente ao projecto, estava uma longa investigação; (2.) o *Revisitar/Descobrir Guerra Junqueiro*, mais que subsequente aprofundamento daquela investigação, configura um desdobramento; (3.) assim, considerado no conjunto, o nosso trabalho, representa também ele um

⁴⁰³ Idem, “Naufrágio de um Equívoco”. *Presença* (Revista da Fundação A Lord), (2011), pp. 38-47.

⁴⁰⁴ Designadamente em: Idem, *Nome de Guerra, A Viagem de Junqueiro. O Documentário, Olhares e Argumento*, pp. 117-127.

projecto, mas de maior latitude e com carácter inacabado, pelas razões que adiante indicaremos.

Génese de tudo foi a seminal pergunta “o que tem a sua investigação sobre Junqueiro a ver com o Curso de Som e Imagem?”. Havia, portanto, pelo som e pela imagem, que fazer essa aproximação e foi com naturalidade que surgiu a ideia de realizar um documentário. Usaríamos os meios disponibilizados pela Escola das Artes e a experiência por nós adquirida na realização e orientação de trabalhos congéneres.

Se a crispação em torno de Guerra Junqueiro baixara de tom, representa isso mais uma mitigação pelo esquecimento que um clarificar ou encerrar do seu processo. Em 1997, com a realização do colóquio internacional *Guerra Junqueiro e a Modernidade*, procurámos reabri-lo. Queríamos dar-lhe continuidade, libertando-o agora dos auditórios académicos em que esteve confinado, expondo-o à reflexão de públicos mais vastos. Para o efeito, chamámos também a depor vozes de outros quadrantes e, pela convocação de novas dimensões e olhares, sem evitar nenhuma das já exaustivamente tratadas, mesmo as mais incómodas ou potencialmente sensíveis, procurámos um novo retrato do Poeta para o século XXI.

Não era a primeira vez que se realizava um documentário sobre o Poeta. Fizera-o já Leonel Brito, em *Escritores da Sua Terra: De Junqueiro a Freixo*, para a RTP, com duração de 25 minutos, pelo ano de 1979. Em finais de 2010, estava o nosso em Pós-Produção, é apresentado *O Douro... nos Caminhos da Literatura: Guerra Junqueiro*. Com duração de 39 minutos, produção executiva da “Ideias e Conteúdos”, apresentação de Francisco José Viegas e coordenação de Mário Augusto Pereira. Além de consultados pela produção, fomos um dos entrevistados para o filme. Se não apreciámos o produto final, foi, porém, com satisfação que apurámos depois ter ele seguido, em termos narrativos e de citação da obra de Guerra Junqueiro, o que escrevêramos no livro *Viajar com Guerra Junqueiro* (1999). De resto, foi em termos visuais que o pensámos, a pedido de Helena Gil, autora e coordenadora do projecto *Viajar com... Os Caminhos da Literatura*, no qual o livro se insere. Naquela data propus e sustentei a ideia de se realizar também, com base nos livros da colecção – sobre Aquilino, Camilo, Eça, Pascoaes, Régio, Torga, etc. – uma série de documentários. Apreciada e registada a ideia, não havia, porém, meios para a concretizar.

Além dos logísticos, também nós não tínhamos os meios necessários. Por outro lado, o retrato de Guerra Junqueiro que queríamos propor não cabia no espartilho de uma curta-metragem e nunca a Escola das Artes, ao longo do seus quinze anos de existência, tentara uma longa-metragem. Não é consensual a duração que separa uma categoria da outra. Aceita-se todavia que um filme curto pode ir até os 30-40 minutos, incluindo os créditos. Conquanto pareça uma simples adição de imagem e som, a passagem de curta a longa-metragem comporta desafios específicos em todas as fases da criação, seja ao nível da Pré-Produção, Produção, Pós-Produção, seja mesmo na Promoção e Distribuição do filme. Com relativa ingenuidade, abraçámos o desafio. Financeiramente apoiados pela Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República, assumindo o compromisso de periódicos relatórios, foi com a longa-metragem de documentário *Nome de Guerra, a Viagem de Junqueiro* que demos início e termo ao que designámos por *Revisitar/Descobrir Guerra Junqueiro*.

Afastado dos planos de estudo desde o decénio de 50, o Poeta será hoje um ilustre desconhecido para as gerações nascidas após 1970. A pequena e jovem equipa – média etária de vinte e dois anos – com que sonhei o documentário atestava-o de forma exemplar, justificando isso o segundo termo do binómio que dá nome ao projecto. Era vasto, portanto, o público-alvo que visávamos. Deste ponto de vista, se o desconhecimento generalizado de Junqueiro por parte da Equipa foi uma dificuldade a vencer, foi também barómetro que nos permitiu ir apurando uma narrativa capaz de seduzir os públicos das gerações mais novas.

3. 2. 1. Web: Blog, Sítio, Facebook (2008 –)

Não é hoje possível um diálogo com aquelas gerações sem que se incorpore na comunicação a *World Wide Web*, esse conglomerado de códigos e linguagens específicas que configura uma “rede de alcance mundial” sedutora e instantânea. Natural era, pois, que o projecto tivesse, no mínimo, um blog, com objectivos definidos, conformes à natureza do meio, e sólida identidade gráfica pautada pela sobriedade, traduzida e firmada num logótipo no interior do qual dialogam o moderno e o clássico, concorrendo para isso a forma, as cores e o uso de uma

tipografia serifada. Criámo-los⁴⁰⁵. À data em que escrevemos conta com mais de 170 *posts* ou artigos, registando um número de visitas que ascende a um milhão. Terá esse dinamismo motivado o triplo elogio por parte da prestigiada plataforma de *blogs open-source* em que se encontra alojado. Também o número de comentários não é vulgar em publicações congéneres. Além deles, e em maior número, registaram-se lisonjeiros e-mails provindos dos vários pontos do globo. Patenteando cerca de cinquenta vídeos e videoclips, bem como fotografias e produtos radiofónicos e televisivos, regista o pulsar das actividades do *Revisitar/Descobrir Guerra Junqueiro*. De mãos dadas com o blog, criámos um *website* ou sítio na internet⁴⁰⁶. Por recurso a múltiplos hipertextos, aqui se oferece rigorosa informação sobre o Poeta, largas dezenas de olhares críticos e sugestiva iconografia. Acima de tudo, sublinhamos a importância de ali disponibilizarmos a obra publicada de Guerra Junqueiro, registando-se até hoje centenas de descargas. Mais recentemente, o projecto abriu conta no *Facebook*.

3. 2. 2. A Música de Junqueiro (2009).

Com excepção do documentário, ao qual umbilicalmente se liga, foi este o trabalho de realização mais difícil em todo o projecto⁴⁰⁷. Surgiu da necessidade de criar uma Banda Sonora para sobre ela ir montando a narrativa fílmica. Não fosse a opção a que nos impusemos e teria sido esse o menor dos nossos desafios. Queríamos, porém, que a música do documentário, mais do que ilustração eficaz, fosse uma outra forma de Guerra Junqueiro se dizer. O que poderia ser melhor, para esse efeito, do que a sua própria obra musicada? Da investigação até então desenvolvida, dispúnhamos de uma quantas poesias musicadas. Tínhamos indícios e vaticínamos a existência de outras. Sem qualquer guia ou bússola bibliográfica, partimos em demanda delas por todo o território nacional, brasileiro e sistema espanhol. Fomos bem sucedidos. Certa Casa-Museu dedicada a um dos nossos

⁴⁰⁵ <http://guerrajunqueiro.wordpress.com/>

⁴⁰⁶ <http://artes.ucp.pt/guerrajunqueiro/>

⁴⁰⁷ Henrique Manuel S. Pereira (coord.), *A Música de Junqueiro*. Porto: Escolas das Artes-UCP. Porto, 2009, 128 pp. ISBN: 978-989-95577-8-9.

compositores afirmava que nunca ele escrevera a peça sobre a qual inquiríamos. Acabámos por encontra-la. E por que não *descobrir* Guerra Junqueiro, também por via da poesia unida à música? Lançámos o desafio e assim, com roupagens de jazz, bossa nova, electrónica, hip-hop, etc., se vestiu também a obra do Poeta. Feita a recolha das pautas, havia que interpretá-las. Paradoxalmente, coabitando na Escola das Artes, paredes-meias, os cursos de Som e Imagem e Música nunca, até então, se tentara lançar pontes entre ambos. *A Música de Junqueiro* propiciou o encontro das margens e a cooperação entre professores e alunos, bem como apreciável enriquecimento ao nível da formação, curriculum e *portfólio*. Complexo, pela dificuldade de harmonizar agendas entre cantores e acompanhantes, bem como pela acústica dos espaços, foi o processo de interpretação e gravação. Em síntese, gravámos quarenta e cinco temas e organizámos dois *Compact Disc* com mais de duas horas e meia de música sobre poesia de Guerra Junqueiro, descrevendo e concentrando um arco temporal de 1884 a 2009. Como fundamentação e suporte, organizámos um livro onde se fixam e ilustram os textos musicados, se analisa, a várias vozes, o significado e alcance do trabalho realizado e se oferece um liminar dicionário de compositores musicais junqueirianos. Distribuído pelo jornal *Público*, o trabalho teve uma edição de seis mil exemplares, quase esgotados.

Pelos meios convencionais que não as ressonâncias e réplicas na Web, *A Música de Junqueiro* mereceu destaque e escrutínio nacional, pela televisão, rádio, imprensa e revistas científicas, tendo atravessado as fronteiras e o oceano. Podendo parecer bandeira excessiva, a verdade é que *A Música de Junqueiro* concitou, talvez, o mais extraordinário e inesperado acolhimento de todos os produtos do *Revisitar/Descobrir Guerra Junqueiro*. Não silenciámos a íntima satisfação pelo facto de sabermos que algumas das suas composições integram já hoje outros CDs, que duas das suas peças são invariavelmente as mais apreciadas e aplaudidas do repertório apresentado no Brasil por António Salgado, por constatarmos a presença da *Música de Junqueiro* nos programas das audições de final de curso de licenciatura e mestrado ou ainda, por as vermos usadas, sob a forma de excerto, em spots publicitários que não produzidos por nós. As composições, de *per si*, confirmam a invulgar recepção da obra de Guerra Junqueiro – por públicos diferenciados pela geografia, idade, gosto, condição social e formação, orientação política ou religiosa. O conjunto reunido configura uma chave

hermenêutica ou, pelo menos, um apreciável indício capaz de sustentar múltiplas reflexões, além das que directamente se ligam à sociologia do gosto ou moderna teoria da recepção da obra de Junqueiro. Quase desnecessário será dizer que a Banda Sonora de *Nome de Guerra*, *A Viagem de Junqueiro* é integralmente composta pela música *de e para* Guerra Junqueiro.

3. 2. 3. Colecção de Postais-Caricaturas (2009)

Tentámos, desde início, incutir na equipa duas divisas de algibeira – é sempre possível fazer melhor; não é necessário gastar muito para produzir com qualidade e impacto – e impor ao nosso trabalho uma escrupulosa contenção de despesas. Parece isso contrastar com a profusão de materiais de divulgação produzidos pelo projecto: cartazes, folhetos, folhas de sala, postais, etc. Assim pensaram alguns. Sucede que tudo não passou de criativo aproveitamento do que por norma é desperdício. Do plano da capa do livro *A Música de Junqueiro*, assim pensada justamente por imperativos de contenção, havia ainda sobras de papel. Cálculos feitos, propiciou o que atrás se refere, do qual releva uma colecção de postais com caricaturas e frases de Junqueiro assemelhadas a aforismos, em número idêntico à edição do livro. Mero aproveitamento de enfeite? Não, uma outra forma de Junqueiro se dizer e de nós o dizermos. Por que não usar-se antes a fotografia, tanto mais que dispúnhamos de um número considerável de cópias e mesmo originais? Porque as destinávamos a outros fins e porque sabíamos de antemão que dificilmente poderíamos usar outros recursos que também possuíamos, como seja a caricatura. Impressiona o número de caricaturas do Poeta. Fizemos uma primeira recolha para as *Barbas de Junqueiro*, em 1997, e quase a triplicámos com posterior investigação. Também a caricatura aponta para o poliédrico carácter dum retrato de Junqueiro, é indício poderoso da sua recepção, com a apreciável vantagem de atingir mais eficazmente os públicos-alvo a que apontávamos. Todavia, pela enfâse e exagero inerentes, as caricaturas são potenciais geradoras de ruído, exigindo cuidado na sua utilização. Procedeu-se, em suma, a uma criteriosa selecção, contrabalançando o tom humorístico com o registo sério conferido pelas frases de Junqueiro, algumas das quais, à data, inéditas ou desconhecidas (postais nºs 3, 6, 7, 8). Apenas o primeiro postal – com síntese biográfica e obra de Junqueiro – foge ao diálogo caricatura-enunciação do Poeta. O

sobrescrito que contém os 10 postais, além da óbvia função, está selado. Se Antero, Eça, Oliveira Martins, Teófilo ou Gomes Leal tiveram porventura mais fortuna nos seus centenários, nenhum chegou às honras de um selo comemorativo. Os selos de Junqueiro ali reproduzidos, de um escudo e 50 centavos, foram emitidos em 2 de Março de 1951 e retirados de circulação em 22 de Abril de 1953.

3. 2. 4. Lançamento/Concerto: A Música de Junqueiro (2010)

Tudo quanto se vem narrando acontecia ainda muito nos bastidores e reclamava cena. *A Música de Junqueiro* era o primeiro produto do Projecto. Como apresentar o trabalho? O silêncio em torno de Guerra Junqueiro tinha o peso de decénios e eram profundas as marcas da negatividade. Impunha isso cuidados de quem toca em ferida. Para o avaliar e comentar, convidámos duas personalidades exteriores à nossa comunidade académica. Uma, José Eduardo Franco, conhecia a seriedade a que determináramos o Projecto. Outra, Ruy Vieira Nery, desconhecendo tudo isso e a nós próprios, conhecia de modo amplo e profundo o panorama musical português. Dispondo de meios logísticos e alguns humanos, ousámos desafiar convenções no lançamento/apresentação. Ao vivo e em directo, prescindindo de apresentador, sem tempos mortos, seguiu-se um alinhamento inesperado. Cruzaram-se linguagens – poesia, música, imagem, sons, dança, 3D – estilos e gerações, artistas de renome e crianças de tenra idade, encerrando a noite, no *hall* de entrada de um auditório apinhado por cerca de 1000 pessoas, o Rancho Folclórico do Porto. O momento impunha registo e também aqui fomos além do habitual. Estabelecemos um rigoroso posicionamento de luzes, câmaras e microfones. Fruto disso, concebemos um DVD⁴⁰⁸. Vencidas as dificuldades de edição e as burocracias de registo no IGAC, estava pronto também ele, enriquecido de Extras, a ser lançado em evento próximo.

3. 2. 5. À Volta de Junqueiro: Vida, Obra e Pensamento (2010)

Entretanto, e em simultâneo, avançávamos com a edição do documentário, para o qual havíamos entrevistado dezenas de personalidades diferenciadas pela formação

⁴⁰⁸ *Lançamento/Concerto: A Música de Junqueiro*. DVD. Porto: Escola das Artes. 114 mins. + Extras. Reg. 7538/2010.

académica, área de especialização, idade, geografia e laços de ligação ao poeta. Procurávamos desse modo, e sem qualquer outro critério, cobrir vários âmbitos (Literatura, Política, História, Religião, Filosofia, Arte e Ciência), bem como convocar interpretações, desejavelmente não convergentes, de várias gerações e nacionalidades (Portugal, Espanha, Brasil e Suíça), que, de outro modo, talvez nunca se cruzassem. Em áudio e vídeo, havíamos registado largas horas de gravação. Tendo em vista um documentário de hora e meia, sem que inicialmente se pretendesse ou previsse, o volume *À Volta de Junqueiro: Vida, Obra e Pensamento*⁴⁰⁹ procura obstar ao inevitável desperdício. Feita uma selecção de entrevistas, conduzida apenas pela riqueza de conteúdos e âmbitos abordados, partimos para a transcrição e revisão com os respectivos interlocutores. Dispensamo-nos de narrar o que foi esse laborioso processo. Para abrir o volume, solicitámos um olhar de cariz filosófico, para o fechar, apelámos a um crítico literário do qual conhecíamos apenas a obra, o apreço por António Sérgio e o particular conhecimento de José Régio. Era um outro público, distinto do de *A Música de Junqueiro* que visámos com este trabalho. Privilegiámos aqui a palavra e a reflexão. E se nem sempre nos cingimos ao estrito papel do entrevistador que cuida do lançamento e ressaltos da pergunta, foi porque em jogo estava a Vida, a Obra e o Pensamento de um nome de Guerra há muito sem exército. Não é a Verdade que ali se diz, mas será este, porventura, do conjunto dos trabalhos realizados no projecto aquele que, de forma rigorosa, mais ilumina e propicia novas abordagens à figura de Guerra Junqueiro.

3. 2. 6. A Lágrima (2010)

Após o evento do lançamento/concerto de *A Música de Junqueiro*, houve quem, tendo ignorado iniciais convites de parceria, se aproximasse de nós no sentido de homenagear Guerra Junqueiro nos 160 anos do seu nascimento e no âmbito do centenário da República que ele ajudou a instaurar. Assim, foi com satisfação que acolhemos os representantes da Câmara Municipal de Freixo de Espada à Cinta. Em parceria, sonhámos novos voos, se bem que o carácter das propostas que nos

⁴⁰⁹ Henrique Manuel S. Pereira, *À Volta de Junqueiro: Vida, Obra e Pensamento*. Porto: Universidade Católica-Porto, 2010, 455 pp. ISBN: 978-972-54-0262-7.

apresentaram fosse vago ou marcado por idealismos fumosos: o caso de se pretender fazer, em menos de um ano, a reedição da Obra de Junqueiro. De reunião em reunião, quando a vontade dos novos parceiros parecia minguar, sugerimos reeditar-se *A Lágrima*, mas em edição especial⁴¹⁰, sob a forma de álbum ilustrado, com fixação de traduções do poema de Junqueiro para castelhano (A. Rey Soto, 1910), francês, (Jules Superville, 1910), italiano (Guido Batelli, 1929), inglês (Kathleen Calado, 2010). Como ali se indica, outras traduções seriam integráveis. Os paratextos em versão bilingue (português/inglês) dariam alcance maior ao volume que, apenas por razões de natureza histórica, sairia com a chancela da Lello & Editores. Não foi obviamente casual a nossa sugestão. Em *A Lágrima* vemos mais do que ela narra, porventura o desenho germinal de uma evolução, o fragmento de uma visão substancial e unitária que Guerra Junqueiro trazia a escrever por dentro, no ano de 1888, no rescaldo de *A Velhice do Padre Eterno*. Muito de Guerra Junqueiro se encontra em *A Lágrima*. É nossa convicção que nasce nela o rio subterrâneo que emerge e toma forma em *Os Simples* para depois, nas *Orações*, se amassar em pão e derramar em caudal de luz cósmica e fraterna.

3. 2. 7. Fiel/Na Feira da Ladra (História de um Piano) (2011)

Se houve quem tivesse ignorado o nosso convite para parceria no Projecto, houve também quem, sem convite, a nós se associasse. É o caso da Fundação ALord, com quem publicámos dois livros. Talvez, com mais propriedade, devêssemos falar de três, uma vez que um deles, *Fiel/Na Feira da Ladra (História de um Piano)*, se apresenta como duplo. Editando anualmente um livro, a ALord manifestou vontade de dedicar um a Guerra Junqueiro. Pela nossa parte, desde o início do Projecto, estava assente a ideia de não publicar nenhum dos textos inéditos que fomos escrevendo sobre o Poeta. Por outro lado, o público a que se pretendia chegar era o juvenil, condicionando isso a publicação de textos do Poeta. Foi neste contexto que nasceu a ideia de reeditar o *Fiel* e retomar um dos dispersos da prosa junqueiriana: *Na Feira da*

⁴¹⁰ Guerra Junqueiro, *A Lágrima*. Porto: Lello Editores 2010, 73 pp. Organização, fixação do texto e introdução de Henrique Manuel S. Pereira. ISBN: 978-972-48-1878-8.

*Ladra (História de um Piano)*⁴¹¹. Irmanados pela mesma paternidade, escritos no mesmo período, dados a público por igual via e ambos com protagonistas que não humanos, faziam sentido juntos. Havia apenas que dar-lhes coabitação em harmonia, explicando-se assim o formato, a ilustração e a fotografia. Mas porque nunca, no decurso do projecto, quisemos apenas bordar em torno de bordados, escrevemos, para um e outro, um texto que os iluminasse e porventura os libertasse de equívocos, caso particular de “Genealogia de uma fidelidade: Exercício *archeo* histórico de um parentesco”.

3. 2. 8. Exposições (2009, 2010, 2011) e Dinamizações Escolares (2010-2012)

Por esta altura, percorria o norte do país a exposição itinerante *Viajar com... Guerra Junqueiro*, integrada no projecto *O Douro nos Caminhos da Literatura*. Perspectivada com carácter itinerante, concebemo-la, texto e iconografia, em dezanove painéis, por solicitação da Direcção Regional de Cultura do Norte. Foi isso em 2009.

No ano subsequente, a Câmara Municipal de Freixo, queria também ela uma exposição sobre o Poeta. Como e com que características não definia exactamente. Sugerimos uma parceria entre a Câmara e o Ministério da Cultura. Afastada a ideia, e porque não víamos vantagem numa abordagem e concepção idêntica à anterior, concebemos uma outra exposição, também itinerante, mas radicalmente diferente, seja do ponto de vista, seja na forma: 7 cubos gigantes (150x800 cm, iluminados). Conduzida por coordenadas biobibliográficas, *Guerra Junqueiro: De Freixo para o Mundo*, privilegia a voz do poeta e convoca largas dezenas de depoimentos de contemporâneos seus. Desafio maior que escrever o texto foi fazê-lo acompanhar de iconografia adequada.

Mais recentemente, enquadrada já numa dinâmica de promoção do filme e projecto desenvolvido, por iniciativa da Fundação ALord, realizámos uma outra exposição, *Nome de Guerra, a Viagem de Junqueiro*. Visando o público em geral,

⁴¹¹ Guerra Junqueiro, *Fiel/Na Feira da Ladra (História de um Piano)*. Porto: Fundação A Lord-UCP. Porto, 2011, 112 pp. Organização, fixação do texto e introdução de Henrique Manuel S. Pereira. ISBN: 978-972-8845-15-5.

privilegiaram-se as crianças do 1º e 2º ciclos. Da exposição decorria uma dinamização escolar extensiva às escolas do concelho de Lordelo. Exigia esse objectivo uma linguagem, textual e visual, acessível, directa e, se possível, tangível. Ali se via a narrativa do projecto, a iconografia produzida em torno dele, procurando mostrar-se Guerra Junqueiro na multiplicidade das suas dimensões. Para o efeito, concebemos um quadríptico de dupla face – visão panorâmica e cronológica de todo o projecto e quadro sintético de Guerra Junqueiro –; criaram-se vídeos de curta duração e deu-se a ouvir certa *Música de Junqueiro*. Em vitrinas, expunham-se manuscritos, primeiras edições autografadas pelo Poeta, várias edições de *Contos para a Infância*, duas edições em braile (*A Velhice do Padre Eterno* e *Os Simples*), medalhas, selos, bustos, etc. Patente, primeiro, na Fundação ALord, entre 1 de Outubro e 10 de Novembro de 2011, a exposição registou visível e inusitada afluência, bem como declarado contágio pela escolas.

Antes e após a estreia do documentário, a pretexto dele e de algumas das exposições, do Centenário da República e/ou da organização de Semanas de Leitura, desenvolvemos outras dinamizações escolares sobre Guerra Junqueiro. Sem excepção, responderam a solicitações por parte das Escolas. Merecendo porventura aqui referência e exposição circunstanciada em ponto autónomo – mesmo por justiça ao criativo empenhamento e cooperação no interior das mesmas, entre as várias áreas disciplinares⁴¹² e curriculares não disciplinares –, limitemo-nos quase a registá-las: Escola Secundária de Ermesinde; Agrupamento de Escolas de Alfena, Escola EB 2/3 Sá Couto, Espinho; Agrupamento de Escolas Doutor Ferreira de Almeida, Santa Maria da Feira; em Bragança: Agrupamento de Escolas Abade de Baçal; Escola Secundária Emídio Garcia; Escola Secundária Miguel Torga.

Considerando as actividades escolares – todas com destaque, não raro de página inteira, na imprensa regional, tempos de antena radiofónico e televisivo, caso de Bragança, e múltiplas referencias na Internet –, bem como o(s) périplo(s) de cada uma das três exposições referidas, de modo particular, o(s) de *Guerra Junqueiro: De Freixo para o Mundo* – em viagem pelo país, de Bragança a Lisboa, e por Espanha, de

⁴¹² Língua Portuguesa, Português, Literatura, História, Desenho, Artes Visuais, Animação Sócio-Cultural.

Salamanca à Galiza – não será difícil entrever o alcance destas sensibilizações, sem precedentes no que se refere a Guerra Junqueiro.

3. 2. 9. Guerra Junqueiro: De Freixo para o Mundo (2010)

Liga-se este livro⁴¹³ à exposição homónima *Guerra Junqueiro: De Freixo para o Mundo*. Como ali dizemos, em dado momento, sentiu-se a necessidade de libertar e dar outra perenidade à narrativa construída, trasladando-a e fixando em suporte de papel, já distinta da dos painéis que a confinam. A isso acrescentamos o texto “Notas sobre o Político”. Concebido como minuciosa análise da acção política de Guerra Junqueiro entre o decénio de 1870 e o termo da sua vida, vimo-nos forçados, por imperativos editoriais e de paginação, a condensá-lo de forma radical. Apenas isso justifica também a ausência da competente menção bibliográfica das fontes que sempre defendemos. Do ponto de vista fotobiográfico, embora longe de ser exaustivo, é, porém, o trabalho mais completo sobre Guerra Junqueiro.

3. 2. 10. Nome de Guerra, a Viagem de Junqueiro. Documentário (2011)

Não cabe aqui a inventariação dos problemas técnicos inevitáveis na realização da longa-metragem de documentário *Nome de Guerra, A Viagem de Junqueiro*⁴¹⁴, pretexto e cerne de todo o Projecto. Dois anos e alguns meses é prazo razoável para que se conclua um filme cujo material bruto de gravação ultrapassa as 150 horas, sem contar com um *terabyte* de documentos digitalizados (manuscritos, livros, jornais, fotografias, caricaturas, etc). Conquanto isso, e tendo em vista uma mais justa avaliação do que representou realizar este trabalho cinematográfico, importará sumariar outros constrangimentos, mais ou menos determinantes. Um filme, por curto que seja, dificilmente é aventura isolada. Exige equipa e especialização específica. Foi esse um dos critérios que usámos para formar a nossa pequena Equipa, maioritariamente constituída por alunos e dois colegas, antigos alunos, no meio académico em que nos situamos. Àquele, juntaram-se dois outros critérios: a

⁴¹³ *Guerra Junqueiro: De Freixo para o Mundo*. Porto: Universidade Católica (Porto), 2010, 96 pp. ISBN: 978-972-98095-3-8.

⁴¹⁴ *Nome de Guerra, a Viagem de Junqueiro*. Longa-metragem de Documentário. Escola da Artes, Som e Imagem, Universidade Católica do Porto. Duração total 140 Mins. Reg. 4529/2011.

disponibilidade e a cumplicidade. Sendo esta última absoluta, a primeira revelava-se relativa. Todo o Projecto cresceu, portanto, nos interstícios das obrigações e solicitações da vida académica. Experimentando e prevendo dificuldades tão prosaicas quanto o acerto de horas para trabalhos conjuntos e a disponibilidade de meios para os realizar, designadamente câmaras, decidimos iniciar o trabalho em período de férias. Em face da dificuldade de encontrar referências fílmicas que sintonizassem com as nossas aspirações, estabelecemos dois critérios mínimos, o segundo dos quais assaz determinante: toda a narrativa fílmica seria conduzida por Guerra Junqueiro e pelas personalidades a entrevistar (escolhidas estas segundo os critérios atrás expressos). Por conseguinte, a voz *off* ficaria reservada ao Poeta. Dirigindo-se directamente ao espectador e não às imagens, seria ele a pontuar os momentos-chave do documentário. Se tal não constituía dificuldade de maior, como escrever um argumento articulado e dinâmico recorrendo apenas às entrevistas? Como se infere, a quantidade, diferença de estilos e pluralidade de âmbitos abordados não constituiu, do ponto de vista do argumento, ajuda apreciável. A estratégica formulação de perguntas comuns, previamente pensada nesse sentido, também não foi bastante para obstar às dificuldades. Dizem-nos que o filme fluiu. Na estreia, perguntaram-nos se os depoimentos estavam combinados. A propósito de aspectos diferenciados, repetidas vezes ouvimos “não fazia ideia nenhuma que...”. Isso bastou-nos, não havendo sequer necessidade de frisar as sequências de maior dificuldade de montagem. Visionando-se o filme, fácil será entrever o que representou descobrir, reunir, e recuperar registos sonoros, fílmicos e fotográficos. Fácil será também adivinhar o que deixámos de fora. É talvez esse aspecto documental, aliado a uma não cedência a facilidades que eventuais manipulações podiam propiciar, o ponto que melhor consubstancia a nossa satisfação. Um documentário não é uma tese, mas há uma tese neste documentário. Desnecessário sublinhar a reputação de alguns dos entrevistados ou as participações especiais, entre outros, de Eunice Munõz, Ruy de Carvalho, Manoel de Oliveira ou Pedro Abrunhosa. Também por desnecessário não prolongaremos aqui a narrativa desta aventura. Apenas uma nota, tocante ainda ao tempo decorrido entre o início e a estreia do filme. Sendo certo que todo o *Revisitar/Descobrir Guerra Junqueiro* se edificou paralelo ao documentário, nada, com ressalva para *A Música de Junqueiro* e seu lançamento, concorreu para a sua demora.

De resto, apenas isso ocupou a pequena Equipa, tanto mais que alguns elementos seguiram o apelo da Vida, profissional ou académica, fora do país. Não se alhearam, todavia, do Projecto nem de quem o conduzia, tendo encontrado maneiras de assinalar a presença. Também lhes estamos imensamente gratos. Na estreia do filme, em conjunto, descobrimo-nos mais despertos e maiores. Assim, queremos acreditar, terá sucedido a quem viu *Nome de Guerra, A Viagem de Junqueiro*, ainda que sem notar certas subtilezas, como seja a menção funcional dos créditos iniciais aparecer escrita, letra a letra, pelo próprio Poeta. Do número de pessoas e instituições envolvidas neste trabalho dão conta os créditos finais. Na duração desse elenco, pelo uso de dois estilos de música radicalmente distintos, frisámos o binómio *Revisitar/Descobrir*. Legendando-o, em inglês e castelhano, dividimos o filme em capítulos. Além do habitual *Making of*, acrescentámos aos Extras outros conteúdos que considerámos relevantes. Como continente de tudo isso, capaz de ganhar asas e correr mundo, concebemos um DVD. Perspectiva-se a exibição do filme na televisão portuguesa, brasileira e espanhola. Em Portugal, é garantido, faltando apenas determinar a data, passará na RTP 2, em horário nobre. Com o Brasil e Espanha estamos neste momento a desenvolver contactos. Em todo o caso, o documentário faz o seu percurso por festivais nacionais e internacionais.

3. 2. 11. Nome de Guerra, a Viagem de Junqueiro: O Documentário. Olhares e Argumento (2011)

Em dado passo, também na montagem dos filmes se perde a distância. São necessários olhares não contaminados pelo processo. Por conseguinte, na fase que antecedeu a Pós-Produção, tivemos o ensejo de o mostrar a pessoas que nada sabiam de Junqueiro e/ou a quem por trabalho feito tinha créditos firmados no universo cinematográfico, em particular, no documentarismo. Destes últimos recebemos o incentivo necessário à realização do presente livro⁴¹⁵. Acreditámos na utilidade pedagógica de lhe publicar o argumento, indicando eventuais fontes bibliográficas. Sempre que o considerámos necessário, aditámos desenvolvimentos ou

⁴¹⁵ Henrique Manuel S. Pereira (coord.), *Nome de Guerra, a Viagem de Junqueiro: O Documentário. Olhares e Argumento*. Porto: Católica. Porto, 2011, 128 pp. ISBN: 978-989-8366-20-7.

contextualizações, caso especial das notas 1 e 51. Conduzidos por idêntico sentido pedagógico, promovemos reflexões sobre o documentário enquanto género e, uma vez fechada a narrativa do filme, sem Pós-Produção ao nível da cor, dos oráculos e do som, submetemo-lo a apreciações. Justifica-se, desta forma, os “olhares” mencionados em subtítulo. Quase sem esforço da nossa parte, quer o documentário, quer o livro mereceram o apoio da RTP 2 e da Antena 1. Para o efeito, puseram em Antena, várias vezes ao dia, num período de três semanas, um *spot* promocional de 20 segundos.

3. 2. 12. Eventos, Conferências, Entrevistas (2009-2012)

Por eventos designamos aqui os momentos singulares em que publicamente cruzámos linguagens artísticas no sentido de criar um espectáculo que, em termos de evocação a Guerra Junqueiro, fosse além do directamente visado na circunstância. Foi assim no lançamento-concerto de *A Música de Junqueiro*, mas também, sem excepção, em maior ou menor escala, no lançamento/apresentação de todos os trabalhos realizados no âmbito do Projecto, dentro como fora da Universidade. Foi assim na rede de Fnacs da cidade do Porto, no Club Literário do Porto ou, com particular relevo, no Teatro Sá de Miranda, em Viana do Castelo, mas também na Fundação ALord, envolvendo o Orfeão e actores da região. Desses eventos procurámos ir dando conta no blog.

Circunscritas ao tempo em que decorreu o Projecto, ultrapassa a dezena o número de conferências e comunicações que proferimos sobre Guerra Junqueiro⁴¹⁶. Pelo convencional monólogo, sem querer impor verdades, mas tão só interpretações,

⁴¹⁶ De modo sumário: *Guerra Junqueiro, Peregrino da Unidade*, Casa-Museu Guerra Junqueiro, Porto; *Guerra Junqueiro: Contradição e Unidade*, Auditório Municipal de Freixo de Espada à Cinta; *Guerra Junqueiro e a República: Ideia, Contributo e Coerência (1890-1923)*, colóquio internacional, Université Paris Ouest Nanterre La Défense; *Guerra Junqueiro. O Republicano: o Pensador de um Novo Regime Político na Passagem do Século*. Auditório do Fórum da Maia; *Guerra Junqueiro: A Voz Poética da República*. Escola Secundária de Ermesinde; *Guerra Junqueiro: (Ainda) um Equívoco*. Pavilhão Multiusos, Espinho; *Guerra Junqueiro: Um Poeta Mal Dito*. Biblioteca Municipal de Santo Tirso; *Junqueiro: Guerra(s) Política(s) e Religiosa(s)*, Agrupamento de Escolas Doutor Ferreira de Almeida, Santa Maria da Feira; *Guerra Junqueiro: Acção, Obra e Memória no Porto*, Congresso “O Porto Romântico”, UCP. Porto; *Guerra Junqueiro: Poesia e Cidadania Activa*, Porta XII: Associação Poética de todas as Artes, Vila Nova de Cerveira; *Guerra Junqueiro: Património Poético e Sentido Religioso*, Auditório Municipal de Bragança; *Reflexões em Torno de um Documentário*. Conferência Internacional Cinema – Arte, Tecnologia, Comunicação, Avança.

nem dissimular fragilidades e excessos ou evitar zonas herméticas ou de sombra, procuráramos activar o diálogo e a reflexão conjunta. Nos auditores, cujas idades ronda a média etária dos sessenta anos, encontrámos invariavelmente os mesmos equívocos e perplexidades. Se assim podemos dizer, referem-se, no grosso, ao Homem e, em menor número ao Poeta. Sendo fácil traçar-lhes a genealogia, difícil, em breves minutos, é desfazer os nós e iluminar-lhes a natureza.

Foram demasiado numerosas as entrevistas que demos em torno de Junqueiro e do Projecto para aqui as podermos listar. Em grande medida deve-se isso ao empenhamento do Departamento de Comunicação da UCP.Porto. Não encarámos a exposição pública como promoção pessoal, mas como serviço, a Guerra Junqueiro, obviamente, mas também à Universidade Católica e, em particular, à sua Escola das Artes. Colheram-se frutos.

3. 2. 13. Outros

No âmbito do Projecto, vários outros trabalhos foram pensados. À data em que escrevemos, uns tiveram concretização⁴¹⁷, outros foram apenas concebidos, outros encontram-se ainda em processo.

Maria Helena da Rocha Pereira, em 1950, com vinte e cinco anos de idade, publicou *As Imagens e os Sons na Lírica de Guerra Junqueiro*. O que pensaria a autora daquele trabalho, hoje esgotado? Por outro lado, na qualidade de inquestionável especialista em Cultura Clássica, que pensaria ela de *O Prometeu Libertado*? Na circunstância da entrevista realizada para o documentário, sugerimos que revisitasse o opúsculo, aditando-o eventualmente com uma abordagem ao inconcluso poema

⁴¹⁷ Por exemplo, e entre outros: *Uma História Cómica-Marítima*. Porto: Escolas das Artes (UCP. Porto), 2011, 64pp. ISBN: 978-989-8366-11-5. Excluído do *corpus* em apreço, descreve, em desenho e quintilhas de cariz jogral, o que foi a aventura do *Revisitar/Descobrir Guerra Junqueiro*. Ali se registam algumas das ressonâncias nos Meios de Difusão Colectiva; se oferece, em CD de áudio, a narrativa dita e sonorizada por ambientes e música medieval original, bem como uma outra música com versos de Junqueiro, *Morena*, composta pela brasileira Francisca Gonzaga. Entretanto por nós descoberta, julgamos ser esta a primeira gravação da peça. Podendo parecer desocupada brincadeira ou exercício narcísico, foi com seriedade que concebemos o opúsculo *Uma História Cómica-Marítima*, outra das publicações feitas em parceria com a ALord. Além do mais, por via dela, jogávamos a motivação, algo semelhante a uma argamassa da Equipa que, reconfigurada e ocasionalmente dilatada, trabalhara ou trabalhava nas várias frentes do Projecto. É necessário, por vezes, brincar para se dizerem coisas sérias. Não apenas para as dizer, também para as motivar, construir e fixar.

junqueiriano. Seria mais um excelente serviço à cultura portuguesa. Foi, pois, com satisfação que promovemos a reedição, com o aditamento de “O esboço do poema *Prometeu Libertado*”⁴¹⁸.

No que concerne aos trabalhos concebidos dois merecem talvez referência sumária.

Girando nós em torno da “Voz poética da República”, ocorreu-nos, na imediata sequência da apresentação-concerto de *A Música de Junqueiro*, a exploração de uma outra forma de arte: o teatro. Tínhamos precedentes que validavam uma relativa experiência. Por que não, no todo ou em parte, levar à cena *Pátria*, cruzando na representação cénica a palavra, obviamente, mas também a luz, o som e a incorporação do vídeo? Também isto não seria aventura solitária. Faltavam à Escola das Artes os meios humanos para a cumprir. Não por acaso, desafiámos o Centro Dramático de Viana para o fazer connosco. Tratava-se de um encontro de vontades. Por via da Peça assinalar-se-iam também os 25 anos de actividades daquele Centro Dramático de Viana do Castelo. Em parceria com o seu então director, o encenador Jorge Castro Guedes, dedicámos ao trabalho largas horas que somaram meses, tendo-se chegado a apurar um guião técnico razoavelmente consistente e minucioso e a estabelecer contactos e confirmações com actores de renome. A ideia não era nova. Seria a materialização da sugestão que José Régio remotamente lançara no “Artes e Letras” de *O Primeiro de Janeiro*, em 1945⁴¹⁹, depois e melhor, em 50⁴²⁰, em textos nunca recolhidos. Por outro lado, não éramos os primeiros a tentar levar *Pátria* à cena. Tentara-o já o Trindade, Teatro de Arte de Lisboa, com peça em um acto, proibida pela Comissão de Censura, em 14 de Junho de 1955. Por razões alheias quer à nossa vontade quer à desejada encenação, Castro Guedes viu-se afastado da direcção do Centro Dramático de Viana e, assim, se gorou a ideia de levar à cena o poema de Junqueiro pelos palcos do país. Mas parar não significa desistir.

⁴¹⁸ Maria Helena Rocha Pereira, *Um Regresso às Imagens e aos Sons na Lírica de Guerra Junqueiro*, 20 pp, sob a forma de Caderno Especial, integrante da revista *Letras Com Vida – (Literatura, Cultura, Arte)*, nº 1 (1º Sem. 2010).

⁴¹⁹ José Régio, “Teatro ‘irrepresentável’: Ou algumas sugestões a bem do teatro português”. *O Primeiro de Janeiro* (14 Mar. 1945), p. 3, col. 6-8.

⁴²⁰ Idem, “A ‘Pátria’ de Junqueiro e o Teatro”. *O Primeiro de Janeiro* (26 Abr. 1950), p. 3, col. 5-7.

Sentíamo-nos gratificados e animados pelo que desenvolvêramos nas e com as Escolas. Nesse sentido, com a concepção de um outro trabalho, tínhamos por objectivo geral uma profunda e mais sistemática sensibilização/dinamização escolar em torno do Poeta, no decurso de 2010, e ao nível dos 1º, 2º e 3º ciclos do Ensino Básico, do Secundário e Profissional. Sob a forma de concurso, tinha por destinatários as escolas e agrupamentos do distrito de Bragança, da Galiza, concelhos de Viana do Castelo, Vila do Conde, Porto, Gaia e Santa Maria da Feira. Seria uma iniciativa de vários departamentos da Universidade Católica, em parceria com a Câmara Municipal de Freixo de Espada à Cinta e Lello Editores. Concebida a ideia, com a designação de *À Descoberta de Junqueiro: da Música à República*, descritos na íntegra os objectivos específicos, elaborado o regulamento do concurso, foi ideia que nós próprios abandonámos, por imperativos de disponibilidade exigida.

Nos trabalhos em processo, se bem que concluídos, aguardando apenas edição, contam-se dois *audiobooks* – *Finis Patriae* e *Os Simples* – e dois filmes de animação, em técnica mista e com música original: *Fiel* (11 min.) e *O Melro* (12 min.).

CONCLUSÃO

O trabalho desenvolvido e concretizado teve foco e propósitos definidos. Apurar os seus efeitos transcende-nos. Semeámos. Talvez até mais no futuro do que no presente em que o fizemos. Assim procedem, afinal, os professores.

Mas estritamente falando, e considerando os trabalhos submersos, o Projecto não chega a ser topo de iceberg. Será reflexo ou, como atrás dissemos, desdobramento da investigação que há muito conduzimos. Grande parte da informação que nos chega de certo passado, já de antes mas sobretudo após 1923, substantivamente enraizada na crítica sergiana, é suspeita e muitas vezes ideologicamente distorcida. A memória, individual ou colectiva não é fotografia do que se passou verdadeiramente. É sempre reconstrução. Segundo misteriosas marés, uma onda de equívocos visita a espaços mais ou menos regulares o nome de Guerra Junqueiro. Para muitos, na visão popular como na cultivada, o Poeta é ainda um emaranhado compósito. As razões esquivam-se a diagnósticos seguros. Múltiplos factores e conjugações desempenham um papel importante, e mesmo os na aparência secundários não deixam de se mostrar relevantes na dramaturgia de vozes. Por outro lado, dentro de um homem, mais ainda Poeta, existem regiões íntimas, privadas, irredutíveis.

Cada um de nós tem as suas limitações e as suas lealdades. As nossas – a partir de certa data, e pese embora a natureza híbrida dos nossos interesses – têm a vantagem de ser quase óbvias. Somos cúmplices do que nos deixa indiferentes. Se por momentos nos descobrimos no ridículo papel de defensores de Guerra Junqueiro foi por certos e obscuros convencimentos de consciência. Descontando a impropriedade do termo, preferimos ver-nos como Amigo que não afasta os olhos do que no outro é excesso, defeito e injustiça, mas também não hesita na apresentação da prova quando em julgamento está a inocência que lhe reconhece. De resto, não há sequer necessidade de construir factos em proveito de hipóteses, nem Junqueiro carece de quem o defenda. Embora mal cuidada, a sua Obra explica-o e defende-o.

O Poeta é dos casos em que o fumo não deixa ver a lenha que o alimenta. Se por vezes dissemos que Guerra Junqueiro não está estudado, não foi por frase de efeito, mas com assumida convicção. Conquanto possa parecer ativa, é, na realidade, bem humilde. Conhecemos o carácter provisório de toda a investigação e sentimo-nos reconhecidos a quantos para ela contribuíram. Dum certo ponto de vista, equivalem-se a nossos olhos quer o louvor quer o anátema a Junqueiro, sejam eles honestos, tendenciosos ou manifestamente falaciosos. O grão de verdade, a hábil meia verdade ou mesmo as distorções, foram-nos úteis para fazer caminho, estabelecendo conexões mais vastas e conduzindo a investigação pela vontade de apurar e compreender as razões recíprocas.

Com frequência sentimo-nos símile do arqueólogo que avança por camadas ou do espeleólogo que progride por cavernas profundas e comunicantes. Associa-se por vezes a simples exploração ou visita de superfície à espeleologia. Mas é, julgamos, confusão. É outro na realidade o nosso campo e método(s). A nossa investigação não se confina ao resgate em profundidade. Demanda desenvolvimento concentrado, mas por expandidos horizontes de tempo, no sentido de apurar novas linhas de leitura. Em tal processo, é difícil harmonizar interrupções e pressão de prazos.

De forma porventura exagerada, queríamos alertar para a necessidade de um estudo global, capaz de se afirmar como referência. Considerando as dimensões reconhecidas em Junqueiro, dir-se-ia que apenas o Poeta e talvez um pouco o Pensador estão crítica e esteticamente estudados.

Sobre Guerra Junqueiro trazemos em desenvolvimento:

- uma ampla bibliografia *de e sobre* o Poeta. Compreendendo publicações nacionais e internacionais, descreve um arco temporal com início em 1864 e termo no ano em curso;
- um levantamento de Inéditos e Dispersos (Verso e Prosa);
- um Epistolário;
- uma Biografia;
- uma ampla recolha e fixação do texto das Traduções (Verso e Prosa);
- Fixação de textos parodísticos suscitados pelas obras de Junqueiro;
- Inventário e recolha da iconografia junqueiriana.

Concluído para publicação, temos:

- *Diálogos para um Perfil*, entrevistas com Junqueiro publicadas em Portugal, Espanha e Brasil;
- Dedicatórias inscritas nos livros oferecidos a Guerra Junqueiro;
- Fixação dos textos que alimentaram as polémicas de Junqueiro;
- Guerra Junqueiro visto pelos seus Contemporâneos;
- Poesias dedicadas ao Poeta (1869-1994);
- Uma Fotobiografia;

Em trabalho a desenvolver em parceria com uma Equipa de especialistas, gostaríamos de fazer:

- a Edição Crítica da obra de Guerra Junqueiro;
- um Dicionário junqueiriano.

Certas vozes, porventura com razão, afirmam que quem com isso se preocupa perde tempo. Mas se a cultura é formada por conceitos não o é também por preconceitos? Com frequência não se notam esses movimentos tectónicos quase imperceptíveis que ocorrem na profundidade da terra mas que na flecha do tempo separam e remodelam continentes. Têm muito disso as forças que se expressam à luz do dia em desfavor de Guerra Junqueiro. Erodidos aqueles movimentos até ao esquecimento, aceita-se o fenómeno sem causas. Não admira que alguns traduzam este Poeta sob a convulsionada forma de “linha quebrada, zigzagueando em ângulos assimétricos, uns agudos, outros obtusos, uns altos, outros baixos, uma linha comparável a essas que se vêem nos sismógrafos *depois*⁴²¹ de um tremor de terra”⁴²². Foi, como dissemos, esta a primeira imagem que recebemos de Guerra Junqueiro. Vemo-lo hoje bem diferente. No fecho do documentário, em deliberada ambiguidade, procurámos traduzir os dois momentos. Ali se escuta “Ai, o teu menino como está mudado!”, verso da “Canção Perdida” dito por Eunice Muñoz. Também por via daquela “Canção” se alude ao Peregrino de *Os Simples* e *O Caminho do Céu*, com rota definida desde *A Morte de D. João*. Do ponto de vista gráfico traduziríamos hoje Guerra Junqueiro por uma linha impetuosamente dinâmica, por múltiplos e diferenciados caminhos, é certo, mas recta e em ascensão para um Infinito onde tudo

⁴²¹ Itálico nosso.

⁴²² Eugénio de Castro, “Sabugoza e Junqueiro”. In Conde de Sabugoza: *In Memoriam* Lisboa: Portugal, 1924, p. 189.

converge. “Guerra Junqueiro, da contradição à unidade polifônica” poderia, pois, bem ser o título da tese que queríamos ter apresentado.

Por isso, pese embora o *corpus* de trabalho submetido a avaliação, e porque não conseguimos verbalizá-lo de forma precisa, diríamos que o texto presente nos sabe a vagaroso roer de osso descarnado por um cansado rolar de noites. Nelas, a passos dados, em persistente visita, se nos representava Junqueiro sob a despropositada forma das figurações russas em que apenas uma peça parece importar: a última, a única que não é oca. Todavia, de encaixe em encaixe, todas as outras se revelam pertinentes ao conjunto. Outras vezes, como neste preciso momento sucede, é a última frase das *Mitológicas* de Lévi-Strauss que me visita: “isto é, nada”. Em certo sentido, tomando por termo de comparação o que desejaríamos ter pronto para mostrar, “nada” parece ser a única palavra capaz de traduzir o que apresentamos. Anima-nos que o grau de Doutor não seja hoje quase o termo da carreira académica mas a carta de alforria que quase a começa. Anima-nos o que trazemos a fazer-se. E, em face disso, não gostaríamos que “nada” fosse a última palavra.

RIA – Repositório Institucional da Universidade de Aveiro

<http://ria.ua.pt>

Estes anexos só estão disponíveis para consulta através do CD-ROM.

Para consultar o CD-ROM deve dirigir-se ao balcão de atendimento da Biblioteca da UA.

Serviços de Biblioteca, Informação Documental e Museologia
Universidade de Aveiro